



Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

ÍNDICE

PORTO
ALEGRE

RIO
GRANDE
DO SUL

I Tri-
mestre
de

1943

Centenário do Visconde de Taunay — por <i>Prof. Walter Spalding</i>	1
<i>Prof. Angelo Guido</i>	6
<i>Dr. Olinto Sanmartin</i>	10
<i>Dr. Milton Quintana</i>	12
Um trabalho de Teodoro Sampaio	17
Mamíferos fósseis do Brasil — por <i>C. de Paula Couto</i>	27
O Ensino Militar no Brasil (Período Colonial) — por <i>Cap. Adailton Sampaio Pirassinunga</i>	55
Aspectos Econômicos da velha Porto Alegre — por <i>Dr. Olinto Sanmartin</i>	125
Nótulas Bibliográficas	139

R E V I S T A
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO
RIO GRANDE DO SUL

ANO XXIII — I TRIMESTRE DE 1943 — N.º 89

Centenário do
Visconde de Taunay

I

ALFREDO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY

*(Trabalho lido pelo Prof. WALTER SPALDING, na sessão comemorativa do Centenário de Taunay e na Rádio Soc. Farrouphi-
lha — P. R. H. 2).*

A celebração do centenário dos grandes vultos nacionais é não só dever de gratidão, como obrigação patriótica, pois é através a história real de suas vidas que melhor se implanta na mocidade o amor à Pátria e a defesa de nosso ainda jovem mas já avultado patrimônio intelectual.

O Visconde de Taunay, cuja data centenária hoje se comemora, pertence a esse grupo inolvidável de patriotas extremados, cuja vida foi exemplo frisante de sã brasilidade a ser apontado, dia a dia, à geração atual que, em virtude de tantas doutrinas exóticas manhosamente jogadas no seio das famílias, quando menos criam um ambiente de pessimismo e dúvida, prejudiciais à saúde da mesma família, da sociedade e da Pátria.

Polígrafo emérito, em todas as províncias das letras brilhou, deixando modelos vivos de boa linguagem e de exemplos extraídos das crônicas gloriosas de nossa história pátria. *Histórias Brasileiras*, ou *Narrativas Militares*, ou qualquer outro de seus livros sobre nossa história militar e, mormente aquele monumento que se intitula *A Retirada da Laguna*, dão ao Visconde de Taunay lugar de destaque entre os nossos maiores escritores no gênero se a todos não sobrepujar pelo seu amor entranhado à verdade.

Romancista, entre seus romances sobressai aquele que foi traduzido em onze línguas e inspirou dramaturgos e artistas nacionais e estrangeiros desde Silio Bocanera e José Clemente Soto e Emiliano Perneta que escreveu o libreto para a ópera de Leo Kessler, e ao cinema que o aproveitou em 1915. *Inocência* é, em verdade, obra prima do romance brasileiro e, quiçá, o maior romance nacional.

Descendente de nobre família francesa que aportou no Brasil no primeiro quartel do século XIX com a famosa missão artística contratada por D. João VI, o Visconde de Taunay trazia no sangue o sentido do belo em grau superlativo.

Cronista, memorialista, contista, romancista, historiador e músico, foi, também, político no nobre sentido, engenheiro militar e soldado, deixando em todos os setores dessas atividades nome brilhante.

Nascido a 22 de fevereiro de 1843 no Rio de Janeiro, filho legítimo do comendador conde Felix Emilio Taunay, — filho do famoso pintor da Escola Francesa Nicolau Antônio Taunay, — e de D. Gabriela d'Escragnolle, filha do Conde d'Escragnolle e da Condessa do mesmo nome, — Dona Adelaide Magdalena Francisca de Beaurepaire, a infância e juventude de Alfredo de Escragnolle Taunay transcorreu num ambiente notável de estímulo constante para o belo, ciências, letras e artes.

Daí a grande significação de sua arte, notável e brasileira — e que, a-pesar-da quantidade, nada perdeu, como soe acontecer geralmente, em qualidade.

Qualquer um de seus livros, — e são já em numero superior a 45 os publicados presentemente, — possui o mesmo cunho, o mesmo valor.

Não há, no que escreveu Taunay, quedas de inteligência ou de vigor: o cérebro privilegiado que publicou as *Cenas de Viagem — Campanha de Mato Grosso*, em 1868, e ainda o mesmo que estudou, com carinho especial, a vida e a obra do padre José Mauricio Nunes Garcia nos anos de 1895 a 1897 e que escreveu *No Declínio* (obra que só saiu após sua morte em 1899). Taunay trabalhou, infatigavelmente, até as vésperas de seu desaparecimento ocorrido no Rio de Janeiro a 25 de janeiro de 1899.

Dentre nossos grandes escritores poucos são os que, produzindo em quantidade como o Visconde de Taunay, conservaram, como ele, o mesmo equilíbrio, a mesma centelha em toda a sua obra. Poderemos citar: Machado de Assis, com 31 volumes; Rui Barbosa com cerca de cem, e um o insigne dr. Afonso de Escragnolle Taunay, filho do Visconde, cuja obra já ultrapassou, em volumes o número 80.

Entretanto, convem notar, igual ao autor de *Inocência* só o autor de *Iaia Garcia*, pois estes dois trabalharam na ficção de modo muito especial. E si os romances de Machado são uniformes, os de Taunay, desde *Mocidade de Trajano*, publicado em 1870 a *No Declínio*, pu-

blicado em 1899, possuem o mesmo vigor, a mesma arte, sem a mínima queda para o trivial, proprio dos cérebros cansados ou decadentes.

Relacionar a obra do Visconde de Taunay é trabalho insano, pois muitas delas estão esgotadas e não mais foram reproduzidas.

Queremos, porem, recordando a grande obra do benemerito soldado-escriptor, passar os olhos, numa visão de conjunto sobre os quarenta volumes que possuímos da obra magnífica do Visconde de Taunay, obra que é, para nós como a de Joaquim Nabuco, fonte inesgotavel de atração e de estudos, verdadeiras obras de cabeceira cuja leitura, por mais que a repitamos, nunca aborrece, nunca se esgota.

Em cada nova leitura, novas belezas, novos ensinamentos descobrimos.

Assim, no romancista, será impossivel esgotar o que de sublime encerram *Inocência* sem dúvida o maior romance brasileiro e os que se seguiram: *Lágrimas do Coração*, reeditado com o título *Manuscrito de uma Mulher*, *Ouro sobre Azul*, o *Encilhamento*, romance que é uma página de nossa história financeira, e *No Declínio*.

De *Mocidade de Trajano*, que foi seu primeiro romance, esgotado e rarissimo, nada podemos dizer, pois o lemos quando ainda estudante, há cerca de 28 anos.

Dele recordamos, apenas, que foi o segundo romance brasileiro que lemos aos 14 ou 15 anos, pois os primeiros foi *Mauricio ou os Paulistas em S. João del Rei*, de Bernardo Guimarães e que nos deixou profunda impressão e, certamente, influiu algo em nossa predileção pelas letras históricas.

Dos livros de contos e narrativas nunca esquecemos *Céus e Terras do Brasil*, que nosso professor nos fazia ler em aula e analisar. É por isso que ainda hoje relemos com saudade aquelas bellissimas paginas. *Histórias Brasileiras* e *Ao Entardecer* (obra postuma) também foram motivo de leituras em aula e assunto para estudos de critica literária, resumos e redações tipo "pastiche", então muito em voga. Quantos *assassinatos* foram, naquelas épocas, praticos, senhor Deus!

A estes podemos juntar ainda as *Cenas de Viagem* (Campanha de Mato Grosso), *Visões do Sertão* e *Viagens de Outrora*, três volumes que reúnem o literato, o soldado, o observador meticoloso, e o cientista de larga visão.

Onde, porem, o soldado se revela com todo o vigor, com entusiasmo e acendrado patriotismo, é na obra que chamaremos histórica e que compreende as narrativas, diários e notas sobre a campanha do Paraguai.

Realmente, quem não vibrará ao ler a *Retirada da Laguna* e essas empolgantes *Cartas de Campanha*? E quem não meditará profundamente ao ler *Recordações de guerra e de viagem*, *Dias de Guerra e de Sertão*, *Em Mato Grosso invadido*, e *Marcha das forças*? E esse

dois volumes do *Diário do Exército*? Quantos ensinamentos na secura desse Diário!

Essas obras, escritas ao fragor das lutas, são, em verdade, de assombrar, pois nada impediu Taunay de, a par dos acontecimentos, examinar a flora da região, pois a cada passo, especialmente no segundo topamos eruditas anotações botânicas e sensatos comentários sobre a flora da zona.

Que exemplo inesgotável esse que é, único na história militar do novo mundo.

Obras cheias de lições profundas são suas *Reminiscências* e *Trechos de minha vida*, que serão, por certo, completadas ao serem divulgados os originais, — ora na “Arca de Sigilo” do Instituto Histórico Brasileiro, — das *Memórias do Visconde de Taunay*.

Homens e coisas do Império, Estudos Críticos, (A guerra do Pacífico) — *Impressões e estudos, Filologia e crítica, Brasileiros e estrangeiros* são, a par de seus ensaios, estudos e notas de história e etnografia — *Entre nossos índios, A cidade do ouro e das ruínas e Goiás*, trabalhos de mérito invulgar, de grande erudição e perspicácia.

Filólogo notável, o Visconde de Taunay não só cuidava e muito da pureza da língua, como nos deu vários termos novos e criou o já universal necrotério em substituição ao francesismo morgue — pouco expressivo.

Como biógrafo legou-nos brilhantes estudos sobre o Visconde de Rio Branco, Augusto Leverger, José Mauricio Nunes Garcia, Carlos Gomes, nosso notável maestro, pelo qual nutria verdadeira veneração, e além dos *Servidores ilustres do Brasil e Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*, dois volumes sobre a figura impar de D. Pedro II, cuja queda encheu sua vida de máguas e atribulações e o fez escrever uma série de amargos artigos reunidos, hoje, sob o título *Império e República*.

Como teatrólogo produziu Taunay as interessantes peças *Amélia Smith, A conquista do Filho, Por um triz coronel!* e *Da mão a boca se perde a sopa* publicado pela primeira vez em 1874 nas *Histórias Brasileiras*.

Mas não se limitou ao que referimos a atividade intelectual do grande Taunay: Traduziu várias obras, foi orador fluente e conciso, conforme se poderá verificar manuseando a Revista do Instituto Histórico Brasileiro onde ainda há muitos trabalhos não reunidos em volume, e os Anais da Câmara de Deputados e do Senado, e, além disso, inspirado compositor musical e delicado poeta.

Como poeta, escreveu partituras que se perderam além de poesias a algumas das quais encontramos referências vagas em suas obras. Como compositor musical citam-se dele 72 peças das quais conhecemos algumas excelentes composições através a irradiação da Hora de Taunay levada a efeito pela Radio Difusora de S. Paulo S/A a 21 do

corrente, além de vagas reminiscências de duas ou três que uma tia nossa executava ao piano dizendo-as obras primas de Taunay. Parece-nos que eram valsas, talvez das “chopinianas”.

Taunay, como vimos, foi um dos escritores que nos acompanhou desde os bancos escolares ao lado de Camões que muitos maus pedaços nos fez passar quer para analisá-lo, quer para interpretá-lo. E si Taunay naqueles tempos tornou-se amigo, Camões foi verdadeiro inimigo.

Artista, não só da palavra, mas também do lapis e do teclado, Taunay legou-nos expressivos desenhos de paisagens, flora, fauna e geologia do interior brasileiro, e magníficas peças musicais consideradas, pelos críticos, de alto valor e grande inspiração.

Injusto seria, porem, deixarmos de lado o soldado e o politico.

Como soldado, — engenheiro militar — prestou relevantes serviços na campanha paraguaia a ele referindo-se dessa forma o Conde d’Eu, parco em elogios, quando comandante em chefe do Exército: “Nestas duas ações (batalhas de Peribebui e Campo Grande) se conservou a maior parte do tempo a meu lado, ao alcance dos tiros inimigos e às vezes adiantou-se mais, para ir aos lugares onde se achava travada a peleja, portando-se em tudo com a bravura própria dum official brioso.”

Fez toda a campanha do Paraguai, desde a famosa retirada da Laguna que lhe deu oportunidade para escrever aquele monumento — *A Retirada da Laguna* — orgulho e glória de nosso exército, até o final, isto é, a campanha da Cordilheira e a morte de Solano Lopez.

Sua obra sobre essa época, é vasta e seleta e cheia de ensinamentos de toda a especie e digna, portanto, do maior apreço.

Como politico, deixou nome brilhante na Câmara e no Senado, tendo sido, ouvido com tenção e respeito pelo peso de sua argumentação e justeza de seus conceitos.

Dignos são seus discursos na Câmara e no Senado sobre a fixação das forças de terra e mar, sobre a barra do Rio Grande e sobre o porto de São Francisco em Santa Catarina, além de vários outros sobre os orçamentos dos diversos ministérios.

Foi, ainda, jornalista de grande renome, espalhando pela imprensa diária, estudos preciosos sobre questões politicas e sociais: imigração e sua localização, pequena propriedade, impostos territoriais, naturalização, abolição da escravatura e combate a imigração japoneza.

Mas longe iriamos se quisessemos fazer acurado estudo da grande e patriótica obra do Visconde de Taunay.

Urge, porem, terminar e seja-nos lícito encerrar esta breve palestra de rádio de que nos incumbiu a benemerita Liga de Defesa Nacional, dizer com José Verissimo, resumindo-o:

“Taunay foi um dos mais sãos temperamentos das nossas letras. Otimista, alegre, jovial, não havia nele o nervosismo intelectual que é a molestia dos artistas e escritores”. E com o professor Eugênio

Werneck, completando Verissimo: “A nota primordial, a face principal da obra de Taunay é o seu brasileirismo, não só na escolha dos assuntos e nas descrições e nas paisagens que pintou, como até na linguagem e na maneira de escrever: caracteristicamente brasileiro no sentimento e na expressão”.

É essa grande verdade que desejamos proclamar apontando à nossa geração um exemplo a seguir para glória maior de nossa terra, especialmente neste momento trágico e doloroso que atravessamos lutando contra as hostes do mal pela civilização conspurcada e pisoteada pelas botas ferradas de sanhudo barbarismo moderno.

Seja-nos a vida e o exemplo do Visconde de Taunay seguro guia no presente e no futuro.

II

TAUNAY ARTISTA

Palestra de ANGELO GUIDO na sessão comemorativa do centenário de Taunay.

A cultura brasileira, nos setores da historiografia, da literatura, das ciências naturais, da música e das artes plásticas deve à nobre estirpe dos Taunay as mais brilhantes e valiosas contribuições.

Desde a chegada ao Brasil, em 1816, dos irmãos Nicolau Antonio e Augusto Maria Taunay, figuras de notavel relevo da Missão Artística Francesa vinda por iniciativa do Conde da Barca, no reinado de D. João VI, os Taunay nunca cessaram de prestar á nossa cultura serviços de alta significação e inspirados sempre num vivo e caloroso sentimento de amor á terra brasileira.

Uma série fulgurante de artistas e escritores está ligada, no Brasil, a essa família por todos os títulos ilustres, fidalga não só pelo sangue de uma nobre ascendência, mas, sobretudo, pela mais refinada aristocracia do espírito e da inteligência.

A nota fundamental que se desprende da obra de cultura aqui realizada pelos Taunay, obra que vem continuando o atual diretor do Museu Paulista e membro da Academia Brasileira de Letras, Afonso de Escagnolle Taunay, filho do autor de “Inocência”, é toda ela caracterizada por uma alta expressão de brasilidade. Nenhum exemplo de amor á terra e culto pelas nossas tradições pode ser mais significativo do que esse que encontramos em vários ilustres rebentos dessa família de origem francesa, tornada, entretanto, desde o Visconde de Taunay, a mais brasileira de nossas famílias.

Sob múltiplos aspectos pode ser analisada a obra do historiador, de romancista, cronista sutil, crítico de arte, etnólogo, naturalista, músico, desenhista de Alfredo de Escragnolle Taunay, homem de cultura que pela capacidade multiforme da inteligência e o refinamento da sensibilidade evoca a riqueza espiritual de um artista florentino da Renascença. Mas o aspecto da obra do Visconde de Taunay que mais nos seduz e que adquire neste instante da vida brasileira sentido excepcional é o de sua vigorosa brasilidade.

O amor, a admiração e o culto pelas cousas do Brasil começára, na família Taunay, com o avô e o pai do grande escritor cujo centenário do nascimento hoje comemoramos.

A beleza portentosa da paisagem brasileira já arrebatara esse espírito admirável de artista que foi Nicolau Antonio Taunay. Classificado, embora, como pintor de batalhas, no Brasil o avô do Visconde de Taunay tornou-se um interprete brilhante do ambiente carioca do seu tempo. Foi, portanto, um dos primeiros pintores estrangeiros, após o holandês Franz Post do século XVII, que tentaram fixar pela magia da cor e da linha a exuberância da nossa natureza o aspecto do ambiente colonial brasileiro. Esse enamoramento estético pela terra brasileiro o 1.^o Barão de Taunay o transmitiu a seu filho Felix Emilio, que, como o pai, foi um dos grandes propulsores da nossa pintura e, sobretudo, um forte e brilhante animador da pintura paisagística.

Professor que foi da pintura de paisagem na Academia Imperial de Belas Artes, é considerado como iniciador da paisagem brasileira ou, pelo menos, o que encaminhou os nossos pintores no sentido de interpretar a nossa natureza, embora não tivesse conseguido a plena integração de seu estilo clássico á desconcertante exuberância da nossa cor. Esse culto pelas nossas cousas que, incerto ainda, em sua expressão estética brotara na alma de Nicolau Antonio e Felix Emilio, vemo-lo surgir em florescimento luminoso na potencialidade criadora que do avô e do pai herdara Alfredo de Escragnolle Taunay.

De seus antepassados herdou também acentuados pendores artísticos, que talvez não se desenvolveram mais amplamente por ter seu talento polimorfo e aberto a todas as expressões do espírito exercido de preferência no setor literário sua capacidade criadora. No Visconde de Taunay, entretanto, a identificação com a terra brasileira se realizou de maneira mais profunda. Sua obra nasceu dessa imersão, plena e profunda, em nosso ambiente cósmico. Conservou, na estrutura apurada de sua personalidade, a finura, a elegância, a penetração sutil, a receptividade intuitiva do espírito gaulês, mas já sua alma se abria, alvoroçada, tomada de assombro e encantamento, para a magia e o mistério, a grandeza empolgante e a bárbara beleza do nosso ambiente cósmico.

Dentro desse sentimento de assombro se desenvolveu seu culto

á pátria e, á medida que iam aprofundando-se no solo brasileiro, para sentir-lhe as palpitações secretas, as raízes do seu ser, emergiam á tona de sua inteligência luminosa as esplêndidas expressões de brasilidade que andam pela sua obra de escritor e em suas tentativas de natureza artística.

Alem de uma vasta e variada obra literária, o Visconde de Taunay deixou uma volumosa série de composições musicais e fez um consideravel número de desenhos. Seus desenhos estão longe do valor estético que atingiu sua produção literária. Não podem sofrer comparação com as obras que, inspiradas em nosso ambiente, executaram seu avô e seu pai, constituem, entretanto, documentos interessantes para demonstrar uma capacidade criadora que não se desenvolveu no sentido da pintura porque derivou para outras expressões, como a literatura e a música.

Nos desenhos que o autor de "A ratirada de Laguna" deixou o que ilustram alguns de seus livros, advinha-se um paisagista em nasença.

Em vários desses desenhos, sobretudo na fidelidade com que reproduz nossa flora, percebe-se o sentimento da nossa natureza, por vezes expresso com traço ingênuo e inhabil, mas vivo e sincero.

É que o Visconde de Taunay envez de pintar o ambiente brasileiro, a expressão e costumes da nossa gente, como o teriam feito os pintores de que descendia, o pintou com largueza de traços, expontaneidade, sinceridade emotiva, pureza de colorido, calor de sentimento em suas crônicas de viagem pelo nosso sertão e em seus romances. Ali, nos seus livros, é que vamos encontrar o pintor de paisagens e costumes e, como em "Inocência" o pintor de almas, o interprete da gente e da terra, com tal força, ás vezes, de descrição e tal pontencialidade narrativa que parece reviver nêle, como em "A retirada de Laguna", "Dias de Guerra e de Sertão" e muitas outras páginas, o notavel pintor de batalhas que foi Nicolau Antonio Taunay.

Não encontramos em suas composições musicais, que são numerosas, a mesma inspiração brasileira que palpita em toda a sua obra literária e procura expressar-se nos desenhos. Músico, o Visconde de Taunay compoz várias peças sacras para canto e órgão, romances para canto e piano, valsas de inspiração chopiniana, mazurcas, tão de moda na época, estudos de concerto, noturnos, sonatas e diversas outras peças para piano, violino e canto.

Com expontaneidade de inspiração musical, límpida veia melódica, em várias peças não deixou de ser o Visconde de Taunay um interessante compositor, influenciado pela música romântica européa e muito por Chopin.

Quasi todas as suas composições têm titulo em francês. Não sentiu o ritmo musical brasileiro.

Entretanto, se não foi brasileiro no sentimento de suas composi-

ções musicais, fez muito, com o entusiasmo extraordinário, com verdadeira paixão, pela música brasileira. Bastaria lembrar a vasta e ardorosa campanha em que se empenhou durante vários anos a favor da divulgação da obra magestosa e reerguimento do renome, que se ia apagando, de José Mauricio, o primeiro dos nossos grandes músicos, o que com poderosas expressões de talento criador iniciou o ciclo de evolução da música brasileira. Durante um quarto de século, até o fim do Império e de sua existência, pôs a serviço da nobre causa, pela glória do notável compositor fluminense, seu ardor patriótico e seu grande prestígio de homem de cultura e de político. Enfrentando chacotas de seus colegas de Parlamento, a indiferença geral, a má vontade, conseguiu reparar em parte a clamorosa injustiça de esquecimento e descaso feita pela nação ao seu grande artista, que viveu e morreu pobre, com sua glória ofuscada por um músico estrangeiro, de talento sem dúvida, Marcos Portugal, mas, incontestavelmente, menor do que ele pelo vigor e a profundidade do poder criador. Deslembrado, o nome do padre José Mauricio fulgurou graças á defeza que de sua obra, verdadeiramente grandiosa, fez o Visconde de Taunay.

Se hoje o portentoso autor da "Missa em bemol" e tantas outras maravilhas ocupa na história da música brasileira o lugar que merece e suas composições se acham zelosamente guardadas, embora na maioria inéditas, deve-se isto, em grande parte, áquela vigorosa figura do segundo império que foi o Visconde de Taunay.

Com o mesmo entusiasmo inspirado pela admiração e o culto ao que é nosso se bateu para divulgar no Brasil os sucessos que vinha alcançando na Europa Carlos Gomes, a quem o Visconde de Taunay estava ligado pela mais leal e devotada amizade. Músico ele mesmo, não tinha, entretanto, a mais leve sombra de inveja pela glória solar do seu genial amigo, cuja obra portentosa eclipsava, naturalmente, a que ele tentava realizar, levado mais pelo amor á música do que pela ambição de conquistar renome como compositor.

Quando o "Guarani" foi representado no Rio, o mais ardente discurso saudando o maestro foi feito pelo Visconde de Taunay e os mais entusiásticos artigos foram por ele escritos.

Nessa ardente exaltação da obra de dois grandes artistas brasileiros, como o padre José Mauricio e Carlos Gomes, não vejo apenas a expressão de um grande amor á arte e de uma profunda nobreza de alma, vejo também um exemplo de mais límpido e ardente espírito de brasilidade. Numa época em que a nossa cultura nascia e todos se deslumbravam pela cultura de importação, relegando ao esquecimento senão ao desprezo o que os nossos artistas produziam, o Visconde de Taunay, que descendia de uma linhagem ilustre de artistas estrangeiros dava um exemplo admirável do culto ao que é nosso, de fé na capacidade criadora do espírito brasileiro.

Aliás toda a sua vida, de escritor, de artista, de político e de militar é um exemplo de culto á terra brasileira e de fé nas forças espirituais da pátria que tão devotamente serviu e tanto amou.

III

VISCONDE DE TAUNAY

*Palestra lida na sessão comemorativa pelo
Dr. OLINTO SANMARTIN*

Comemora-se hoje o primeiro centenário do nascimento de Alfredo d' Escragno Taunay, Visconde de Taunay, nascido a 22 de Fevereiro de 1843 na cidade do Rio de Janeiro.

É de crer que para o grande publico dos nossos dias esse vulto glorioso do Brasil não apresente o relevo que em verdade teve na nossa historia e no panorama da cultura nacional. A genealogia destaca um grupo brilhante de Taunay! militares, literatos, artistas, pintores, poetas, escultores, historiadores.

O Visconde de Taunay, nobre descendente dessa familia illustre, antes de ser um bravo militar e escritor, foi um completo humanista. Sua feição intelectual o revela um poligrafo porque ele foi um autentico artista, de cultura classica; um parlamentar, professor e filologo; romancista, de fino engenho, historiador dos mais notaveis, homem público, e politico, biografo, musico, critico e dramaturgo.

Acaso, esse privilégio do seu talento, teria embaraçado a carreira militar? Não. O dever e a disciplina foram sempre, como principio impertubavel, suas cogitações morais e espirituais.

O romancista imortal de *Inocencia* e o historiador empolgante da *A retirada da Laguna* tornou-se familiar entre a multidão que lê, tanto no Brasil como fóra dele. Subtil nos conceitos, dedicado ao cenario fisico da grande patria brasileira, seus sentimentos foram serenas manifestações passionais por tudo o que se referisse á gloria da nação.

O Visconde de Taunay passou assim á posteridade com o garbo dos patriotas combativos, com a fama dos romancistas inconfundiveis, com a severidade dos historiadores perfeitos.

Poucos no entanto o conhecem como teatologo, o enamorado das cenas do palco onde as ideias bailam e os conceitos foram tramas dialogaes. Ensaiou a literatura em todos os angulos e no teatro seu talento apresentou aquele insuperavel sabor de um espirito atico exercitado no manejo da arte e da beleza.

Quatro peças teatrais nos deixou o Visconde de Taunay, sendo dois dramas, um proverbio e uma comedia. Além desses trabalhos escreveu ainda outros fragmentos e libretos de operas como *Paraguassú*, mais tarde denominado *Moema* composto expressamente para Carlos Gomes e que infelizmente se perdeu. Deixou ainda o libreto *O escravo* e que tambem foi esquecido, já que o autor repudiou a infiel tradução de Paravancini.

Sendo fidalgo amigo de Carlos Gomes, Taunay com isso mostrou sua paixão aos assuntos melódicos e deixou evidente a grande influencia que a literatura teatral exerceu sobre o seu temperamento literario e artistico.

Sua primeira produção foi teatral, o proverbio que denominou *Da mão á boca se perde a sopa*, editado em 1874 no livro *Histórias Brasileiras*. Segue-se a comédia *Por um triz coronel!* em um ato. No ano de 1886 appareceu *Amelia Smith*, drama em quatro atos merecendo inequivocos louvores da critica, provavelmente vertido para o francez por Olivier du Taiguy, e por fim o drama em quatro atos, *A conquista do filho*. Por iniciativa de Affonso de Esdras Taunay, legitimo herdeiro das glorias paternas e contemporaneamente o historiador maximo do Brasil, todos esses trabalhos acham-se hoje editados.

A conquista do filho é um drama que não chegou a ser desenvolvido já que a intenção do autor era faze-lo representar em Paris. Sem duvida que o trabalho mais meditado é o drama *Amelia Smith*. Existe técnica, imaginação; o tema central empolga e suas cenas e dialogos são bem calculados.

Parece até que o autor manteve vivo esse entusiasmo pela literatura teatral, demonstrando segurança completa na urdidura da peça. Aliás, essa tendencia para o teatro era latente e já se manifestara na juventude do autor. Ainda menino, quando sua formação mental era apenas uma ambicionada esperança, compuzera duas codias, *A dedicação de Zopyro* e *Dona Pancha* que formalmente abandonou. Nessa mesma época produziu ainda um libreto para a opera *Andromaca* cuja musica tentou compor.

A vida, o destino de cada um, conduz o homem para diferentes caminhos. Essa indole perfeitamente caracterisada tomou derivativas imprevistas com a sucessão dos anos, e o Visconde de Taunay deixou-se empolgar por novos horizontes.

A tendencia inicial ficou estatica, quieta, num repouso de expectativa como um sonho da sua adolescencia que iria despertar mais tarde em plena maturidade coroada de gloria. Foi assim um largo intervalo, um esquecimento que o Visconde de Taunay aproveitou produzindo trabalhos literarios de diferentes naturezas e que lhe deram a consagração publica.

Viveu apenas 56 anos. Basta isso para ser admirada a sua fecunda atividade intelectual. E quando a morte o veio buscar estava na plenitude da sua intelligencia creadora.

Em toda a obra de Taunay ha o traço fundamental do seu preclaro entendimento. Uma alma delirante que se deslumbrava deante dos acontecimentos sociais, de uma simples ideia ou de uma paizagem de inebriamento cosmico.

Sua vida foi como uma ode antiga recitada em horas matinaes de uma esplendida estação primaveral.

A comemoração de hoje é a mais bela e a mais pura manifestação do espirito brasileiro. Seu carater, seu talento e seu patriotismo formam a eloquencia incontestavel do seu valor.

Para merecer a veneração da posteridade é suficiente o legado que o Visconde de Taunay nos deixou consubstanciado nos serviços civicos, intelektuais e morais que párestou á patria e que o futuro ha de preservar num ritmo gloriosa immortalidade.

IV

VISCONDE DE TAUNAY

*Palestra lida na sessão comemorativa pelo
Dr. MILTON QUINTANA*

Por determinação da Liga da Defesa Nacional, é que me acho deante de vós, para o ato simbolico de relembarmos e honrarmos a vida e a memória de Alfredo de Escragnolle Taunay — Visconde de Taunay.

Embora, não confiado nas minhas possibilidade literarias, aceitei esta incumbencia levado pela admiração que desde as minhas primeiras leituras me dominou pela obra do grande escritor, e pela lembrança afetiva, que encontrei nas tradições de minha familia pela personalidade do Visconde, companheiro que foi de meu avô, Dr. Candido Manoel de Oliveira Quintana, 1.º cirurgião do exercito, nas forças que operaram no norte do Paraguay.

De 22 de Fevereiro de 1843 a 25 de Janeiro de 1889, medeiam 56 anos, que são os anos de vida de Taunay, enobrecida pelo desdobramento e afirmação de uma personalidade excepcional.

Descendente em linha directa de ilustre familia franceza e ligado ainda por laços de próximo parentesco a outras ilustres familia da mesma nacionalidade, como os Escragnolles e os Baurepaire, conservandô constante contacto com os velhos troncos europeus, Taunay tinha a chama-lo para o espirito gaulês todos os seus antecedentes familiares, entretanto a sua obra é profundamente brasileira. Em todos os seus inumeros livros o espirito de brasilidade não pode ser mais perfeito, numa epoca em que a literatura nacional sofria a mais dominadora influencia do pensamento francês.

Para aqueles que o conheceram de perto, como José Verissimo, ele era um temperamento normal e são, daí o notavel equilibrio de sua vida intelectual. Talvês nenhuma comemoração tenha, para os fins immediatos da Liga da Defesa Nacional, maior alcance e significação que a da vida de Taunay. País de colonisação intensa, recebendo elementos raciaes dispares. O Brasil é um povo, mais do que uma raça, e pode tolerar que seus filhos tenham veneração pela patria dos seus ascendentes, enquanto não passarem do terreno puramente affectivo, porque qualquer desvio para o terreno politico será o maior dos crimes de lesa-patria.

A formação do espirito de brasilidade de Taunay é a mesma formação que precisam ter as populações da grande patria brasileira.

Antes de iniciar a sua carreira literaria, Taunay foi militar e conheceu as duas maiores sensações da guerra, os horrores da quasi-derrota, o dever cumprido até o extremo de todas as resistências, na retirada de Laguna — e o esplendor da vitoria, a gloria que vem como podia vir a morte, na campanha das Cordilheiras.

Terminada a guerra do Paraguai, Taunay, capitão, completa o seu curso de ciencias fisicas e militares e passa a lecionar na Escola Militar, mineralogia e geologia.

“Em 1868 escreve ele em *Trechos de minha Vida*, foi que appareceu o meu primeiro livro. Começado no Coxim, em Miranda e Nioac, lera algumas paginas e varios trechos ao bom Dr. Quintana, que me dispensára grandes gabos, incitando-me a imprimir este trabalho, apenas tivesse qualquer ensejo favoravel.”

A sua produção literaria é vasta e versa os mais variados temas: 6 romances, 3 livros de contos, 6 volumes de narrativas de campanha, 6 de memorias, 4 de critica, 5 de teatro, 3 de historia e geografia, alem de relatorios, discursos, vulgarização scientifica e artigos de imprensa.

Este acervo notavel tem sido aumentado com publicações postumas pela dedicação de seu ilustre filho, o historiador Afonso de Escragnolle Taunay.

Em 1872 vem a publicidade *Inocencia*. Francisco Otaviano, prediz-lhe longa vida. José Verissimo, o severo censor literario, classifica-o de livro imortal e verdadeiro romance da vida brasileira.

E *Inocencia*, tem 17 edições em vernáculo, e quasi outras tantas em idiomas estrangeiros.

Em 1874 aparece a primeira edição, em português, da *Retirada de Laguna*, inicialmente escrita em francês, dela se fizeram 4 edições em francês, 9 em português e 3 em outros idiomas. “É devida sem duvida, escreve um dos muitos comentadores da obra, essa notoriedade menos á circunstancia de ter sido escrita em francês, do que a natureza do assunto e ao talento com que foi tratado”.

As duas grandes obras de Taunay, marcam um novo rumo na literatura brasileira do segundo imperio, passava o nosso nacionalismo intelectual da simples attitude regionalista do indianismo de Gonçalves Dias e Alencar e outros para o estudo e a observação da vida e das cousas do sertão brasileiro.

A attividade de Taunay era grande, mesmo absorvido pelos serviços da guerra em Mato Grosso, ou pelas responsabilidades da administração em Santa Catarina e Paraná, ele acha lazeres para estudar as tribus indigenas e desenhar as inumeras gravuras que illustram seus trabalhos. Artista por temperamento e por educação em um lar de fina tradição cultural, cultivou a musica e a pintura.

O que realça a sua obra é a sua rara aptidão de narrador, em estilo, que antigo critico diz ser sóbrio, simples, natural e expontâneo.

Nos seus livros de memorias e recordações, mesmo mostrando o lado anedotico de algumas personagens a sua pena conserva uma discreção inalteravel.

Para fechar o ciclo da sua obra, falta vir a luz da publicidade as suas *Memorias*, depositadas no Instituto Histórico, entretanto dois livros organizados por Afonso de Taunay, contem capitulos que foram rascunhos e projetos da materia mais ampliada das *Memorias*.

Em 1872, sob os auspicios do Visconde do Rio Branco, iniciou a sua carreira politica, como deputado pela Provincia de Goiaz, reileito em 75. Já se iniciara a propaganda republicana e o ambiente do segundo imperio se agitava com os grandes problemas, que viriam apressar a queda da monarquia. Calogeras assinala que, de 1875 em diante, o ambiente partidario do Brasil mudara. Os partidos se destruiam, os liberaes prometiam medidas que não conseguiam realizar, os conservadores tomavam conta das medidas, combatidas na vespera, para executa-las.

Conservador e ligado ao Imperador por laços de amizade e dedicação, Taunay manteve a inteireza partidaria recusando entrar em diversas combinações ministeriais em 88 e 89, com os gabinetes de Vieira da Silva e Ouro Preto. Quando o seu partido se opôs á libertação da escravatura, Taunay apoiou o projeto liberal, porque acima

dos interesses momentaneos das lutas dos partidos, empolgados pelos simples votos de confiança ele via os serenos interesses do país e do trono.

Presidente de Santa Catarina em 1876, deputado por essa mesma provincia em 1881, presidente do Paraná em 85, volta á Camara em 86, sendo escolhido Senador na vaga do Barão de Laguna e é agraciado com o titulo de Visconde em setembro de 1889.

Todos os grandes problemas daquela epoca foram versados pelo seu espirito universalista — a classe militar perante as Camaras, o casamento civil, a grande naturalização, imigração, nativismo e patriotismo, a barra do Rio Grande, o porto de São Francisco, orçamentos.

Passados cem anos de seu nascimento e quarenta e quatro de sua morte, continuam vivas e animadas as suas obras, porque elas são a evocação de fatos humanos e da vida imperecível da nacionalidade.

Um trabalho de Theodoro Sampaio

Por gentileza do Dr. Jorge Washington Martins veio parar no meu arquivo, como dádiva preciosa, parte do que pertenceu ao seu digno pai, o bravo General João de Deus Martins, ⁽¹⁾ laureado nos campos paraguaios, onde se cobriu de glória na guerra que nos foi imposta pelo tirano que então dispunha dos destinos da gloriosa nação, cujo sangue fez derramar para satisfação das suas ambições.

Entre outros documentos da gentil oferta, encontra-se a carta com o trabalho anexo, da lavra do ilustre tupinólogo, Theodoro Sampaio, ⁽²⁾ dirigida aos nossos saudosos confrades, Generais João Borges Fortes ⁽³⁾ e Jônathas Rego Monteiro, ⁽⁴⁾ roubados às letras históricas da nossa pátria, quando, em pleno labor produtivo e útil, revolviam a poeira secular dos arquivos, onde está latente a história do Brasil e particularmente a do nosso caro Rio Grande.

Julgando não cometer indiscrição, ousou confiar às páginas da nossa Revista, a divulgação desse precioso documento, e ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico, o seu original, certo de que o meu parente e amigo, Dr. Jorge W. Martins, aprovará o meu gesto.

As anotações feitas a lapis, aí encontradas, são da autoria do General João de Deus Martins, o que afirmo sob minha inteira responsabilidade. ⁽⁵⁾

Luiz Carlos de Moraes.

(1) — A respeito do General João de Deus Martins, veja-se: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, — III e IV trimestre de 1925, pág. 5, o estudo de Amélio Porto.

(2) — Nasceu Theodoro Fernandes Sampaio em Bom Jardim, (Santo

Amaro — Bafa) a 7 de janeiro de 1855 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de outubro de 1937.

Geógrafo, historiador, linguista, Teodoro Sampaio, era engenheiro civil, formado em 1876 pela Escola Politécnica do Rio, tendo iniciado sua profissão como um dos ajudantes de William Milnor Roberts que fôra incumbido pelo Conselheiro Cansação de Sinimbu, em 1879, de chefiar uma comissão de técnicos para estudar melhoramentos nos portos do Brasil e a navegação dos rios do interior.

Foi amigo de Orville Derby e com este cientista fez vários estudos e o acompanhou em diversas excursões.

Derby exerceu grande influência na obra de Teodoro Sampaio, influência que o insigne baiano nunca ocultou.

A bagagem científica e literária de Teodoro Sampaio é notável e preciosa, destacando-se: *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina: Introdução Geral ao Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil: Hidrografia, Saltos, Cachoeiras, Lagoas e Lagos: e Minerais e constituição geológica: Atlas dos Estados Unidos do Brasil* (didático), 1908: *O Tupi na Geografia Nacional*, obra de mérito invulgar e entre muitos outros trabalhos esparsos, *São Paulo no tempo de Anchieta; Inscrições lapidares da Igreja de Vitória; Vocabulário da língua Caiuá; Os Craós do Rio Preto; Inscrições lapidares indígenas no Vale do Paraguassu; Denominações Geográficas indígenas em torno da Baía de Todos os Santos*, além de muitos outros entre os quais notáveis inéditos e mapas e plantas regionais, da Baía do S. Francisco, do Recôncavo da Baía, da Baía, de Todos os Santos, da cidade do Salvador, do Estado da Baía, etc.

Vê-se por esta rápida nota o grande valor científico de Teodoro Sampaio que pertenceu a diversas instituições, como o Instituto Politécnico do Rio? Inst. Hist. e Geográfico do Brasil, de S. Paulo, da Baía, de Pernambuco (Inst. Hist. Geog. e Arqueológico), Politécnico da Baía, Academia de Letras da Baía, Ceará e Pernambuco, etc. Foi, também, deputado federal pela Baía (1926-1930). W. Sp.

(3) — Veja-se: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — II Semestre de 1942, pág. 3 — o trabalho — *General João Borges Fortes*, — de Walter Spalding.

(4) — Veja-se: Idem — II trim. de 1939, pág. 143 o trabalho — *Coronel J. C. Rego Monteiro*, — de Walter Spalding.

(5) — As observações a que se refere o tópico acima da nota do Coronel Luiz Carlos de Moraes, vão assinaladas por um asterístico (*).

São Paulo, 6 de Julho de 1903

Ilmos. Snrs. Drs. Rego Monteiro e Borges Fortes.

Saudando-vos cordialmente, começo pedindo-vos desculpar-me pela demora em responder a vossa carta de 24 de abril e aquí recebida em Maio passado. Não me foi possível responder-vos tão de pronto como desejara. As obrigações que tenho não me deixam sempre a margem precisa para as investigações e estudos de predileção.

A vossa carta constituia para mim um desses estudos uma vez que me cumpria traduzir e interpretar a relação de vocábulos indígenas que a acompanhou. Afinal, depois de dous meses, aproveitando os momentos que me sobravam, consegui fazer a relação que junto vos remetto, com a traducção da grande maioria dos vocábulos sujeitos á consulta. Não creio ter dado a ultima de mão na materia, bem longe disso. Mas procurei interpretar segundo as regras e de accordo com as leis que regem a corrupção dos vocabulos. Interpretar, porem, em muitos casos, é quasi que adivinhar, tantas são as difficuldades desse ingratisimo mister. As palavras se alteram na boca do vulgo segundo a lei do menor esforço, mas nos compendios, nos livros, nos documentos, ha alterações que são erros insanaveis e intraduziveis.

E', pois, preciso bem distinguir o nome que anda em voga entre o povo, do que se fossilizou nos livros e nos velhos documentos. A interpretação muito importa saber onde foram colhidos estes ou aquelles vocabulos, se ainda estão em uso, ou se já estão fóra de circulação.

Depois disto, é mister conhecer a historia da região onde taes vocabulos se colheram e, mais que a historia, a sua geografia. Para a traducção de um nome indigena de localidade, rio, monte, ou accidente topographico é bem preciso conhecer-se a caracteristica local, a feição dominante, o *facies* physico de cada cousa. Na falta disso, o trabalho interpretativo tem de socorrer-se exclusivamente dos elementos linguisticos, e atter-se aos processos que explicam a transformação das palavras. E' sem duvida, um processo falho e insufficiente.

No meu caso, foi este o unico recurso de que pude dispor para bom numero de vocabulos constantes da relação que me enviastes. As traducções respectivas disso se ressentem.

Grande numero de vocabulos hybridos estão interpretados no hespanhol de que quasi todos procedem. Na relação prevalecem nomes guaranis, que são um tupi mais contracto e evoluído, como sabeis.

Dadas estas breves explicações, julgo me escusareis os enganos ou erros que, acaso, tenha commetido; e, terminando, peços-vos de aceitar as expressões da minha estima e consideração.

Vosso Patricio e Admirador

Theodoro Sampaio

Rua do Cons.º Ramalho — 47

INTERPRETAÇÃO DE ALGUNS NOMES TUPÍS USADOS NA GEOGRAFIA NACIONAL (RIO GRANDE DO SUL)

A

Aceguá — admite varias interpretações, mas, visto applicar-se a um serro ou monte, parece-me que é corrupção de *acéiguá* que quer dizer — dores arredondado, encostas abahuladas. Resta que os caracteres physicos o confirmem.

Albery — cor. *arabé-r-y* ou *arabé-r-ĩ*, rio das baratas, (as baratas d'agua), ou então o alambary ou lambari como outros dizem. (A pronuncia das palavras segdo. Ruiz de Mont ya é nasal, gutural e composta ou mixta: sinais graphicos indicativos: da 1.ª maneira um arco de circulo com a concavidade voltada para letra qu'encima, ex. a, vós emittida pelas fossas nasaes: i, mimicamente guttural, imittir-se-á com a garganta apertada, e, finalmente, a, nasal e guttural simultaneamente — assás differente! *)

Albutuhy — pode ser corrupção de abutu-y, rio das butuas, plantas menispermaceas, ou tambem *mbutu-y*, rio das mutucas (Cremos mais própria esta interpretação *)

Albutiahy — cor. *mbutiá-y*, rio do butiá, palmeira anã dos campos do sul.

Almenoá — talvez *amanoá*, c. amã-oá, a chuva cai. (oki, chove, a chuva cai *).

Araricá — cor. ará-r-ica, seio ou valle dos papagaios.

Ararupá — c. ará-r-upá, lagôa ou banhado dos papagaios.

B

Babaracuá — talvez Baiboracuá que é *mbaebora-cuá*, cova ou poço rico, isto é cavaverna que contem riquezas. Pode ser ainda — *mbaeberá-cuá* cova de cousas brilhantes. (Neste Estado ha uma região denominada “Vacáoá cova de touros ou mais proprio “Região de hovinos *)

Bacacahyquá — talvez Bacahycuá que é *ybacai-cuá*, baixada dos coqueiros.

Batovy — pode ser alteração de ubatub-y rio do cannavial; pode proceder de yba-tobĩ, a canna verde ou arvore verde; tambem pode derivar-se de *mbae-tobê*, cousa verde ou azul, e ainda pode

vir de *mbae-tobé* que quer dizer cousa pontuda ou simplesmente, o aguçado, o agudo, o elevado, o saliente, o culminante. (Pensamos mais apropriada esta interpretação porque o serro de que se trata tem a extremidade aguda *).

Boiquay (Talvez Mboy-cua, cova ou buraco de cobra. *) — deve ser provavelmente *boi-guai*, a cobra cascavel. (Mboy cinim-ga, cobra de guizo-cascavel *).

Bororé — talvez *mboruré*, a enxada, a cavadeira, a enxó.

Butuhy — cor. mbutuy, agua ou rio das mutucas.

Bocú — é o mesmo que *mbucú* ou pucú, longo, comprido, largo, extenso.

Butiá — cor. *mbutiá*, especie de côco.

Buraty — cor. *ybyra-atí*, pau aguçado, a ponta.

Bujurú — cor. *yby-yurú*, *ubo-juru*, *bu-jurú*, boca da terra, a entrada, ou então, terra á entrada.

Butucarahy — talvez, *Butuquara-y*, cor. *ybytu-coara-y*, rio do buraco do vento, rio da garganta ou da bocaina.

Bossoroca — cor. *yby-soroca*, terra que se fende.

Bororó — talvez *mbororó*; acelerado, apressado, rapido, ligeiro.

C

Cabirá — talvez *Cabera* de caá-berá folha relusente, uma variedade de mate que outros dizem *caverá*.

Cacequy — Ayres do Casal, na Chorografia Brasilica, escreveu *Caziquy* que é o mesmo que *Cazique-y*, rio ou agua do caci-que, palavra esta que não é tupi, mas que, no sul do Brasil, designava um principal ou chefe do gentio.

Cahy — cor. *caa-hy*, rio da matta; pode ser alteração de *cai-y*, rio dos monos.

Caguaty — cor. *caá-guá-ty*, corrente ou arroio da baixa da matta.

Caissá — cor. *caá-içá*, estacada, cerca, trincheira. E' o que no tupi se dizia *caissara*.

Caibú — cor. *caá-ibú*, nascente ou fonte da matta, ou olho d'agua da matta.

Caiubá — talvez *caa-yupá*, lagôa da matta.

Cambahy — talvez *cambá-y* rio do negro.

Cambaquá — c. *cambá-quá*, cova ou esconderijo do negro.

Cambuiretan — c. *cambui-retan*, terra dos cambuis.

Camoatim — c. *ca-moatim*, vespa que faz pontas, allusão ao modo de fabricar o ninho.

Caiboaté — talvez cor. de *Cabaité*, c. *caba-ité*, vespa horrenda, terrivel. Pode ser corrupção de *caba-êtê*, vespa verdadeira, legitima.

- Cunhaperú — c. *cunhã-perú*, o vão ou o passo da mulhier.
Carabá — talvez *carapá*, o arco.
Caroy — ou *Carovy*, cor. *carob-y*, rio das carobas.
Carvoracy — cor. *Carabor-raci*, casca rachada.
Cavajuretan — c. *cavajú-retã*, terra dos cavallos.
Cebollaty — talvez *ceborá-ty*, arroio do samorá, massa antiarella que se encontra no cortiço das abelhas. Pode ser uma palavra hybrida, do português ou castelhano e do guaraní:
Chimburu — cor. *ci-mburú*, manancial turvo.
Chuuuy — talvez *çû-nĩ*, o tremedal, o movediço.

G

- Garupá — será *Guarupá*? c. *guá-r-upá*, lagôa do valle, ou da baixada? Será corrupção de *guará-upá*, lagôa dos guarús?
Guary — c. *gua-r-y*, rio da baixada; *guarĩ*, torto.
Guassuboy — c. *guassú-boy*, cobra de veado.
Guassupi — c. *guassú-pi*, couro de veado.
Guatapé — talvez *Guatapé*, v. *guatá-pé*, caminho de andar, caminho trilhado. Pode ser também *guá-tapé*, lage da baixada.
Goyó-en — Não é tupí, mas da lingua dos bugres; significa: *rio geral*.

I

- Ibaré — ou Ibarê, fructo mal-cheiroso, arvore fetida, é o nosso pau d'alho.
Ibirá — a arvore, o pau ou madeira.
Ibirapuitan — c. *ibirá-puitã*, madeira parda, ou vermelha.
Ibiraypiró — c. *ibirá-ipiró*, pau secco, arvore secca.
Ibirocay — cor. *ibirá-ocáy*, pau queimado; e ainda *ibirá-ocái-y*, rio do pau queimado.
Icabaquam — c. *y-cabaquã*, rio ligeiro, curso d'agua impetuoso.
Igoyriacá — cor. *y-guarĩ-açá*, o que é torto e atravessado ou o que é retorcido e secco.
Imbrajetuva — cor. *Ibirayá-tyba*, brejaual.
Inatuy — cor. *nhatiú-y*, rio dos mosquitos ou dos pernalongos.
Inhacundá — cor. *y-nhacundá*, aquelle que tem bocca grande.
Inhandijú — c. *y-nhandi-yú*, o azeite ou oleo amarello.
Ijuhy — cor. *yú-y*, rio dos espinhos.
Irahy — c. *ira-y*, rio do mel.
Irapó — c. *ira-pó* o que tem mel.
Irapuá — cor. *ira-apuã*, mel redondo.

- Ivaby — cor. *iba-y*, rio das flechas, ou cannas.
Issaca — cor. *ica-cá* tronco de accender fogo.
Itapeva — cor. *itá-peba*, pedra chata, lage, lageado.
Itapeby — cor. *itá-peba-y*, rio da lage.
Itajassú — cor. *tayaçú* ou *tanha-açú*, dente grande, o porco do matto.
Itaquy — cor. *itá-qui*, pedra aguçada, pedra afiada; pedra de amolar; pedra mole.
Itú — c. *Y-tú*, tombo d'agua, salto, catadupa.
Itapuhý — c. *itá-pú-y*, rio do toque do sino. Itapú quer dizer — tocar o sino.
Itaipava — c. *itá-ipaba*, travessão de pedra, recife, elevação de pedra no leito do rio.
Itacorovy — cor. *itacurub-y*, rio do cascalho. (Itacuruby é morro de cascalho *).
Itapororó — c. *itá-pororó*, pedra furada (“Abati-pororó”, milho que estala, de milho de pipoca *).
Itambé — cor. *itá-aimbé*, pedra aspera, alevantada, pedra a cutello.
Ituzaingó — cor. *itú-caingó*, salto a prumo, queda d'agua a pique.
Itapitocay — cor. *itapé-tocái*, curral de pedra ou feito de lages. Itapé e concentração de *itapeba*.
Itamorendengue — apunhára, o tocador do sino, Itapomorágara o fabricante do sino *).
Itoroquem — c. *y-tororó-quê*, o que corre ruidoso ou roncando. (Porque não “Ita-oque? Porta de pedra, que, supponho, ainda existe no sitio assim chamado *).
Itaum — c. *itá-û*; pedra negra.
Ivaica — talvez *ibaic* tronco pequeno.
Ivipuitan — cor. *yby-puitã*, terra vermelha ou parda.
Inhancorá — cor. *nhã-corá*, curral de correr. Corá é vocabulo hespanhol l tupinizado. (Anhá, demonio, Corá curral, por consequentemente Curral do Demonio *).
Iapuguassú — c. *vapú-guassú*, os japús grandes (Cassicus).
Inhatium — c. *nhati-û*, o mosquito.
Imbahá — cor. *embá-á* tirado do ôco, procedente do
Ibuirajacá — c. *ibirá-yaca*, ribeiro do pau; e tambem cesto de varas.
Iatuara — cor. *iatuara*?
Ipuichim — c. *y-poi-chi*, o que é estreito e encrespado, ou ondeado.
Inhãntejú — V. Inhatium.
Iborá — c. *y-borá*, rio temporario.

J

- Jacahy-oiby — cor. *yacã-y-obí*, ribeirão d'agua verde, ribeirão verde; nascente d'agua verde.

M

Mampituba — antigamente *Mboypatiba*, cor. *mboi-upá-tyba* que quer dizer: lagoas das cobras em abundancia ou melhor, *enfiada de lagôas das cobras*, alludindo ao facto de ser o rio uma serie ou continuado de lagôas onde abundavam as cobras, provavelmente as *sucurís* ou giboias.

Maratá — talvez, *marã-tã*, ruido forte, revolução intensa.

Mirim — pequeno.

Mbutuhy — V. Butuhy.

N

Nhacapuitan — c. *nhacā-puitā*, o que tem a cabeça vermelha ou parda.

Nhacorá — c. *nhā-corá*, o curral de correr.

Nhucorá — c. *nhā-corá*, o curral do campo.

Nhacundá — ou *yacundá*, o que tem bocca larga, o mocho ou coruja.

Nhacurutú — ou *yacurutú*, uma especie de coruja.

Nonohay — não é tupi (Nhu-ai. Campo escabroso *).

P

Parecy — não parece que seja tupi.

Pory — cor. *por-i*, gente miuda, povo pequeno.

Parobé — talvez, *upá-r-opé*, lagôa que esquentá, ou que reluz.

Pirajá — c. *pirá-yá*, o pega-peixe, o viveiro ou pesqueiro.

Piratiny-ou Piratinin, contracção de Piratininga que quer dizer — o *secca* — *peixe*. (Porque não peixe branco? Pirayu — peixe dourado: Itapetininga: Lage branca — Cavayú — cav.^o amarello, Gateado. = Houve aqui um cacique máo, qu'atendia pelo nome "Guirá-Berá, isto é "Passaro dourado". No Paraguay as mulheres da classe média usam um pente de tartaruga no alto recamado d'ouro, donde "Kigua-berá" isto é, pernetá dourada. *)

Pirapó — é contracção de *Pirapora*, que se traduz o *peixe mora*, lugar onde o peixe permanece, nome geralmente applicado a um salto que impede o accesso do peixe. Tambem se pode traduzir — o *peixe pula*, ou o *salta-peixe*. (Esta é a melhor traducção porque consoante o quadro ou scena exterior. *)

Petim — ou Petym, o tabaco ou fumo. (No Paraguay "Petuvo", tambem pode ser "Petim, um. *)

(6) — No verso da folha 8, havia a lapis, o seguinte: (Da n/geografia "Caa-berá, matta brilhante. Em "Corrientes" Ipa ou upá-berá = Laguna brilhante. Em n/melo, Ipá ou upá-morotín ou morotínga, Lagôa-branca *).

Q

Quarahy — ou é *Guará-hy*, rio dos guarás, ou *Quara-y*, rio das covas ou dos buracos. (Penso melhor esta traducção. Grapharia o vocabulo Coára-i *).

Quaró c. *quar-ó*, tapa-buraco.

S

Saquarembó — talvez *socó-r-embó*, fileira de socós, ou *socó-r-yembó*, arraías dos socós.

Saican — talvez, *çai-icang*, olhos d'agua seccos.

T

Tapechay — deve ser *Tapechaï*, lage enrugada ou aspera.

Tapery — c. *Tapé-r-y*, rio da lage.

Tapitanguy — cor. *Itá-pítang-y*, rio das pedras vermelhas.

Taocara — cor. *Itá-ocara*, terreiro de pedra.

Tramandahy — ou *Taramandahú*, c. *tarã-manda-y*, rio do rodeador, ou lugar onde se cerca para colher ou prender.

Turotama — c. *tu-retama*, terra das quedas. Pode ser que o vocabulo esteja corrupto, e seja alteração da palavra hybrida — *Tô-rotama*, terra do gado vaccum. (*Toro-tama*, o vocabulo *toro*, á hespanhola).

Tupaceretan — cor. *Tupã-cy-retã*, terra da Mãe de Deus, isto é, Terra de Nossa Senhora.

Tororoipy — c. *Tororó-yp-y*, rio d'agua sussurrante.

U

Upacarahy — c. *upá-caray*, lagôa santa.

Uruguay — c. *uruguá-y*, rio dos busios ou caracões.

Urucutahy — c. *urucu-tahî-y*, rio do cestinho.

Upamoroty-cor. *upá-morôti*, lagôa clara.

Umoboy — provavelmente: *U-mboy* ou *Y-mboy*, cobra d'agua.

Umpui — cor. *U-mpui* ou *Y-mpui*, agua estreita, ou fina.

V

Vaccaquá — (vaca-coá: covas de toro. Vocabulo hybrido. Propriamente: Região de bovinos. *) — c. *vacca-quá*, ponta ou chifre de vacca.

Vaccacahy — pode ser — *Vacca-cã-y*, agua do peito da vacca; pode ser tambem: *Vacca-acã-y*, rio da cabeça da vacca. E' mais própria esta traducção.
Vahy — cor. *iba-y*, rio da arvore.

X

Xicoloman — Se fôr tupi, pode ser corrupção de *chi-coromon* ou *y-coromon*, agua que ronca.
Ximbucu — cor. *chi-mbucu* ou *y-mbucu*, agua comprida.
Xiniquá — cor. *Chi-ndi-quá* ou melhor: *y-ndi-quá* (cumpre lembrar que y é uma vogal particularissima e aspirada no tupi, dando na vocalisação resultado semelhante ao som *chi*). A traducção de *y-ndi-quá*, é: poço de agua scintillante ou reluzente.

Y

Ypané — c. *y-panê* ou *y-panema*, agua que não presta, rio que falha, ou temporario.
Yrapuhy — cor. *irapuã-y*, rio do irapuã.
Ytaquatiá — contracção de *Itaquatiara*, c. *itá-quatiara*, pedra pintada ou riscada, pedra escrita.
Yrapó — c. *y-rapó*, raiz d'agua, isto é nascente.

Z

Zama-guassú — cor. *çama-guassú*, corda grande, cadeira grande.

S. Paulo, 6 de Julho de 1903.

Theodoro Sampaio

Mamíferos fósseis do Brasil

Por Carlos de Paula Couto

Iniciamos, com o nosso ultimo trabalho, publicado no n.º 83, desta revista, relativo ao III trimestre de 1941, uma série de estudos sôbre a paleontologia mamalógica do Brasil.

Depois de explicarmos, numa introdução, a finalidade de nosso trabalho e de expendermos algumas considerações, a respeito do estado atual dos estudos paleontológicos no Brasil, entramos no estudo de nossas formas fósseis, começando pelas ordens *Marsupialia* e *Chiroptera*.

Seguindo a ordem que apresentamos em nossa chave taxinômica, publicada no início do mesmo trabalho, vamos começar hoje o estudo de nossos *Carnívoros* fósseis, percorrendo sôbre a família *Canidae*.

Proximamente, trataremos das famílias *Procyonidae*, *Ursidae* e *Mustelidae*, finalizando, num outro trabalho, o nosso estudo sôbre a ordem dos Carnívoros, com a família *Felidae*.

Porto Alegre, Maio de 1942.

O AUTOR.

Sinopse Taxinômica para a Ordem Carnívora

CLASSE MAMMALIA

SUB-CLASSE "EUTHERIA", Huxley, 1880

II — Ordem Carnívora, Vicq d'Azir, 1792 (= *Ferae* Linneu, 1758) (*)

+ 1. Sub-ordem *Creodontia* Cope, 1875

+ Tribu 1: *Procreoodi* Matthew (= *Arctocyonoireia* Simpson)

- + A — Família “Arctocyoniidae” Giebel, 1855 (*)
(incluindo Oxycylenidae, Scott, 1892)
- + B — Família “Triisodontidae” Scott, 1892
- + Tribu 2: *Acreodi* Matthew (= *Mesonychoidea* Simpson)
 - + C — Família “Mesonychidae” Cope, 1875
- + Tribu 3: *Pseudocreodi* Matthew (= *Oxyaenoidea* Simpson)
 - + D — Família “Oxyaenidae” Cope, 1877
 - + a) Sub-família Limnocyoninae, Wortman
 - + b) Sub-família Oxyaeninae, Wortman
 - + E — Família “Hyaenodontidae” Leidy, 1869
 - + a) Sub-família Proviverrinae
 - + b) Sub-família Hyaenodontinae
- + Tribu 4: *Eucreeodi* Matthew (= *Miacioidea* Simpson)
 - + F — Família “Miacidae” Cope, 1880 (*)
 - + a) Sub-família Viverravinae, Matthew
 - + b) Sub-família Miacinae, Matthew

2. Sub-ordem *Fissipedia*, Fischer von Waldheim, 1813 (*)

Tribu 1: *Arctoidea* Flower, 1869 (com *Cynoidea* Flower =
= *Cynoidea* Scott = *Canoidea* Simpson) (*)

-
- (1) Os *Arctocyoniidae* são classificados, por alguns autores, entre os *Eucreeodi*, juntamente com os *Miacidae*, sendo os *Oxycylenidae* deles distintos, para tomarem parte, com os *Mesonychidae* e *Triisodontidae* (estes considerados frequentemente como simples sub-família — *Triisodontinae* — dos *Mesonychidae*), na tribu *Acreodi*. Segundo uma tal classificação, a tribu *Procreodi* tornar-se-ia insubstancial. Mas a tendência dos mais abalizados especialistas norteamericanos atuais é a de admiti-la, como aqui se acha admitida.
- (2) Os *Miacidae* são separados por Scott — que os denomina *Uintacyonidae* dos *Creodontia* e classificados entre os *Fissipédia*, numa tribu *Miacioidea*, distinta das tribus *Arctoidea* e *Aeluroides*. É um ponto de vista bem fundado, em virtude da já grande especialização dos Miacídeos ou Uintacionídeos, em relação aos Creodóntes mais primitivos. Mas, tendo em vista serem eles tão antigos (Eoceno) como os mais antigos Creodóntes conhecidos e o fato de serem classificados, por Simpson, Romer e outros eminentes autores contemporâneos, entre os Creodóntes, resolvemos dar-lhes aqui a posição sistemática aceita pela maioria.

+ Extinta, isto é, sem representantes vivos ou atuais.

(*) Representantes no Brasil.

A — Família "Canidae" Fischer, 1817 (*)
= *Cynoidea* Scott = *Canioidea* Simpson) (*)

- + a) Sub-família *Cynodictinae*
- + b) Sub-família *Amphicyoninae*
- + c) Sub-família *Cynodontinae*
- d) Sub-família *Caninae* (*)

B — Família "Procyonidae" Gray, 1825 (*)
(= *Subursi*, Blainville)

C — Família "Ursidae" Fischer, 1817 (*)

D — Família "Mustelidae" Fischer, 1817 (*)

- a) Sub-família *Putoriinae*
- b) Sub-família *Martinae* (*)
- c) Sub-família *Melinae* (*)
- d) Sub-família *Lutrinae* (*)

Tribu 2: *Aeluroidea* Flower, 1869 (= *Feloidea* Simpson)

E — Família "Viverridae" Gray, 1821

F — Família "Hyaenidae" Gray, 1821

G — Família "Felidae" Fischer, 1817 (*)

- + a) Sub-família *Machairodontinae* (*)
- b) Sub-família *Felinae* (*)

Classe Mammalia

SUB-CLASSE "EUTHERIA", Huxley, 1880

II — ORDEM *CARNIVORA*, Vicq d'Azir, 1792
(= *Ferae*, Linneu, 1758)

Este grupo, mui natural e homogêneo, inclui uma grande variedade de formas de mamíferos extintos e atuais, de hábitos usualmente carnívoros; alguns são aquáticos, outros, arborícolas, mas a maioria tem hábitos terrestres, variando muito em tamanho. A dentição é completa, regularmente difiodontê, heterodonte e mais ou menos secodonte, sendo os dentes sempre providos de raízes e geralmente de ângulos agudos e cortantes. Fórmula dentária: 3/3 I, mais comumente; 1/1 C, constante, sendo os caninos fortes, pontudos e recurvados. Os premolares (Pm) variam em numero, de 1 a 4. Os molares (M) são mais ou menos sectoriais, sendo os posteriores geralmente baixos e tuberculados, nunca compostos. A dentição de leite é invariavelmente completa e funciona geralmente

no primeiro ano de vida. Em tôdas as formas recentes, a caixa cerebral é de moderada capacidade, com hemisférios de circunvoluções bem nítidas, mas, nas formas mais antigas, fósseis (*Creodontia*), ela é menor e quasi liza. As clavículas são rudimentares ou ausentes. As patas possuem nunca menos de quatro dedos, bem desenvolvidos, e um quinto dedo pôde ser presente; são unguiculadas, sendo as garras mais ou menos pontudas, raramente rudimentares ou ausentes, e são também ou semiplantigradas, plantigradas, digitigradas ou, como nas fôcas, modificadas em natatórias.

Três sub-ordens reconhecidas: *Creodontia*, *Fissipedia* e *Pinnipedia*.

Resumo da história paleontológica. — “Sob condições ordinárias, os carnívoros são muito menos comuns, como fósseis, que suas vítimas, os *Ongulados* e *Roedores*, porque, em algum determinado tempo ou lugar, os animais de preza devem ter sido muito menos numerosos, em relação ás suas vítimas, justamente como sucede hoje, na Africa central, onde existem inumeráveis antílopes e zebras para cada leão. Por esta razão, a história dos *Carnívora* é ainda mais incompleta que a dos animais dotados de cascos e deixa sem solução muitos problemas de relações filogenéticas e de classificação (Scott).”

Os mais antigos *Carnívora* conhecidos provêm do Eoceno inferior da America do Norte e do continente euroasiático. Relacionam-se com a sub-ordem *Creodontia*, que encerra as formas mais primitivas. Tais são, entre outros, os *Oxyclaenus*, *Triisodon*, *Didymictis*, da America do Norte; *Hyaenodictis*, *Arctoccyon*, da Europa; *Dissacus*, *Oxyaena*, *Palaeomictis*, *Sinopa*, comuns a ambos os continentes.

No Eoceno médio, os *Oxyclaenidae* e *Arctocyonidae* já estavam extintos mas os *Oxyaenidae*, *Miacidae* e *Triisodontidae* na America do Norte, e *Mesonychidae* e *Hyaenodontidae*, na America do Norte e Europa, eram ainda representados por diversos gêneros e espécies.

O Eoceno superior assistiu a extinção, na America do Norte, dos ultimos *Mesonychidae* e, na America do Norte e Europa, dos derradeiros representantes da família dos *Oxyaenidae* e, provavelmente, da dos *Miacidae* mas foi nesse periodo que surgiram, em ambos os supra-citados continentes, os primeiros *Carnívora-vera* ou *Fissipédia*, representados por animais da família dos Cães (*Canidae*), como sejam *Cynodictis*, *Cephalogale* e outros, e, duvidosamente, na Europa, por *Viverrideos* (*Viverridae*) e *Felideos* (*Felidae*).

No Oligoceno, os *Creodontia* ainda tinham representantes na América do Norte, Europa e África setentrional, pertencentes á família dos *Hyaenodontidae* (*Querrytherium*, *Pterodon*, *Apterodon*, *Vulpavus*, *Metasinopa*, etc.). No mesmo periodo, os *Fissipédia* desenvolviam-se, com as famílias *Canidae* (*Cynodictis*, *Daphaenus*, *Cyno-*

don, etc.), *Mustelidae* (*Proailurus*, *Amphictis* e outros) e *Felidae* (*Eusmilus*, *Hoplophoneus*, *Aelurictis*, *Dinictis*), na America do Norte e Europa, e, com a família *Viverridae* (*Viverra*), na Europa.

No período seguinte, isto é, no Mioceno inferior, extinguiram-se, na Ásia e África, os ultimos *Creodontia*, representados por animais da família *Hyaenodontidae*. Entre os *Fissipédia*, os *Canidae* eram representados na America do Norte (*Temnocyon*, *Galecynus*, *Cynodesmus*, *Borophagus*), na Europa (*Amphicyon*) e na Ásia (*Amphicyon*), os *Procyonidae* apresentavam-se na America do Norte (*Phlaocyon*), os *Viverridae* tinham representantes na Europa, os *Mustelidae* espalhavam-se pela America do Norte (*Mustela*, *Oligobunia*, *Paroligobunis*) e Europa) (*Proailurus*, *Palaeogale*, *Plesictis*) e os *Felidae* eram representados na America do Norte (*Dinictis*, *Nimravus*), Europa e África.

No Mioceno superior da Europa, apareceram os primeiros *Ursidae*, conhecidos (*Ursavus*), que ali contemporanizaram com alguns *Viverridae* (*Viverra*) e gêneros de outras famílias, como veremos. No mesmo período, diversos *Canidae* viviam na America do Norte (*Temnocyon*, *Borophagus*, *Aelurodon*, *Canis*, *Vulpes*) e na Europa (*Galecynus*, *Amphicyon*, *Cephalogale*, *Dinocyon*, *Hemicyon*), assim como alguns *Procyonidae* (*Cynarctus*, *Leptarctus*, da America do Norte). Alguns *Mustelidae* habitavam, então, a America do Norte (*Mustela* e outros), a Europa (*Proailurus*, *Proputorius*, *Stenogale*, *Palaeogale*, *Plesictis*, *Mustela*, *Lutra*) e Ásia. Os *Viverridae* fósseis, do mesmo período, não foram encontrados, até hoje, senão na Europa (*Viverra*, *Herpestes*, *Progenetta*) e os *Felidae*, na America do Norte (*Felis*), Europa (*Pseudaelurus*, *Felis*) e Ásia (*Felis*). Os mais antigos carnívoros da sub-ordem *Pinnipédia* foram descobertos, até agora, no Mioceno superior da America do Norte e do Sul, na Europa e Africa. Diversos *Otariidae* caracterizam os terrenos deste período, na America do Norte (*Pontoleon*) e do Sul; alguns *Phocidae* encontram-se em sedimentos contemporâneos, na America do Norte (*Lobodon*, *Phoca*, *Leptophoca*), Europa (*Phoca*) e Egito (onde fizeram, segundo as aparências, o seu primeiro aparecimento); por fim, alguns *Trichechidae* são encontrados, como fósseis, em estratos contemporâneos, na America do Norte e Europa.

No Plioceno, os *Canidae* continuaram sua evolução, na America do Norte (*Hyaenognathus*, *Canis*, *Dinocyon*), na Europa (*Simocyon*, *Dinocyon*, *Vulpes*) e na Ásia (*Amphicyon*, *Canis*, *Vulpes*), juntamente com os *Ursidae* (*Hyaenarctos*, na America do Norte e Europa; *Ursavus*, *Ursus*, na Europa; *Ursus*, na China). Contemporaneamente, os *Procyonidae* evoluíam na America do Norte (*Bassariscus*), na Europa (*Parailurus*) e já na America do Sul (*Cyonasúa*, *Pachynasúa*, *Amphinasúa*), juntamente com os *Mustelidae* (*Mustela*, *Lutra*, *Taxidea*, na America do Norte; *Putorius*, *Mustela*, *Lutra*, *Enhydriodon*,

Promeles, na Europa), também encontrados no Plioceno da Ásia (*Mustela*, *Lutra*, *Enhydriodon*, *Prometes*, *Meles*, *Mellivora*, *Promephtis*) e da África. Os *Viverridae* viviam, então, na Europa (*Viverra*, *Progenetta*, *Ictitherium*) e já na Ásia (*Ictitherium* e outros). Os *Hyaenidae* mais antigos que se conhecem são também desse período e seus restos se acham nos terrenos pliocenicos da Europa (*Lycyaena*, *Hyaenictis*, *Hyaena*) e da Ásia (*Hyaena*). Os *Felidae* ampliaram, então, sua distribuição geográfica e viviam na America do Norte, America do Sul, Europa (*Machairodus*, *Felis*), Ásia e África. Carnívoros *Pinnipédia*, da família *Otariidae*, habitavam então os mares sulamericanos e australianos, alguns *Phocidae*, os da America do Norte e Europa; quanto aos *Trichechidae* pliocenicos, foram descobertos até agora unicamente nos sedimentos da Europa.

No período *Pleistoceno*, a distribuição geográfica dos *Carnivora* quasi que se confundia com a de hoje. Poucas famílias modificaram, de então para cá, sua distribuição pela face da Terra. Assim, como hoje, entre os *Fissipédia*, a família dos *Canidae* tinha representantes na America do Norte (*Canis*), na America do Sul (*Icticyon*, *Palaeocyon*), na Europa (*Canis*, *Vulpes*, *Cyon*), na Ásia (*Canis*, *Vulpes*), na África e Austrália (*Dingo*); a dos *Ursidae* era representada na America do Norte (*Ursus*, *Arctotherium*) e do Sul (*Arctotherium*), na Europa (*Ursus*), na Ásia e na África; a dos *Mustelidae*, também na America do Norte (*Gulo*, *Galictis*, *Lutra*, *Taxidea*, *Mephitis*, *Brachypotoma*) e do Sul (*Galictis*), na Europa (*Gulo*, *Mustela*, *Lutra*, *Meles*), na Ásia (*Lutra*, *Mellivora*) e na África (*Lutra*); a dos *Felidae*, na America do Norte (*Smilodon*, *Felis*, *Lynx*) e do Sul (*Smilodon*, *Felis*), na Europa (*Machairodus*, *Felis*), na Ásia e África (*Felis*); a família *Procyonidae*, hoje também comum á Ásia, deixou restos no diluviano da America do Norte (*Procyon*, *Bassariscus*) e do Sul (*Procyon*, *Nasua*), não sendo ainda reconhecida, como fóssil, na Ásia; os *Viverridae*, presentes, desde o Eoceno superior (?) ou Oligoaceno, na Europa, e, no Plioceno, representados tanto na Europa como na Ásia, parecem ter desaparecido completamente da Europa, no Pleistoceno, pois não se encontraram, até hoje, nos terrenos diluvianos europeus, restos fósseis que possam ser atribuídos a essa família mas, em compensação, já se descobriram restos de representantes seus no Pleistoceno asiático. A sua atual distribuição geográfica abrange a Europa, Ásia e África. Os *Hyaenidae*, conhecidos desde o Plioceno euroasiático, estenderam-se, no Pleistoceno, também até a Africa (*Hyaena*). Quanto aos *Pinnipédia*, a família *Otariidae* tinha, então, a mesma distribuição geográfica de hoje, sendo representada nos mares norte e sulamericanos (*Otaria*) e australianos (*Arctocephalus*); da família dos *Phocidae*, hoje representada nos mares norte e sulamericanos, europeus e asiáticos, têm sido descobertos restos fósseis no Pleistoceno da América do Norte e Europa (*Phoca*,

etc.); enfim, os *Trichechidae*, atualmente comuns às costas norte-americanas, européas e asiáticas setentrionais, foram identificados em terrenos pleistocenos da America do Norte e Europa.

Como vimos, parece certo que, até o Mioceno superior e mesmo até uma parte do Plioceno, a fauna da America do Sul não possuía nenhum Carnívoro placentário, pois todos os mamíferos carnívoros descobertos no Santacruzense (Patagônia) não pertenciam á ordem dos *Carnívora* mas são Marsupiais didelfos ⁽²²⁾, fato êsse que têm sido apresentado, por diversos autores, como uma das melhores provas favoráveis á hipótese da junção que teria existido, então, entre a Australia e a America do Sul. A partir, porém, dos meados do Plioceno, a America do Sul alimentava já uma fauna de Carnívoros placentários, provavelmente imigrante da America do Norte, fauna essa que atingiu o seu apogeu no Pleistoceno (*Canideos*, *Ursideos*, *Procyonideos*, *Mustelideos*, *Felideos*).

Os Carnívoros fósseis e atuais do Brasil pertencem unicamente á Sub-ordem FISSIPEDIA, Fischer von Whaldecim, 1813.

Regime carnívoro, ás vezes onívoro e mesmo vegetariano. Dentição: 2/2 I; 1/1 C (constantes); o canino inferior aloja-se antes do superior; pre-molares variáveis, em numero, de 1 a 4, biradiculados, complicando-se progressivamente do primeiro ao ultimo, cuja corôa chega a ser trilobulada; no maxilar (4.º Pm) e na mandíbula (1.º M), um dente diferencia-se por seu tamanho muito maior que o dos outros e por sua corôa cortante, o carniceiro, também chamado dente sectorial, sendo o superior tritubercular e trirradiculado e o inferior birradiculado, do tipo tuberculo-sectorial; molares (M) superiores e 2.º e 3.º molares inferiores tuberculares, sendo o 3.º M inferior ás vezes muitíssimo embotado ou mesmo ausente. Côndilo do maxilar inferior cilíndrico; cavidade glenóide, correspondente, transversal (a mandíbula movimenta-se no sentido vertical). Clavícula rudimentar ou ausente. Patas plantigradas ou digitigradas, penta ou, mais comumente, tetractilas, munidas de garras cortantes e aceradas, ás vezes retracteis, nunca bifidas. Dedos separados, sendo o polegar e o halux raramente reduzidos. No carpo, o escafóide solda-se com o semi-lunar e, ás vezes, com o central. Astrágalo articulado somente com o navicular.

Os carnívoros fissípedes foram distribuídos por Flower (1869) em três grupos, adoptados, mais tarde (1882), por Saint-Georges

(22) A. Gaudry, no "Estudo sobre uma porção do Mundo Antártico" (*Annales de Paléontologie*, Paris, 1906), escreveu: "Encontram-se, lá, somente alguns Didelfos ou Subdidelfos, de gêneros desconhecidos" (Boule)

Mivart ⁽²³⁾ e ainda aceitos por alguns autores contemporâneos: *Arctoidea*, *Cynoidea* e *Aeluroidea*.

O grupo ou super-família dos *Arctoidea* (= *Canoidea*, Simpson) compreende todos os carnívoros que se aproximam dos Ursos, por sua organização, e que podem ser considerados como descendentes dum mesmo tipo primitivo, o tipo *arctóide*, representado, provavelmente, desde o Eoceno, por gêneros relacionados aos extintos *Creodontes* (*Arctocyon* e outros). A este grupo submeteu Mivart as famílias *Ursidae*, *Procyonidae* e *Mustelidae*, às quais Winge (1895) Cope e Lydekker juntaram a família dos *Canidae* que constituía o tipo do segundo grupo de Flower e Mivart, isto é, dos *Cynoidea* que, assim, perdeu sua razão de ser. Os Canídeos aproximam-se, de fato, muito mais dos Ursídeos que esses dois grupos, dos *Aeluroidea* cujos hábitos são carniceiros e sanguinários, consequência forçada de sua organização e da forma de seus dentes, enquanto os *Cynoidea* e principalmente os *Arctoidea* têm dentes conformados para um regime onívoro, sendo mesmo alguns *Arctoidea* quasi que exclusivamente vegetarianos.

Ao grupo ou super-família dos *Aeluroidea* (= *Feloidea*, Simpson), pertencem os fissípedes que são afins, por sua organização, com o tipo dos Felídeos, constituindo as três famílias dos *Felidae*, *Viveridae* e *Hyaenidae*.

Os *Arctoidea* são caracterizados principalmente por suas garras geralmente não retracteis, por sua caixa timpânica formada exclusivamente pelo próprio osso timpânico e por apresentarem um canal carotidiano que passa, no sentido antero-posterior, sob a caixa timpânica.

Os *Aeluroidea* caracterizam-se pelo fato de formar o seu osso timpânico unicamente a margem externa da caixa timpânica, que tem uma dupla estrutura, sendo a maior parte formada por uma ossificação separada, o ento-timpânico.

“Os verdadeiros carnívoros ou *Fissipedia* — escreve Zittel — são mui visinhos dos *Creodontia*, por seu aspecto de conjunto, pela estrutura de seu crânio e de seu esqueleto, assim como pela dentadura; distinguem-se, entretanto, dos *Creodontia*, por uma maior diferenciação e especialização em quasi todas as partes do organismo, de modo que os *Creodontia* se opõem, sob esse ponto de vista, aos representantes atualmente vivos dos Carnívoros, como formas primitivas, ancestrais, generalizadas.”

“Todos os gêneros de Carnívoros antigos, no tempo, e os que, entre os vivos, conservaram, no conjunto de sua organização, o maior numero de caracteres arcaicos (civêtes, cães) possuem um crânio

(23) Saint-Georges Mivart — “On the Anatomy, Classification and Distribution of the *Arctoidea*” (em *Proceedings of the Zoological Society of London*, 1885, pg. 340) (citado por Trouessart).

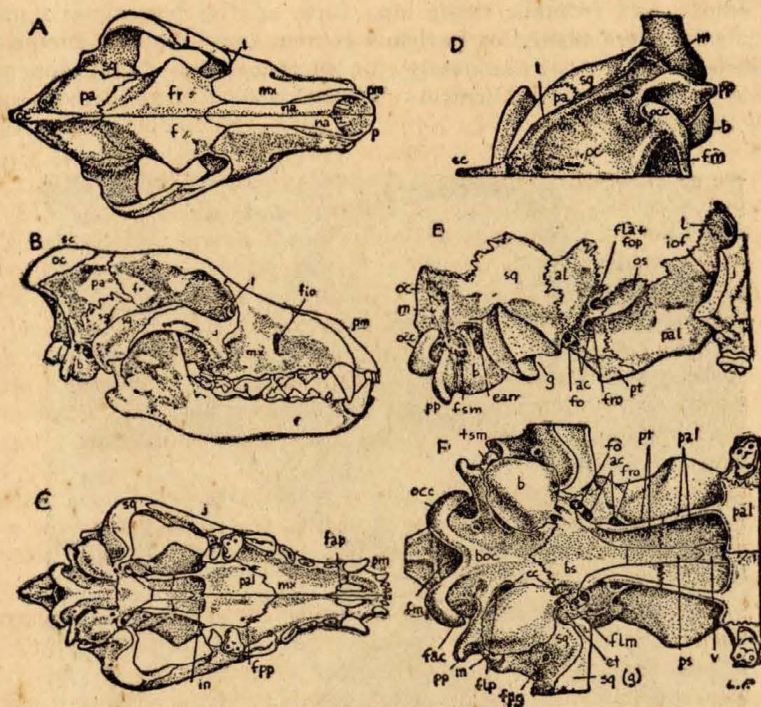


FIG. 1 — Crânio do lobo pleistocênico *Canis dirus*, para mostrar a estrutura do crânio dos mamíferos carnívoros fissípedes. A, lado dorsal; B, vista lateral; C, ventral; D, vista occipital da metade direita do crânio (base do crânio à direita da figura); E, vista lateral da parte posterior do crânio, com o arco zigomático e ossos da abóbada removidos; F, vista ventral do mesmo. ac, canal alisfenóide; al, alisfenóide; b, caixa timpanica; boc, basioccipital; bs, basisfenóide; cc, canal carotídeo; eam, meato auditório externo; el, trompa de Eustáquio; fac, foramen condilóideo anterior; fap, foramen palatino anterior; fio, foramen infraorbital; fla, foramen lacerum anterior (esfenorbital); flm, foramen lacerum médio; flp, foramen lacerum posterior; fm, foramen magnum; fo, foramen oval; fop, foramen otico (aqui fundido com fla); fpg, foramen postglenóide (que transmite um nervo); fpp, foramen palatino posterior; fr, frontal; fro, foramen rotundum; fsm, foramen estilomastóideo; g, fossa glenóide (articulação para o maxilar inferior); in, narina interna (choane); j, jugal; l, lacrimal, com o respectivo canal, indicando também a crista lambdoide (occipital transversal); m, porção mastóide do periótico; mx, maxilar; na, nasal; oc, occipital (incluindo basi, ex e supraoccipitais); occ, côndilo occipital; os, orbitoesfenóide; pa, parietal; pal, palatino; per, periótico; pm, premaxilar; pp, processo paroccipital do exoccipital; ps, presfenóide; pt, pterigóide; sc, crista sagital; sq, esquamossal; v, vomer (desenhos de Llewellyn Ivor Price, in "Vertebrate Paleontology", de Alfred Sherwood Romer).

alongado, baixo (Figs. 1, 2 e 3), mui estreitado atrás das órbitas, terminando posteriormente por uma caixa crâniana alongada e comprimida lateralmente, com crista segital mais ou menos desenvolvida; resulta disso aparecer-nos esta forma de cabeça como a forma mais primitiva. As órbitas são colocadas no meio ou adiante do meio do crânio e são abertas atrás ou somente imperfeitamente delimitadas

por ossos. Nos frontais, existe uma forte apófise postorbitária que se salienta lateralmente; os parietais cobrem quasi exclusivamente a cavidade cerebral; os ossos nasais e os intermaxilares são mui longos, devido ao grande desenvolvimento dos órgãos do olfato; a arcada jugal é completa e forte.

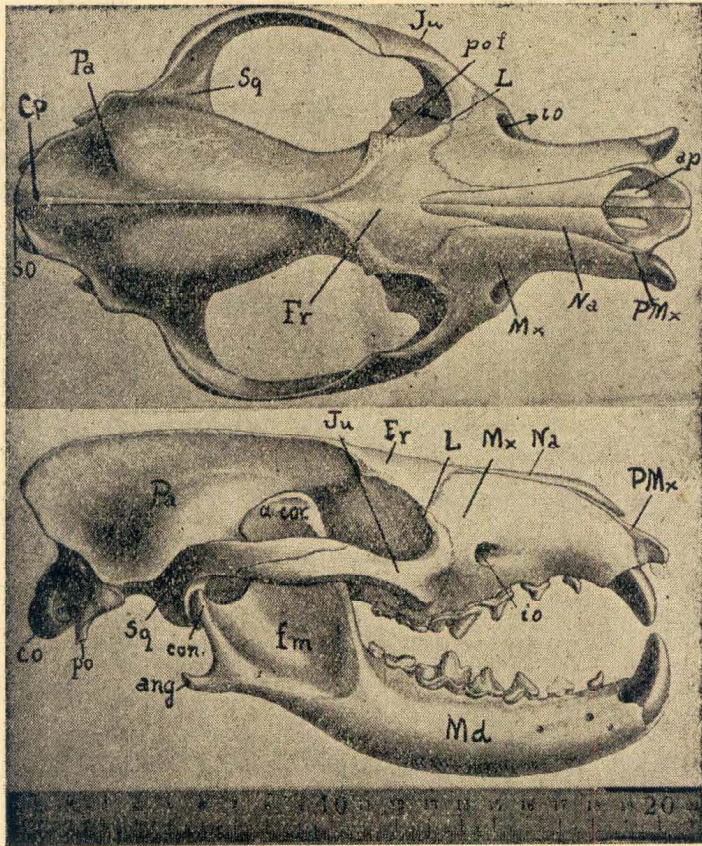


FIG. — Crânio de *Daphaenus felinus* Scott, visto de cima e de perfil. Reduzidos. (de *Memoirs of Carnegie Museum*, vol. IV) a. cor, apófise coronóide; ang, angular; ap, foramen palatino anterior; co, côndilo occipital; con, côndilo mandibular; fm, fôssa massetérica; FR, frontal; io, foramen infraorbital (= preorbitário); Ju, jugal; L, lacrimal; Md, mandíbula

“O palato é completamente ossificado, mais ou menos alargado atrás; a abertura dos choanes é situada ou sôbre a mesma linha que o último molar, ou ainda mais para traz. Na base do crânio, as duas vesículas auditivas, ossificadas, do timpânico impressionam por suas dimensões consideráveis. Elas são ou mui arqueadas (*Felidae*, *Ca-*

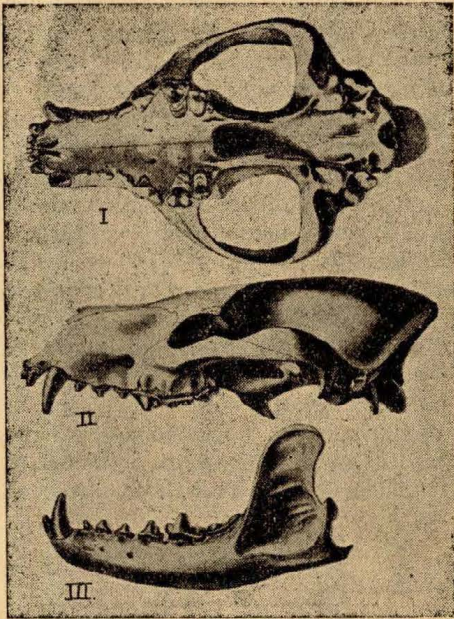


FIG. 3 — Crânio de *Daphaenodon superbus*. I, vista palatal do crânio; II, vista lateral esquerda do mesmo; III, maxilar inferior. (de *Memoirs Carnegie Museum*, vol. IV; (reduzidos).

nidae), ou planas (*Ursidae*), ou divididas em duas partes, internamente, por uma parede (*Felidae*, *Viverridae*) (Fig. 4-A) ou indivisas (*Ursidae*, *Mustelidae*, *Canidae*, *Hyaenidae*). A apófise paroccipital salienta-se ou atrás das vesículas auditivas, sob a forma de uma apófise nodulosa (*Canidae*, *Ursidae*) (Fig. 4-B), ou une-se intimamente a seu bordo posterior (*Felidae*, *Viverridae*) e as ultrapassa muito pouco; a apófise mastóide, ordinariamente pouco desenvolvida, acha-se imediatamente atrás do orifício do conduto auditivo externo (*am*). No bordo posterior interno da vesícula auditiva, acha-se o *foramen lacerum posterior* (¹) e, atrás deste, o nervo hipoglosso sai à superfície pelo *foramen condyloideum* (*c*). A abertura para o canal carotidiano (*car*) acha-se ou imediatamente ou a uma pequena distancia adiante do *foramen lacerum*, no lado interno da vesícula auditiva; e, na extremidade interna anterior desta ultima, desemboca a trompa de Eustáquio, por um orifício de forma um pouco irregular. Um orifício venoso arredondado (*Foramen postglenoidal* — *g*) perfura, nos Canídeos e Urdeos, a apófise zigomática imediatamente adiante do conduto auditivo externo, mas falta nos Viverrídeos e nos Felídeos atuais. Imediatamente adiante do orifício oval (*o*) desemboca, nos Cães, Ursos e Mustelídeos, a abertura posterior de um canal do alisfenóide (*a*), que serve de saída para a carótida e que possui uma segunda abertura (*a'*), um pouco adiante. Esse canal falta em todos os Viverrídeos,

Hienideos e Felideos vivos; nos mais antigos Felideos fósseis, existe, entretanto, não somente o canal do alisfenóide, como ainda o orifício postglenóideo, e o *foramen condyloideum* desemboca, como nos Canideos, entre o *foramen lacerum* e o côndilo articular posterior.”

“A mandíbula tem, nas formas primitivas, uma forma alongada, delgada e vai diminuindo de altura para diante; a apófise coronóide é alta, a fossa massetérica, na face externa, é de extensão considerável e ordinariamente mui escavada; o côndilo é alongado transversalmente e encaixa-se numa cavidade glenóide do esquamosal transversal que é limitada atrás, às vezes também adeante, por um rebordo em relêvo. Devido ao progresso da diferenciação, a cavidade cerebral adquire às vezes um volume consideravel, toma a forma larga e arqueada e estende-se muito no sentido transversal (*Lutra, Felis*); as órbitas nunca são — é fato — completamente fechadas atrás, nos Felideos, mas, contudo, são limitadas quasi por todos os lados, por ossos. A crista sagital ou alonga-se em simples crista, na linha de união dos parietais, ou bifurca-se já muito para traz em dois ramos que continuam, em divergencia mais ou menos acentuada, até as arestas temporais dos frontais.”

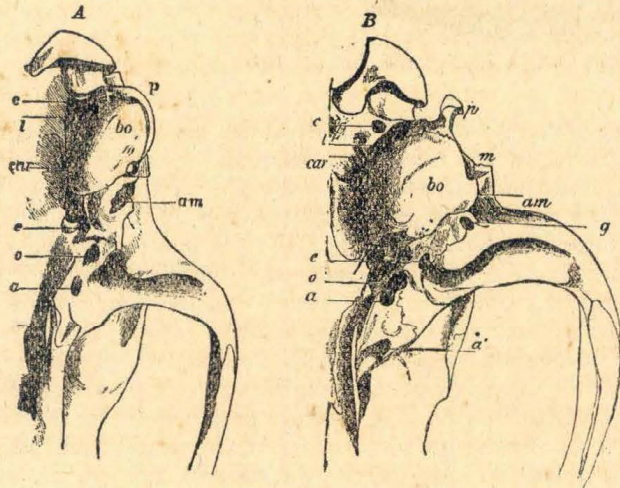


FIG. 4 — Parte posterior da base do crânio. A, de *Viverra civetta*; B, de *Canis lupus* (de Flower-Zittel). *bo*, vesícula auditiva (timpânico); *c*, foramen condilóideo; *l*, foramen lacerum; *car*, foramen carotidiano; *e*, canal da trompa de Eustáquio; *o*, orifício ou foramen oval; *c*, *a'*, canal do alisfenóide; *am*, meato auditivo (orifício do conduto auditivo externo); *g*, foramen postglenóideo; *p*, apófise paroccipital; *m*, apófise mastóide.

“O cérebro tem sempre um grande tamanho; os hemisférios cerebrais, providos, na maioria das vezes, de sulcos fortes e numerosos, cobrem, em grande parte, os lóbulos olfativos e o cerebelo.”

“A despeito de tôdas as especializações, causadas pela adaptação ao gênero de vida e ao modo de alimentação, a dentadura carnívora conserva sempre um character particular, mui característico e singular. O numero dos molares apresenta sempre oscilações consideráveis, mesmo dentro de cada família, porque os *Pm* anteriores e os *M* posteriores desaparecem frequentemente, por redução. Os incisivos (*I*) apresentam uma forma cônica ou em espátula, mui uniforme; são ou do mesmo tamanho ou aumentam de dimensão de dentro para fóra. Na mandíbula, acontece frequentemente que o 2º *I* recua para fóra da fila, atraz do primeiro *I* e do 3.º *I*. Os caninos ultrapassam mais ou menos os outros dentes, são um pouco decurvados para traz, cônicos, em forma de gancho ou achatados em forma de laminas de sabre, cortantes adeante e atraz, e principalmetne apropriados, como defesas ou croques, para manter a prêsa e despedaçar a carne. Em alguns Felideos (*Machairodus*, *Smilodon*), o canino superior, em forma de sabre bígume, encaixa-se numa ligeira depressão ou chanfradura da face externa da mandíbula, possuindo esta, então, na parte inferior, um prolongametno lobulado, cujo comprimento depende da força do canino que passa sobre êle. Entre os molares, ha um, em cada maxilar e em cada lado da mandíbula, que se dstingue por seu tamanho e por sua forma particular, o *carniceiro*; os dentes que o precedem têm corôas cortantes, os que o seguem têm corôas tuberculadas. Os três premolares anteriores, no maxilar superior, e os quatro premolares anteriores, na mandíbula compõem-se em geral de uma ponta principal, ao lado da qual pôde desenvolver-se, adeante e atraz, uma ponta acessória, menor. Às vezes, a base dos molares, tanto dos *Pm* como dos *M*, é ainda fortificada por uma intumescência basal (cingulum). O ultimo *Pm* do maxilar superior (Fig. 5 A-C) distingue-se como *carniceiro* (dente sectorial, *Reisszahn*), por seu tamanho considerável e por sua forma alongada, tritubercular e de três raizes, tanto dos *Pm* anteriores como dos verdadeiros molares (*M*). Dos dois tuberculos externos, o anterior (paracone) é desenvolvido em denticulo principal pontudo, o posterior (metacône), em lamina cortante, alongada; o tuberculo interno (protocône) permanece baixo, embotado e avança mais ou menos para dentro, seja na extremidade anterior, seja no meio do dente, formando uma apófise em forma de talon. Sômente nos Ursideos e Procionideos o *carniceiro* é menor que o dente tuberculado seguinte e distingue-se deste por sua estrutura tritubercular mais simples. Adeante da ponta principal externa, desenvolve-se ainda, nos Felideos, Hienideos e em muitos Viverrideos, um denticulo anterior (protostilo), baixo, cortante ou pontudo. Atraz do *carniceiro* superior, seguem os verdadeiros molares (*Höckerzähne*, tuberculados), cujo numero oscila entre 3 e 1. Sua corôa é sempre mais larga que longa e tem três baixos tuberculos (dois externos e um interno) e uma intumescência basal que forma ordinariamente, do

lado externo, uma muralha saliente. Por intercalação de tuberculos intermediários e adição de um quarto tuberculo interno posterior, os *M* superiores, na origem simplesmente trituberculares, podem tornar-tetratuberculares ou plurituberculares (*Ursidae*). Quanto mais exclusivamente carniceira é a alimentação, tanto mais fracos e pouco numerosos são os *M*; eles perdem completamente sua importancia nos gatos e na hiênas, nos quais não se desenvolve senão um único *M* superior, pequenissimo. Nos Ursideos, onivaros e frugivaros, nos Procionideos e em certos Mustelideos (*Meles*), o primeiro molar ultrapassa o carniceiro (4.^o *Pm*) em comprimento e em largura e distingue-se, como os dois seguintes, por sua corôa baixa e pluritubercular. Do mesmo modo, na mandíbula, os molares mais posteriores são, na maioria das vezes, conformados em tuberculados, sendo os *Pm*, pelo contrário, todos pontudos e munidos, às vezes, ao lado da ponta prin-

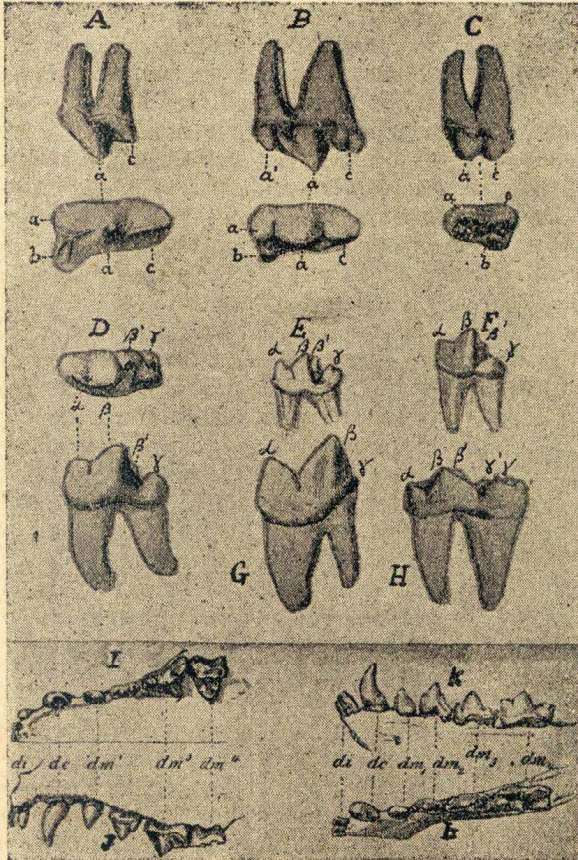


FIG. 5 — A a C, carniceros superiores (4.^o *Pm*) de lobo (A), leão (B) e urso (C), vistos de perfil e de baixo. a, ponta ou cúspide externa anterior (paracone), c ponta externa posterior (metacone), b tuberculo interno (protcone), a' tuberculo anterior accessorio (protostilo).

D a H, carniceros inferiores (1.^o *M*) de cão (D), visto de cima e de perfil, de *Herpestes* (E), de *Cynodictis* (F), de leão (G) e de urso (H). α denticulo externo anterior (paraconido), β denticulo externo posterior (metaconido), β' denticulo interno (protoconido), talon (hipoconido), γ γ'.

I a L, dentadura de leite de *Viverra civetta* (segundo Mivart). I e J, maxilar, visto de baixo e de perfil. K e L, mandíbula, vista de perfil e de cima.

cial, duma ponta acessória anterior e duma posterior. Os dentes da mandíbula encaixam-se sempre nos intervalos dos superiores, de tal modo que cada dente inferior é colocado adiante do superior correspondente; o carniceiro não tem por antagonista o ultimo *Pm* inferior mas o primeiro molar verdadeiro, sendo este, consequentemente, desenvolvido como carniceiro inferior (Fig. 5D-H). O carniceiro superior tem duas raízes, como os *Pm* posteriores, e compõe-se duma parte anterior de três ou duas pontas ou cúspides e de um talon (hipoconido). Das três cúspides da metade anterior, as duas externas são geralmente achatadas, cortantes e mais fortes que a interna que conserva a forma cônica. O denticulo externo posterior (protoconido) ultrapassa o anterior (paraconido), a ponta interna (metaconido) é situada ou em face da ponta principal externa ou recua um pouco para traz desta; ela é mui fraca ou desaparece mesmo absolutamente em muitos Mustelideos, nos Hienideos e nos Felideos. O talon tem, ás vezes, um grande desenvolvimento (*Ursidae*) e é limitado por um tuberculo ou denticulo, do lado externo e do lado interno, ou desaparece quasi totalmente em certos Felideos altamente especializados e nos Hienideos. Atraz do carniceiro inferior, seguem um ou dois tuberculados (molares), que são compostos duma parte anterior de dois tuberculos e dum talon. Nos gatos e hienas, eles desaparecem geralmente; nos Mustelideos e Viverrideos, falta o 3.º *M* inferior, sendo o segundo frequentemente de exiguas dimensões; nos cães, o 2.º *M* inferior é de talhe médio, o 3.º *M* é pequeno, estilóide e mais frequentemente de uma só raiz; nos Procionideos e Ursideos, os dois tuberculados posteriores (2.º e 3.º *M*) da mandíbula distinguem-se por suas dimensões consideráveis, que ultrapassam as do carniceiro (1.º *M*). Na formula dentaria, muitos autores põem em evidência os carniceiros, designando-os por *R* ou *S*, por exemplo 3/3 *I*, 1/1 *C*, 3/4 *Pm*, 1/1 *R*, 1/1 *M*."

"A dentadura de leite (Fig. 5 I — L) dos Carnívoros não apresenta senão uma repetição condensada da dentição definitiva. Os *I* e os *C* não se distinguem essencialmente de seus dentes de substituição; ao contrario, os *Pm* tomam o lugar de quatro molares de leite de notavel estrutura, entre os quais apenas o primeiro anterior, no maxilar, é semelhante ao *Pm* que o substitui; 2.º *Dm* (segundo molar de leite superior) semelhante, pelo contrario, ao 3.º *Pm* superior; 3.º *Dm* superior semelhante, ao carniceiro superior; 4.º *Dm* superior semelhante ao primeiro *M*. Na mandíbula, os dois *Dm* anteriores assemelham-se aos *Pm* correspondentes, sendo o 3.º *Dm* semelhante ao 4.º *Pm* inferior e o 4.º *Dm*, ao carniceiro (1.º *M*). Os carniceiros da dentadura de leite são, pois, situados um lugar para a frente, tanto no maxilar como na mandíbula, e distinguem-se mais frequentemente tambem dos carniceiros definitivos por pequenas diferenças, como o deslocamento para traz do tuberculo interno, a conformação

mais simples ou também um pouco mais complicada da corôa, o maior desenvolvimento do talon e sobretudo pela conservação de caracteres primitivos."

"A coluna vertebral compõe-se de 7 vertebrae cervicais, 13-16 dorsais, 5-7 lombares, 1-5 sacras e numerosas caudais."

"Entre as vertebrae do pescoço, o atlas (Fig. 6 A) distingue-se por grandes apófises transversais aliformes, que são perfuradas pelo canal arterial. As facetas articulares anteriores são profundamente excavadas. O axis (Fig. 6 B) tem uma longa apófise odontóide cônica, uma alta apófise espinhosa, estendida na direção antero-posterior, e delgadas apófises transversais. As outras ver-

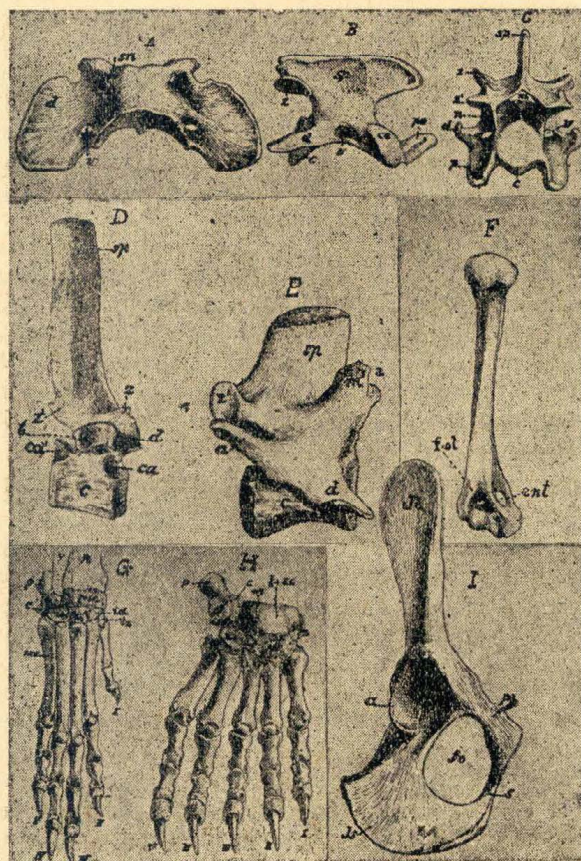


FIG. 6 — A a E, vertebrae de cão. A, 1.^a cervical (atlas), de perfil. B, 2.^a cervical (axis), de perfil. C, 6.^a cervical, de traz. D, 2.^a dorsal, de perfil. E, 2.^a lombar, de perfil. d, apófise transversal (diapófise) alargada. v, canal arterial. sn canal nervoso. sp apófise espinhosa. n, arco superior. c, centro ou corpo. s postzigapófise. po, apófise odontóide. co, faceta articular para o atlas. p, parapófise, com a lamina alongada para baixo. m, canal medular. z, z' zigapófises anterior e posterior, respectivamente. t, faceta para o tuberculum da costela. ca e ca' facetas para o capitulum da costela. m', metapófise. a, anapófise. F, humerus de *Cynodictis*, com foramen ou orificio entepicondiloideo (ent) e fosseta do olécrano perfurada (f. ol). G, pata anterior do cão. H, pata anterior do urso. I, rádio. U, ulna ou cúbito. v + sc, escafolunar. c, piramidal (cuneiforme, triquetrum). p, pisciforme. u, osso crochu ou unciforme. m, grande osso ou magnum. td, trapezóide. tz, trapézio, mc, metacarpianos. I-V, 1.^o a 5.^o dedos. I, metade direita da bacia do cão. Is, isquion. Il, ilion. Pb, púbis. S, sínfise. a, cavidade cotilóide ou acetabulum, para o femur. fo, foramen obturador.

tebras cervicais (Fig. 6 C) são providas de fracas e estreitas apófises espinhosas, que aumentam progressivamente de altura para as posteriores, e de apófises transversais mui fortes que se soldam às parapófises, situadas numa lamina perpendicular.”

“As vertebbras dorsais anteriores (Fig. 6 D) teem apófises espinhosas longas, delgadas e inclinadas para traz, tornando-se cada vez mais espessas e mais baixas, para as vertebbras posteriores, apófises essas que tomam inclinação para deante, a partir da undecima vertebra ou vertebra anticlinal. A partir desta vertebra (11.^a), desenvolvem-se tambem anapófises e metapófises, como nas vertebbras lombares (Fig. 6 E), que são caracterizadas por longas apófises transversais e apófises espinhosas baixas, mas extendidas em direção horizontal. O sacrum compõe-se normalmente duma única vertebra, à qual podem soldar-se uma, duas e mesmo quatro outras. O numero das vertebbras caudais varia consideravelmente nos diversos gêneros e famílias.”

“A cintura escapular contem, além da omoplata ou escápula, mais frequentemente ainda uma clavicula rudimentar, que não vai nem até o externo, nem até a escápula. Esta ultima apresenta uma espinha mui alta, um acrómio bem desenvolvido e fossas anterior e posterior quasi iguais, em dimensões. A apófise coracóide é pouquissimo desenvolvida. O humerus (Fig. 6 F) curva-se ordinariamente um pouco para deante, a crista deltoideana é assaz saliente e desce muito, em direção da epífise distal, a fossêta do olécrano é às vezes perfurada e, na maioria dos Canideos, Viverrideos, Mustelideos e Felideos fósseis, ha um orificio entepicondilóideo. O cubitus ou ulna e o radius permanecem sempre separados mas não se cruzam. A extremidade superior ou proximal do radius é assaz larga e achatada, sendo a extremidade distal um pouco espessa e provida de uma superficie articular concava. O cubitus possui um longo olécrano, achatado lateralmente e profundamente entalhado pela fossa sigmóide; êle estreita-se consideravelmente na extremidade distal.”

“O carpo não encerra senão três ossinhos na fila proximal; uma grande e larga peça, proveniente da fusão do semi-lunar com o escafoíde (Fig. 6 G-H) (*l + sc*) suporta o radius; o estreito piramidal, alongado obliquamente para baixo e para fóra, suporta o cubitus e serve ao mesmo tempo de suporte ao grande pisciforme (*p*) que é dirigido para traz e para fóra. Na segunda fila, o osso crochu ou unciforme encaixa-se entre o piramidal e o escafo-lunar; o grande osso ou magno, o trapezóide e o trapézio são coolvados sob êste último. Nunca se encontra central separado, nos Carnívoros adultos. Os metacarpianos têm suas extremidades proximais quasi num mesmo plano, nas formas primitivas; nos gatos, os três metapodos internos elevam-se consideravelmente acima do plano dos dois externos. O primeiro metacarpiano pode às vezes (hiênas) degenerar num

curto tóco, mas ordinariamente cinco metacarpianos e cinco dedos são desenvolvidos, sendo o primeiro em geral menos longo que os outros e não atingindo o solo, nos cães e em muitos viverríneos. O dedo médio (terceiro) é ordinariamente o mais longo, o segundo e o quarto são do mesmo comprimento, os dedos externos são mais curtos. Na maioria dos Carnívoros, as patas deanteiras são semiplantigradas, isto é, os metapodos não tocam o solo senão em parte, dirigindo-se obliquamente para cima. Mas entre os dois extremos, os ursos, completamente plantigrados, e os cães, digitigrados, existem tôdas as passagens imagináveis. As falanges terminais são pontudas e envolvidas por garras. Podem ser encolhidas sobre a segunda falange, nos gatos e em muitos viverríneos (garras retracteis)."

"A bacia (Fig. 6 I) é estreita e longa; o isquion e o ilion são situados numa mesma linha. A sínfise é longa, o orifício obturador é grande e oval. No fêmur longo e delgado, o côndilo articular é assaz proeminente, o grande e o pequeno trocanter são fortes, não existindo, pelo contrario, nas formas modernas, o terceiro trocanter que é às vezes ainda nitidamente desenvolvido em certos gêneros fósseis. A tibia e o perônio ou fíbula são sempre nitidamente desenvolvidos e separados; nas formas primitivas, o peroneo (fíbula) é ainda muitíssimo forte, nas formas mais recentes e mais especializadas, torna-se êle delgado e une-se estreitamente à tibia em sua extremidade distal. Na tibia, a facêta articular inferior é dividida por uma crista transversal."

No tarso (Fig. 7), nunca ha soldadura de dois ossinhos, pelo contrario, estes são estreitamente apertados uns contra os outros e solidamente reunidos entre si. O astragalo e o caloâneo distinguem-se por sua forma adelgada. O alto cuboide sustem geralmente só o calcâneo; o escafóide (navicular) suporta o astragalo, cuja polé tibial apresenta profundo sulco. Os metapodos posteriores são na maioria um pouco mais longos que os anteriores; nos gatos, viverríneos, hiênas e mustelídeos, os dois metatarsianos II e I, inseridos no tarso, nos Ursídeos e Canídeos, quasi na mesma altura que os outros, sobem muito e os cuneiformes II e I, correspondentes, tornam-se consideravelmente mais baixos que o cuneiforme III. O grande artelho é às vezes atrofiado (nos cães, gatos, hiênas e viverríneos); as falanges assemelham-se às da pata anterior. A modernização da mão e do pé é limitada nos Carnívoros a uma justaposição tão íntima quanto possível dos ossos do carpo e do tarso, à fusão completa do semi-lunar e do escafóide, à união mais íntima e à penetração dos metapodos no carpo e no tarso e à atrofia do polegar e do grande artelho."

"Os Carnívoros (*Fissipedia*), caracterizados por seus dedos separados, foram divididos por Cuvier, segundo a conformação das

patas, em duas famílias (*Plantigrada* e *Digitigrada*) e cada uma delas foi oposta aos *Pinnipedia*, como do mesmo valor. Esta divisão é insustentável, como vimos acima; ela coloca em dois grandes grupos diferentes as formas que são precisamente mais visinhas (ursos e cães), por causa das passagens multiplas que se observam entre elas."

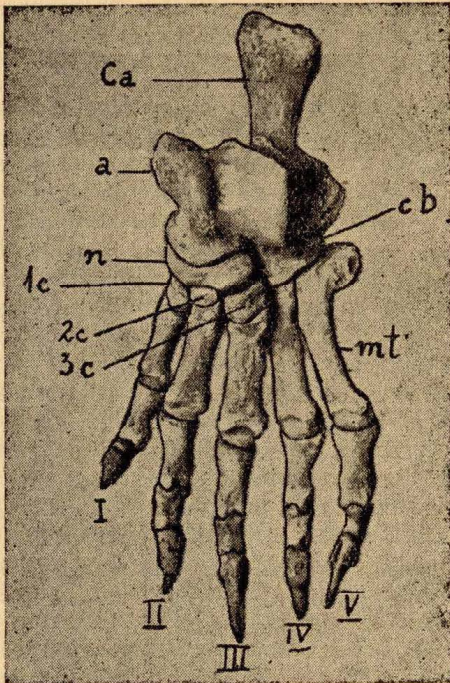


FIG. 7 — Pata posterior direita de urso. Ca, calcâneo; a, astragalo; cb, cubóide; n, escafóide ou navicular; 1c, 2c e 3c, primeiro, segundo e terceiro cuneiformes; mt, metatarsianos; I-V, primeiro a quinto dedos.

"Depois do grande character da estrutura dos membros, attribuia-se sempre à dentadura uma importancia sistemática considerável, e embora as descobertas paleontológicas provem que o numero dos molares não possui, de modo algum, a constancia que se havia admitido antes, a conformação dos molares fornece ainda o critério mais certo para julgar as afinidades e para estabelecer famílias naturais. Não podemos, entretanto, negar que, em certas circunstâncias, devido à similitude do gênero de vida, a especialização da dentadura possa conduzir a resultados semelhantes, mesmo para formas afastadas e enganar sobre o verdadeiro parentesco. Assim, por exemplo, a estrutura dos dentes do *Gulo* assemelha-se sobretudo à da *Hiêna*, por seu aspecto geral, embora esses gêneros não tenham senão poucos caracteres comuns, e o *Cryptoprocta* reúne à dentadura dum gato o esque-

leto duma *Viverra*; semelhantemente, formas duma mesma família podem modificar tão estranhamente sua dentadura, que quasi não se podem mais comparar aos outros membros do mesmo grupo. *Meles* e *Enhydris*, entre os Mustelídeos, *Proteles*, entre os Hiênídeos, oferecem exemplos desta natureza. Um fato que não é menos embaraçante para um agrupamento sistemático preciso é o de que os representantes geologicamente mais antigos de tôdas as famílias têm quantidade de caracteres primitivos comuns a uns e a outros, na dentadura, e que são sempre mais visinhos uns dos outros que as formas mais especializadas, da época atual ou da época terciária superior."

"Mas em todos os casos podemos observar que uma modificação determinada, embora pequena, na estrutura dos dentes, estabelecido que tenha tido importância para o organismo, se manteve com grande tenacidade e se desenvolveu; êsses são caracteres que a classificação deve ter em conta. A divisão dos *Carnivora Fissipedia* em 7 famílias (*Ursidae*, *Subursi*, *Viverridae*, *Mustelidae*, *Canidae*, *Hyaenidae* e *Felidae*), fundada por Blainville sobre a dentadura, merece, por causa disto, mesmo ainda hoje, a preferência sobre a classificação proposta por Turner, Flower e Cope (24). Turner e Flower ligam uma importancia fundamental à base do crânio. A estrutura externa e interna das vesículas auditivas, a situação e a forma dos diversos orifícios, a presença ou a ausencia dum canal do alisfenóide devem fornecer caracteres mais estaveis que a dentadura, para o estabelecimento dos grupos sistemáticos. Mas, como demonstraram Schlosser e Scott, os caracteres da base do crânio, estabelecidos por Flower, para seus três grupos principais (*Arctoidea*, *Cynoidea* e *Aeluroidea*), estão longe de ser exclusivos e falta frequentemente nos representantes fósseis; por outro lado, o que se opõe a seu emprego na prática é o fato de que não se pode verificar a sua presença, senão mui raramente, sobre restos fósseis, porque não se possuem crânios completamente conservados senão da décima parte, no maximo, de tôdas as espécies fósseis. Um exame mais detalhado da classificação de Flower, aplicada a materiais fósseis, mostra, tambem, que os ditos caracteres da base do crânio variam dentro de cada família e não podem pretender a uma constancia maior que os da dentadura. Enquanto que, por exemplo, todos os Felídeos vivos assemelham-se essencialmente aos Viverrídeos, no que concerne à

(24) A despeito destes argumentos de Zittel, adotamos aqui a divisão proposta por Flower e Mivart (*Arctoidea*, *Cynoidea* e *Aeluroidea*), para os carnívoros *fissipedes*, com uma ligeira modificação (incluindo os *Cynoidea* entre os *Arctoidea*). Assim agimos, em virtude de ser esta divisão aceita hoje pelos mais competentes autores, principalmente pelos norteamericanos (Simpson, Scott, Romer e outros). Aliás, a classificação que adotamos aqui é uma mescla das classificações de Flower e Blainville.

base do crânio, a maioria das formas fósseis e particularmente tôdas as mais antigas lembram quasi exatamente os *Cynoidea* e, sob muitos aspectos, os *Arctoidea*. Parece acontecer tambem o mesmo com as formas fósseis. Conclue-se disso que a base do crânio sofreu, no decorrer dos séculos, uma diferenciação da mesma maneira que a dentadura e que os caracteres originaes conservaram-se ainda na maioria dos cães e ursos, enquanto que os *Aeluroidea* vivos, de Flower, representam um estado mais avançado de desenvolvimento. A falta de solidez dos três grupos de Flower, que Mivart adotou, ressalta, além disso, já do fato de que os cães e os ursos, ligados uns aos outros do modo mais intimo, por formas fósseis de transição, formam divisões de primeira ordem e de que, segundo Flower e Mivart, os Mustelídeos, proximos parentes dos viverrídeos, são agrupados entre os *Arctoidea*, embora afastados dêstes sob todos os outros pontos de vista."

"A divisão dos carnívoros em *Hypomycteri* e *Epimycteri*, feita por Cope, não tem mais importância pratica; o segundo grupo corresponde mui exatamente aos *Aeluroidea* de Flower. Nos *Hypomycteri*, as narinas externas são ocupadas pelos cornêtos maxilares, sendo, os cornêtos etmoidais, pouco desenvolvidos, relegados completamente para a extremidade posterior das fossas nasais; nos *Epimycteri*, as narinas externas são ocupadas, em baixo, pelos cornêtos etmoidais e, em cima, pelos cornêtos maxilares. O desenvolvimento dos folhetos etmoidais está em relação com o comprimento das fossas nasais e de tôda a parte facial. Como quasi todos os Canídeos fósseis mais antigos possuem um longo focinho, os *Hypomycteri* corresponderiam ao estado primitivo, enquanto os *Epimycteri*, de curto focinho, corresponderiam ao estado diferenciado."

"Os representantes das 7 famílias admitidas nesta obra: *Canidae*, *Ursidae*, *Procyonidae*, *Mustelidae*, *Hyaenidae* e *Felidae*, repartem-se pelas épocas terciária, pleistocena e actual; os Canídeos e os Viverrídeos apresentam-se a nossos olhos como os ramos mais antigos e como os mais conservadores do tronco dos Carnívoros; os Ursídeos e Hienídeos, como os mais recentes e mais diferenciados. Os Ursídeos derivaram provavelmente dos Canídeos; os Mustelídeos e Hiênídeos, dos Viverrídeos. A procedência dos Procionídeos (*Subursi*) e dos Felídeos é provisoriamente ainda obscura."

TRIBU 1 — *ARCTOIDEA* FLOWER, 1869
(com *Cynoidea* Flower = *Cynoidea* Scott = *Canoidea* Simpson)

A — FAMILIA *CANIDAE* FISCHER, 1817

Formula dentária típica: 3/3 I; 1/1 C; 4/4 Pm; 2 (1)-3/2-3(4)
M. Caninos (C) superiores e inferiores fortes, cônicos e pontudos.
Carniceiro superior (4.º Pm) alongado em comprimento, com mu-

ralha externa de duas pontas e forte tuberculo interno. Molares (M) superiores trituberculados, mais largos que longos, às vezes com tuberculos intermediários, o anterior quasi tão grande como o carniceiro. Carniceiro inferior (1.º M) provido, adeante, de duas pontas externas e duma fraca ponta interna, dirigida muito para traz. Talon limitado, do lado externo e do lado interno, por um tuberculo, sendo o tuberculo interno provido de pontas secundárias. 2.º M inferior de tamanho médio, 3.º M inferior pequeno. Crânio alongado, focinho assaz longo. Capsula ou vesicula auditiva liza, fortemente convexa e indivisa, pois o septo interno é mui rudimentar, atingindo apenas $\frac{1}{4}$ mais ou menos da cavidade. O meato auditivo apresenta um bordo inferior um tanto proeminente. Ha um canal do alisfenóide, um largo orificio postglenóide, um canal carotidiano que desemboca no canal lacerum posterius e um conspícuo foramen condilóideo. Apófise ou processo parocipital longo e proeminente. Mastóide distinto, forte mas de pequeno desenvolvimento. Membros delgados e digitigrados; patas deanteras tetra ou pentadactilas, sendo as trazeiras mais frequentemente tetradactilas. Nas formas mais recentes, o polegar e o halux são muitissimo reduzidos. Garras não retracteis. Cauda longa. Forte osso penial.

A origem do tipo dos Canídeos confunde-se com a de todos os Arctoidea ou, em outros termos, os Ursídeos, Procionídeos e Canídeos podem ser considerados como descendentes de ancestrais comuns.

Entre tôdas as subfamílias que compõem esta familia, apenas uma (a dos *Caninae*) é representada no Brasil.

SUB-FAMILIA CANINAE.

Os premolares (4/4 Pm) e os molares (2-1/3-2 M) diminuem bruscamente de tamanho, para os posteriores. Premolares delgados, apresentando os posteriores tuberculos secundários. Molares superiores trituberculados, com forte cingulum. Humerus sem foramen entepicondilóideo. Patas deanteiras pentadactilas, trazeiras geralmente tetradactilas, tôdas digitigradas, sendo os matapodos delgados, achatados e estreitamente apertados entre si, com superficies articulares distais cilíndricas. Astragalo truncado. Polegar e halux rudimentares.

Os gêneros mais antigos desta sub-familia parecem ser os *Vulpes*, presente provavelmente desde o Mioceno superior da America do Norte (*Vulpes* ou *Canis vafer* Leidy) e *Canis*, conhecido desde o Mioceno superior da America do Norte, onde é representado por muitas especies fósseis.

Canis Linneu. 2/3 M (3/3 M apenas em *C. cancrivorus*). Crânio de forma mais ou menos alongada, sendo a parte frontal colocada num

nível mais baixo que a parte craniana; porção facial cônica adiante e comprimida; maxilares e mandíbula alongados; apófise zigomática de força média; apófises postorbitárias convexas, curtas, deixando a órbita francamente aberta atrás. Vertébras: C 7, D 13, L 7, S 3, C 17-22. Clavículas mui rudimentares. Patas de proporções moderadas, digitigradas. Pés curtos; cinco dedos nas patas anteriores, sendo o polegar completo mas rudimentar, bem mais curto que os outros e não tocando o solo. Patas posteriores tetradactilas, sendo o halux representado por um rudimento do metatarsiano (nos cães domésticos, um halux é frequentemente desenvolvido em condição rudimentar). Todos os dedos são providos de garras não retracteis, ligeiramente curvas e embotadas. Grande é o numero de espécies fósseis conhecidas, a partir do Mioceno superior da America do Norte, onde Leidy identificou seu *Canis* (*Tephrocyon*) *temerarius*. Numerosas espécies distribuem-se pelo Plioceno da Ásia e Europa e Pleistoceno da Eurasia, America do Norte e America do Sul. O Dingo (*Canis dingo*), ainda existente, é encontrado, em estado fossil, nos terrenos pleistocenicos da Australia.

Peter Lund descobriu, entre os despojos fósseis pleistocenicos, das cavernas de ossadas do vale do Rio das Velhas, em Minas Gerais, restos que atribuiu a diversas espécies do gênero *Canis*, algumas ainda vivas ou pelo menos visinhas das espécies atuais. Tais são:

Canis Azarae von Wied,
Canis lycodes Lund,
Canis robustior Lund,
Canis protalopex Lund,
Canis aff. *vetulus*,
Canis aff. *brasiliensis* e
Canis aff. *fulvicaudus* Lund.

O *Canis lycodes* Lund, aproximado, segundo Liai, do Lobo europeu, era dum tamanho mui superior ao do atual Guará *Chrysocyon jubatus* (Fig. 8 — I). Essa espécie, extinta, não é, entretanto, conhecida senão por um dente carniceiro mandibular, cuja forma é perfeitamente semelhante á do dente correspondente do Lobo europeu e mais ou menos intermediária entre a do Guará e a das duas espécies do gênero *Palaecyon*, do qual ainda falaremos.

O *Canis robustior* Lund apresenta grandes analogias com o atual *Canis* (*Vulpes*) *brasiliensis*, o vulgar *Guaraxaim* (Fig. 9) mas é maior e mais robusto que o ultimo.

O *Canis protalopex* era do tamanho do atual *Canis brasiliensis* mas aproximava-se mais, pela forma, dos *Canis vetulus* (Rapoza do campo) e *C. fulviceudus*, mostrando, entretanto, caracteres mui distintos dos dessas espécies atuais; é especie extinta, como a anterior.

O *C. protalopex*, que Lund aproxima do grupo secundário das Rapozas, encontra-se também, como fóssil, em Buenos Aires, segundo Ameghino ("Antigüedad del hombre...").

Os *Canis* aff. *vetulus*, *C.* aff. *brasiliensis* e *C.* aff. *fulvicadus* apresentam grandes afinidades com as espécies atuais, homônimas.



FIG. 8 — I, *Chrysocyon jubatus*, o atual "Guará"; II, *Procyon cancrivorus*, o atual "Mão pelada"; III, *Icticyon venaticus*, um "cachorro do mato", da fauna atual do Brasil.

O *Canis lydekkeri* provém também das cavernas de Minas Gerais, tendo sido os seus restos, assim como os do *Canis cancrivorus* Desmarest, enviados por Pedro Claussen para o British Museum.

Icticyon Lund. 1/2 M. Este gênero, característico unicamente da America do Sul, onde é ainda representado por duas ou três espécies (*I. venaticus*, *I. Wingei*), deixou restos na fauna fóssil do Brasil.

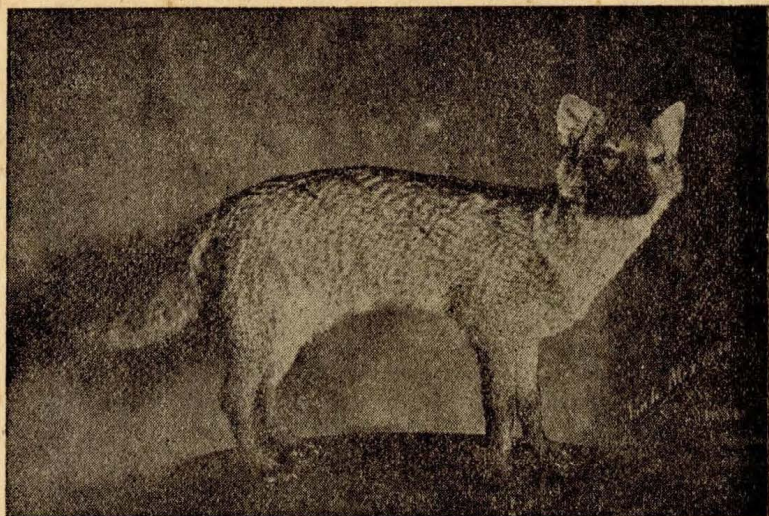


FIG. 9 — *Canis brasiliensis*, o vulgar "Graxaim" ou "Guaraxaim". Exemplar preparado pelo hábil preparador Sr. Pilade Frediani, do Museu Estadual do Rio Grande do Sul

O *Icticyon* aproxima-se muito do *Canis* e dos outros gêneros da família, apresentando porém dentição reduzida a 38 dentes, por supressão dos últimos molares. O seu cérebro mostra uma forma característica, peculiar, que o assemelha ao do Gato. O fato de apresentar o *Icticyon* apenas um mui pequeno dente molar tuberculado, no maxilar e na mandíbula, após o *carniceiro* ($1/2$ M), afasta-o dos outros gêneros da mesma família mas aproxima-o das Martas (*Icticyon* = Martação). O seu *carniceiro* inferior ($1.^{\circ}$ M) não tem tuberculo interno e apresenta talon cortante. Fossil nas cavernas de ossadas do Brasil, onde é representado pelas duas espécies seguintes:

Icticyon venaticus Lund e
Icticyon major Lund.

O *Icticyon venaticus* Lund (Fig. 8 — III) vive atualmente nas Guianas e no Brasil. Lund fez um estudo mui minucioso do seu esqueleto, estudo êsse de que Liais fez um belo resumo.

O *Icticyon major* Lund corresponde a um dente *carniceiro* maior que os da espécie anterior, descoberto numa caverna do vale do Rio das Velhas. Este dente foi antes atribuído por Lund ao gênero *Cynailurus* Wagler (Guepardo ou lobo-tigre, vulgarmente), da Ásia e África, que pertence à família dos *Felidae*. Sobre êsse dente, fundou Lund o seu *Cynailurus minutus* que acreditava ter tido o talhe do

gato domestico. Entretanto, como a atual distribuição geográfica do gênero *Cynailurus* é, como vimos, restrita à Ásia e África, a maioria dos naturalistas impugnou a classificação de Lund. De Blainville, por exemplo, manifestou a opinião de que o dito molar tenha pertencido a um *Felis* propriamente dito, à vista de suas dimensões, e possivelmente a uma das numerosas espécies de gatos selvagens atuais da America do Sul. A descoberta posterior, do *I. venaticus* vivo e de outros dentes fósseis veio esclarecer, porém, o enigma e demonstrar que tanto Lund como De Blainville estavam enganados. O proprio Lund, aliás, foi o primeiro a reconhecer e a retificar o seu erro mas a sua retificação passou tão desapercibida que escapara mesmo a nós, até pouco tempo ⁽²⁵⁾. Pela descoberta do *I. venaticus* ficou demonstrado que os seus dentes de leite assemelham-se, de fato, aos carniceiros do *Cynailurus*, o que motivou o engano de Lund, e que o dente que provocou tanta confusão pertenceu a um canídeo do gênero *Icticyon* mas de talhe maior que o *I. venaticus*, ao qual Lund denominou de *I. major*).

Speothos Lund. Muitos autores consideram este gênero como sinonimo do gênero *Icticyon* e nós, mesmo, seguimos esta orientação, até pouco tempo. É possível, mesmo, que essa separação genérica não tenha razão de ser, dado que a única diferença que distingue o *Speothos* do *Icticyon* está no fato de apresentar o primeiro dois molares tuberculados, no maxilar, após o carniceiro correspondente (4.º Pm), o que se expressa com a formula $2/2$ M, diferença essa que, para muitos autores, é insuficiente para o estabelecimento duma distinção genérica ⁽²⁶⁾. A dentição do *Speothos* mostra-se ainda em algumas espécies vivas do gênero *Canis*, particulares às Indias orientais, espécies essas que formam o sub-gênero *Cuon* ⁽²⁷⁾. O *Speothos* atingia o talhe do Chacal e era notavel pelo desenvolvimento de sua armadura óssea. Tinha a cauda curta e o focinho pouco alongado. Lund cita uma espécie, como fossil nas cavernas de ossadas de Minas Gerais:

Speothos (? *Icticyon*) *pacivorus* Lund.

“As pacas — diz Lund — constituíam o seu principal alimento, e delasprovém a espantosa quantidade de ossadas que tive ocasião

(25) Em nosso trabalho “Carnívoros e Desdentados fósseis do Brasil” (Anais do III Congresso Sul-Riograndense de Historia e Geografia — 1940) fizemos alusão a esse dente, na familia *Felidae*.

(26) F. E. Beddard (“Mammalia” — London, 1920), por ex., dá para o *Icticyon* a formula dentária $3/3$ I; $1/1$ C; $4/4$ Pm; $2-1/2$ M, o que, implicitamente, indica que o referido autor considera o *Speothos* como sinonimo de *Icticyon*.

(27) F. E. Beddard, referindo-se ao *Icticyon*, diz que se aproxima do *Cuon* indiano, o que confirma o suposto na nota 26.

de mencionar em minha ultima memória sôbre a Lapa da Cerca Grande. Proponho para êste tipo notavel (que entretanto pode ser considerado como uma divisão secundária do gênero *Canis*, do mesmo modo que o *Cynailurus* é reputado sub-divisão do gênero *Felis*) o nome de *Speothos* — chagal das cavernas —, designando a única espécie até agora descoberta de *S. pacivorus*, de modo a lembrar o mamífero que constituia o seu principal alimento.”

O *Speothos pacivorus*, que Liais prefere designar como *Canis pacivorus*, designação essa que não nos parece aceitavel, em virtude de sua grande afinidade com o gênero *Icticyon*, ao ponto de muitos autores considerarem-n'o como sinonimo dêste, “apresenta em sua dentição — segundo Liais — independentemente do numero de dentes, alguns caracteres intermediários entre os dos cães e os dos *Icticyons*, principalmente o rudimento do terceiro tuberculo anterior, existente nos dentes carniceros dos ultimos.”

Esta espécie foi fundada sôbre um maxilar que apresenta alguma analogia com os do *Procyon cancrivorus*, atual e fossil, no Brasil, e *C. primaevus*.

Palaeocyon Lund (sinonímia: ? *Abathmodon* Lund). Êste gênero encerra canídeos extintos, de grande talhê e de regime mui carnicero. 44 dentes. 2.º M superior mui pequeno; tuberculo interno do carnicero superior fraco, sendo o tuberculo ou cuspide interna do carnicero inferior (1.º M) atrofiada. Duas espécies, bem caracterizadas, ambas extintas e fósseis nas cavernas de ossadas de Minas Geraes, e uma, insufficientemente determinada:

Palaeocyon troglodytes,
Palaeocyon validus e
Palaeocyon fossilis.

O *Palaeocyon troglodytes*, do talhe do atual Guará (*Canis jubatus*) e o *P. validus*, menor que o anterior, “eram — no dizer de Liais — animais duma constituição vigorosa, o mais possivelmente afastados, sob êsse ponto de vista, do Guará, tão notavel por sua forma esbelta, e ultrapassavam, mesmo, o Lobo da Europa, relativamente á força de seus membros. A menor espécie superava-o ainda mais que a maior, a êste respeito. O focinho era muito mais curto que no Guará, os dentes muito mais estreitos e mais apertados entre si, e, sob êste ponto de vista, essas espécies ultrapassavam tambem o Lobo europeu. Seus dentes são tambem mais fortes que os dêste ultimo. Podemos concluir, pelos restos fósseis de suas prezas, achados com elas, que sua alimentação parece que se compunha sobretudo das diversas espécies de Pecaris; mas, com os dêstes, veem-se os restos duma multidão de outros animais menores. Os *Palaeocyon* eram, pois, cães essencialmente carniceros, da secção dos Lobos. O sábio paleontologista a quem se deve sua descripção não fez dêle, a principio,

um gênero particular e dêra mesmo á primeira espécie o nome de *Canis troglodytes*, em alusão á sua frequencia nas cavernas. Creando o gênero *Palaeocyon*, o proprio autor reconheceu que suas diferenças com os Cães são muito minimas, para fazer dêle outra cousa mais que um sub-gênero que representa uma linha de desenvolvimento carniceiro extranho às espécies atuais de Canideos, na America do Sul. Então, para admitir o gênero *Palaeocyon*, devemos dividir o gênero *Canis* em numerosos outros; se, pelo contrário, reunirmos todos os Cães num mesmo gênero, como fizemos, e o fazem quasi tôdos os naturalistas, as duas espécies em questão devem ser denominadas de *Canis troglodytes* e *Canis validus*."

A outra espécie de *Palaeocyon*, das cavernas de Minas Gerais, seria o *P. (Abathmodon) fossilis* Lund, que muitos autores consideram sinônimo do *Icticyon major*.

Ameghino identificou, entre restos fósseis, procedentes de Tarija, no planalto sul-boliviano, ossadas de um canídeo que atribuiu ao gênero *Palaeocyon*, chamando a espécie de *P. tarijensis* que difere do *P. troglodytes*, de Lund, principalmente pela forma mais alongada do crânio.

O Ensino Militar no Brasil

(PERÍODO COLONIAL)

Cap. Adailton Sampaio Pirassinunga

Prezado Comte. Cap. *Pirassinunga*

Embora não seja historiador, dou toda importância ao trabalho dos que pesquisam a História ou interpretam fatos históricos e não são poucas, às vezes que me tenho valido do trabalho desses estudiosos.

Seu "Ensino Militar no Brasil" vale como verdadeira chave para a compreensão de uma série de fenômenos que ainda persistem nos cursos das escolas militares de nossos dias. Só isto bastaria para recomendar êsse seu "ensaio".

Muito grato pela oportunidade que me deu de mergulhar suavemente ou mais fundo das raízes do ensino militar em nosso país, restituo, em estes rabiscos, seus originais, desejando um grande sucesso para a edição definitiva que pretende lançar de seu "Ensino Militar no Brasil!"

Cordealmente

Mario Ramos

I

PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES

A) Do ensino prático

O ensino militar no Brasil é bastante antigo, a sua origem remontando aos fins do século XVII.

Por essa época, a situação do Brasil em um Continente ainda joven e já reconhecido riquíssimo, as lutas entre Portugal e Espanha e a cobiça de nações de reconhecido valor marítimo que, para ampliar seus domínios, visavam o Continente Sul-americano, fizeram com que as vistas da metrópole se voltassem para a efetuação da defesa do grande litoral brasileiro. É assim que vemos, em curto espaço de tempo, as fortificações se erigirem, de norte a sul, como a mostrar aos povos cobiçosos que Portugal também prezava e garantia a posse do que era seu. Mas fortificação requer engenheiro, material de defesa e guarnição treinada e Portugal não era assim tão grande que pudesse tirar de si o necessário à Colônia sem que sentisse uma certa deficiência, notando-se ainda ser o litoral brasileiro enorme.

E a idéia surge: a formação de técnicos competentes no próprio local — o Brasil.

Vamos então encontrar o primeiro vestígio do ensino militar, em 1698, no Rio de Janeiro, nas lições mandadas dar aos Condestáveis ⁽¹⁾ e Artilheiros dessa Praça sobre o uso e o manejo da Artilharia, sendo Mestre o Capitão Engenheiro Gregório Gomes Henriques.

Gregório Gomes Henriques (de Matos) viera para o Brasil em Janeiro de 1694 provido no posto de Capitão Engenheiro da Capitania do Rio de Janeiro.

(1) *Condestável* — Nos Navios, Fortalezas e Terços — era o que tinha a seu cargo o preparo da artilharia e a arrumação dos cartuchos e balas, segundo o calibre. (Dicionário de Bluteau).

“Para os reparos da fortificação e mais o que fôr necessário vai muito bom Engenheiro nesta frota e também que nos fará falta mas que para partes tão distantes vão sempre os Engenheiros mais capazes porque se errarem não tem quem os emenda.”

Homem de grande mérito, escolhido dentre os melhores Engenheiros do Reino, como o prova a informação acima, dada pelo Rei de Portugal, na carta em que comunicava a sua vinda, logo que aqui chegou foi empregado no reparo das fortificações existentes, na reedificação de outras e no estudo de novas.

Denunciado ao Governador, em 1697, “por culpas que lhes resultaram de erros do seu officio”, é preso e recolhido à Cadeia da Cidade, a-fim-de ser julgado. Continua, no entanto, a superintender as obras principiadas, indo às mesmas com escolta e sob muita cautela, voltando em seguida, à prisão.

No ano seguinte, atendendo à uma comunicação do Governador em que este lhe fazia sentir a necessidade de ser nomeado um engenheiro prático na Artilharia que, substituindo ao engenheiro que se achava preso, pudesse também ensinar aos Condestáveis e Artilheiros, o que se tornava preciso, ordena o Rei em Carta Régia de 22 de Outubro:

“... e ser conveniente a meu serviço haver Mestre que lhês dê lição por estarem comendo os seus soldos com pouco prestimo no seu officio. E pareceu-me dizer-vos que quando o Engenheiro que eu nomear em lugar de Gregorio Gomes não tenha a ciencia que convem do uso e manejo da Artilharia para o ensinar, neste caso se tratará de prover outrem no posto de Capitão da Artilharia desta Praça, e por ora esta doutrina a pôde dar na Cadeia o Engenheiro onde é mais facil recebe-la os que quizerem aprende-la do que ir o mesmo Engenheiro ás fortificações para cuja diligencia o mando desembaraçar na prisão em que está.”

São, pois, estas aulas ministradas na Cadeia da Cidade do Rio de Janeiro, pelo Capitão Engenheiro Gregório Gomes, aos Condestáveis e Artilheiros das fortificações da Cidade, o início do ensino militar entre nós.

Em 1699, D. Pedro II, rei de Portugal, resolve a criação de uma Aula de Fortificação, no Brasil. A carta Régia, dada de 15 de Janeiro e dirigida ao Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, diz:

“Artur de Sá e Menezes. Amigo. Eu El Rei vos envio muito saudar. Por ser conveniente a meu serviço, Hei por bem que nessa Capitania em que ha Engenheiro, haja

aula em que ele póssa ensinar a fortificar, havendo nela tres discipulos de partido, os quais serão pessoas que tenham capacidade necessaria para poderem aprender, e para se aceitarem terão ao menos dezoito anos de idade, os quais sendo soldados se lhes dará além do seu soldo meio tostão por dia; e não o sendo vencerá só o meio tostão; e todos os anos serão examinados para se ver se se adiantam nos estudos e se tem genio para eles, porque quando não aprocitem pela incapacidade serão logo excluidos, e quando não seja pela pouca applicação, se lhes assinará tempo para se ver o que se melhoram; e, quando se não aproveitem nele serão tambem despedidos. E quando hajam pessoas que voluntariamente queiram aprender sem partido, serão admitidas, e ensinadas para que assim possa nessa mesma Conquista haver Engenheiros, e se evitem as despesas que se fazem ao meu serviço, enquanto chegam os que se mandam depois dos outros serem mortos, de que me pareceu avisar-vos, para que tenhais entendido a resolução que fui servido tomar neste particular; e esta ordem mandareis regular nas partes necessarias, e fareis com que se faça publica para que venha a noticia a todos. Eu vi-a em Lisboa a 15 de Janeiro de 1699. “Rei”. Conde de Alvor.”

A direção desta aula em que se ensinaria a arte de desenhar e erigir fortificações, caberia ainda ao mesmo Gregório Gomes Henriques, o engenheiro de que fala a Carta acima transcrita e, naquela data, o único existente no Brasil.

Para local de funcionamento da aula eram previstas as fortificações existentes na Cidade, em virtude de conterem o material necessario à explicação da obra fortificada.

Os fatos porém demonstram que nem tudo se passou consoante o desejo régio. Para que a aula tivesse principio, carecia o Governador de ter em mão os livros e instrumentos necessarios ao ensino, os quais até fins de 1700 ainda não haviam chegado do Reino, conforme se depreende do seguinte trecho de uma carta do Rei ao dito Governador, datada de 30 de Outubro dêste último ano:

“Artur de Sá e Menezes..... Viu-se a vossa carta de 2 de Maio deste ano, em que representais não terem aí chegado os livros, compassos e mais instrumentos que pedistes e se vos avisou se remetiam para se abrir a Aula nessa Praça, como tenho observado.....”

Por outro lado também, neste mesmo ano, é julgado culpado o Capitão Engenheiro Gregório Gomes, sendo condemnado à degrêdo

por tempo de quatro anos na Nova Colônia do Sacramento para onde segue em fins de 1701, depois de concluir as obras a que procedia nas fortificações de Gravatá (Gragoatá) e Praia Vermelha. No degrêdo continua entretanto a prestar os seus serviços de engenheiro, como nos mostra a informação que sobre êle foi prestada à uma consulta do Conselho Ultramarino de Lisboa, em 1704:

“Pareceu representar a V. M. que na Nova Colonia do Sacramento se acha por Capitão Engenheiro Gregorio Gomes Henriques, de quem se tem grande opinião de seu prestimo e ciencia e que no desenho das fortificações se haverá como convem ao serviço de V. M. e nas obras que forem necessarias á sua defeza...”

(Anais da Biblioteca Nacional; vol. XXXIX; verbete de Castro e Almeida n. 2.777.)

No ensino aos Condestáveis e Artilheiros substitue a Gregório Gomes o Mestre de Campo do Têrço da Praça do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Moraes.

A política européia, por sua vez, coopera também de algum modo, para que não seja possível a adaptação eficaz do ensino teórico no Brasil nestes primórdios, a atenção do Rei sendo desviada para fatos de mais alta importância, como sejam: morte do rei de Espanha, Carlos II, envolvendo Portugal na Guerra de Sucessão de Espanha (1700); Portugal concluindo uma aliança com a Inglaterra, a Áustria e a Holanda, em virtude da qual adquiria como inimigos a Espanha e a França (1703).

Notamos contudo tornar-se mais forte a preocupação régia no referente ao ensino prático da tropa.

No final de 1703 é ciente o Governador do Rio de Janeiro da vinda de um oficial de Granadeiros a-fim-de ensinar e exercitar aos granadeiros que se hão de formar nessa Praça e em 1705 desembarcaram na mesma Capitania os Sargentos Antonio João e José Ribeiro nomeados para o mesmo exercício.

Ainda nesse ano de 1705, em Carta Régia, participa o Rei de Portugal ter resolvido que

“em todas as Colonias em que houver Capitão Engenheiro ou Sargento mór seja este obrigado a ensinar ás pessoas que quizerem aprender a Engenheiros”

e ordens que esta sua resolução seja executada na Praça do Rio de Janeiro.

É uma nova forma, aliás inteligente, de difundir o ensino teórico, já que aquela Aula de Fortificação não produzira o que era de esperar.

O ensino prático é ainda acrescido em 1710 da parte de “Artifícios de Fogo” sendo encarregado de ministrá-la o Capitão de Artilharia Antônio Antunes, de quem se lê na Carta Régia de 17 de Dezembro dêsse ano:

“Que se acrescente 4\$000 por mês ao soldo do Capitão de Artilharia Antonio Antunes com a obrigação de ensinar os Artifícios de Fogo, para o que tinha muita arte.”

Ensinava na própria unidade de que fazia parte e as suas lições eram aproveitadas por todos os oficiais de Artilharia.

De 1730 achamos uma “Representação” feita ao Conselho Ultramarino, por André Gonçalves, Comissário Geral da Artilharia da Praça do Rio de Janeiro, na qual pede “uma casa em que possa estabelecer o curso para o ensino dos artilheiros”.

Prova esta representação que o local ou os locais de funcionamento das aulas continuavam a ser as fortificações; um local certo e único ainda não havia 30 anos depois de lançada a primeira semente com as lições do engenheiro Gregório Gomes em 1698.

B) Do ensino teórico-prático

Uma nova fase surge para o ensino militar com o aumento do efetivo da Artilharia na Praça do Rio de Janeiro.

Desde 1735 que o Brigadeiro José da Silva Pais, brilhante engenheiro e oficial do exercício português, se batia por êsse aumento, tendo já conseguido que fôsse organizado um Regimento de Artilharia, reforçando o efetivo existente, disperso pelas fortificações.

Vindo para o Rio de Janeiro com a missão de tratar do plano de fortificação delineado pelo Brigadeiro João Massê, esforçou-se o mais que pôde, unindo os seus esforços ao do Governador Gomes Freire de Andrade a quem substituiu interinamente por algum tempo.

Por essa época chegavam continuamente da Europa notícias as mais alarmantes. Portugal e Espanha estavam na iminência de uma guerra pelo desacato que sofrera o representante português em Madrid.

D’aí, o ser a preocupação única de Portugal, no referente à Colônia, a defesa do seu litoral contra qualquer agressão ou tentativa de desembarque.

Aqueles esforços são coroados de êxito, em 1738, com a organização, na mesma Praça, de um Têrço de Artilharia. Para êsse Têrço são nomeados alguns oficiais da Metrópole e aproveitados outros da guarnição da Cidade.

A Ordem Régia, datada de 19 de Agôsto de 1738 que transcrevemos abaixo, dispensa, pela sua clareza de exposição, comentários a respeito. Por ela se verá a nova feição que toma então o ensino militar.

“Dom João, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Snr. de Guiné... Faço saber a vós Governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro que por ser conveniente a meu serviço que nessa Praça aonde mandei formar de novo um terço de Artilheiros haja Aula onde os officiaes e soldados do dito terço e as mais pessoas que quizerem applicar-se possam aprender a teoria da Artilharia e uso dos fogos artificiaes, creando-se por esse modo officiaes que depois de instruidos na dita Aula possam ser empregados nos Postos da repartição da Artilharia dessa e das mais capitancias. Fui servido haver por bem por decreto de treze deste presente mês, como se estabeleça a dita Aula e para mestre dela nomeei a José Fernandes Pinto Alpoim que proxivamente provi no Posto de Sargento-mór do referido Terço, o qual além dos exercicios a que é obrigado pelo mesmo posto terá o de ditar postila, e ensinar a teoria da Artilharia a todos os que quizerem applicar-se a ela e especialmente aos officiaes do dito Terço que nesta primeira criação forem providos, os quaes serão igualmente obrigados a assistir as lições da Aula ao menos por tempo de cinco anos e faltando a elas serão castigados a vosso criterio; e para o futuro não podereis informar para os postos de Artilharia do Terço, nem aprovar para os denombramentos official algum que não tenha frequentado a dita Aula e seja examinado e aprovado nas matérias que nela se ditarem: E atendendo o trabalho que com estas lições acresce ao dito Sargento-mór e ao que terá com o exercício de Engenheiro ao que igualmente se offereceu lhe fiz mercê do Soldo que lhe compete pelo dito posto, de uma compensação de dezeseis mil réis em cada mês a qual se lhe pagará enquanto ser na dita Aula mostrando por certidão no ato do pagamento haver satisfeito a esta obrigação e continuando-a por dez anos completos poderá recolher-se ao Reino, e lograr nele a mesma Patente e Soldo que vencem os mais Sargentos-mores da Artilharia com a antiguidade da data do dito Decreto. De que eu os aviso para que assim o tenham entendido, ordenando-vos executeis e fazeis cumprir esta minha ordem. El Rei nosso Senhor o mandou pelos Doutores José Ignacio de Arouche e Tomé Gomes Moreira, conselheiros de seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias. Manoel Pedro de Macedo a fez.”

Por esta ordem vemos que a partir desta data o ensino torna-se obrigatório e também que nenhum official poderia ser indicado a promoção ou nomeado sem que tivesse antes frequentado a Aula por

espaço de cinco anos pelo menos e que tivesse consequentemente obtido aprovação nos exames.

É, pois, um curso militar organizado e com determinada finalidade o que se inicia em 1738.

Não obstante o desejo Real, não foi possível completar-se, de pronto o quadro dos oficiais do dito Têrço, sendo o governo português obrigado a preencher os claros existentes por meio de algumas nomeações.

A primeira destas tem lugar dois dias após a criação da aula, aos 21 de Agôsto, em que é nomeado para Capitão do Têrço de Artilharia Luiz de Campos Pinheiro. Da patente de sua nomeação consta:

“.... Sou servido ordenar ao Capitão Luiz de Campos Pinheiro assista as lições da Aula a aprender a Teoria da Artilharia ao menos por tempo de cinco anos.....”

Aos 4 de Setembro é nomeado o Condestável Rodrigo de Mendonça Furtado para Alferes da 7.^a Companhia; a 16 de Fevereiro de 1739 o Condestável Miguel Gonçalves Leão para Furriel-mor; a 17 de Fevereiro o Condestável Manoel Pereira para Alferes da 1.^a Companhia; e alguns mais, todos porém mediante a condição de assistirem à Aula por espaço de cinco anos, findos os quais teriam efetivados os seus postos.

José Fernandes Pinto Alpoim, Sargento-mor Engenheiro e Mestre da Aula recém-criada, fôra nomeado para o Têrço de Artilharia do Rio de Janeiro desde 5 de Agôsto daquele mesmo ano.

À par do ensino prestou outros serviços ao Brasil, como sejam: a elaboração da planta do Hospício dos Padres Barbadinhos, no Rio de Janeiro e a sua construção (1740); a arrematação das obras do Aqueduto da Carioca (1745) e, talvez, o melhor de todos, ilustrou o ensino com uma obra de grande valor instrutivo e que grande auxílio prestou então.

A obra que escreveu “Exame de Bombeiros”, compreende 10 tratados:

- I — Geometria.
- II — Uma nova trigonometria.
- III — Longimetria.
- IV — Altimetria.
- V — Dos morteiros.
- VI — Dos pedreiros.
- VII — Dos obuzes.
- VIII — Dos petardos.
- IX — Das baterias dos morteiros.
- X — Da pirololia ou fogos artificiais da guerra, com vários apêndices.

Este livro publicado em 1746, traz a indicação de ser editado em Madrid, na oficina de Francisco Martinezabad, porém está provado, hoje, ter sido editado no Brasil onde eram proibidas a imprensa e as tipografias. (2)

O Dr. Félix Pacheco escreveu um livro “Duas charadas bibliográficas”, no qual trata dêste assunto: “A impressão do Exame de Bombeiros”.

O “Exame de Bombeiros” foi o primeiro livro impresso no Brasil.

Anteriormente a êste livro escrevera ainda Alpoim um outro sob o título: “Exame de Artilheiros”. O “Exame de Artilheiros”, editado em Lisboa em 1744 foi, porém, no mesmo ano mandado recolher, por Carta Régia de 15 de Junho, sob o pretêsto de não cumprir a pragmática acêrca do tratamento militar.

José Fernandes Pinto Alpoim tendo vindo para o Brasil como Sargento-mor, aquí obteve outras promoções, chegando à Brigadeiro dos Exércitos Reais; neste pôsto fez parte da Junta Governativa que, desde a morte do Conde de Bobadela. Gomes Freire de Andrade, ocorrida a 1.º de Janeiro de 1763, dirigiu os destinos do Rio de Janeiro.

Esta Junta, composta do Bispo D. Frei Antônio do Destêrro, do Chanceler da Relação João Alberto Castelo Branco e do Brigadeiro dos Exércitos Reais José Fernandes Pinto Alpoim, terminou o seu mandato com a posse do Conde da Cunha, primeiro Vice-rei e Capitão General no Rio de Janeiro, a 19 de Outubro de 1763.

Lecionou até ser elevado ao pôsto de Brigadeiro, conforme se depreende da seguinte “Ordem” de 8 de Março de 1752, do Rei de Portugal:

“Que se continue a José Fernandes Pinto Alpoim, depois de provido no Posto de Coronel do Regimento de Artilharia, além do Soldo, 160\$000 por mês de mestre da Aula de Fortificação, enquanto néla lêr”.

(Dec. da Sec. Hist. do Arqu. Nac. — Col. 6.º; livro 34).

Faleceu Alpoim no Rio de Janeiro em 1770, tendo nascido no final do século XVII na Colônia do Sacramento. Era, portanto, brasileiro.

C) *Do ensino teórico*

Durante os primeiros anos do vice-reinado com sede no Rio de Janeiro, sofreram modificações importantes a organização das tropas da guarnição da Cidade e o ensino militar.

(2) Em 1747 foi fundada por Antônio Izidoro da Fonseca, na Cidade do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Capitão General Gomes Freire de Andrade, a primeira tipografia oficial que foi suprimida por ordem do Governo de Lisboa.

Foi primeiro vice-rei o Conde da Cunha que assumiu o poder a 19 de Outubro de 1763.

No decorrer do seu governo inaugurou, no Rio de Janeiro, o Arsenal de Marinha e o Trem de Artilharia, depois Arsenal de Guerra.

Por êsse tempo, na Europa, a política continuava fervente. Uma grande guerra contra a Espanha tratava-se com pequenas intermitências, durando até depois da morte de D. José I, em 1777. O Conde de Lippe promovera os princípios da organização do exército português, estabelecendo as bases de um primeiro regulamento, do qual ficaram célebres as chamadas “Leis de guerra do Conde de Lippe”.

A questão contra os jesuítas, movimentada pelo Marquês de Pombal, também trazia Portugal de sobreaviso, tudo fazendo crer serem aqueles apoiados pela Inglaterra.

Em carta ao Conde da Cunha, o Conde de Oeiras (depois Marquês de Pombal), mostrando a conveniência de preparar-se o Brasil para repelir qualquer ataque marítimo, dizia:

“..... mandando precaver-se como se já estivesse em guerra com a Inglaterra, porque tudo demonstra que os jesuítas estão patrocinados pelos ingleses e estes ou abrirão luta franca ou disfarçada.....”

Contudo, a preocupação em Portugal, no referente à organização militar, continuava a ser unicamente a do preparo consciente dos oficiais e soldados de Artilharia; a idéia dominante sendo a de que as grandes potências tinham assentado que na guerra, como então se fazia, a Artilharia era, nas operações, a maior força.

As instruções régias continuamente chamavam a atenção do vice-rei para que o Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro se moldasse aos seus congêneres europeus.

Em 1767 ordenava o Rei:

“.....que o dito Regimento seja reduzido à mesma formatura, aos mesmos estudos, aos mesmos exercicios e às mesmas manobras, em que os Regimentos de Artilharia deste Reino se acham já tão dextros, como os de Inglaterra e de França e com grande e conhecida superioridade aos de Espanha.”

Com êste estado de cousas, vêm a lucrar extraordinariamente o ensino militar e a instrução da tropa; querendo o Rei tornar o Regimento daqui à feição dos da Metrópole, determina sejam tomadas as providências que julga necessárias.

Ê assim que vemos em umas instruções mandadas pelo Conde de Oeiras ao Conde da Cunha:

“.....Para que assim se possa executar, manda Sua Magestade remeter: Primo — os necessarios exemplares do Alvará que estabeleceu os Regimentos de Artilharia deste Reino; Segundo — os outros competentes exemplares das Obras do *Douto Bellidoro* ⁽³⁾ que o mesmo Senhor mandou traduzir na lingua portugueza para uso das Aulas dos ditos Regimentos de Artilharia; Tercio — a cópia das Instruções particulares com que o mesmo Senhor mandou regular os Estudos das referidas Aulas; Quarto — uma Brigada composta de officias e soldados dos ditos Regimentos de Artilharia de São Julião da Barra, para que possam exercitar com Seu Exemplo o com sua pratica os do Regimento dessa Cidade, ao fim de ficar em tudo e por tudo conforme com os desde Reino, sem alguma differença, como é da Real intensão de Sua Magestade....”

Das mesmas instruções consta ainda a nomeação de um lente para a Aula do Regimento:

“E ainda que pelo dito Alvará da fundação dos Regimentos de Artilharia pertence aos Tenentes-Coroneis serem lentes de suas respectivas Aulas, contudo, como no Regimento dessa Cidade se não acha official de cuja ciencia conste ao mesmo Senhor: Manda o Capitão Euzebio Antonio de Ribeiros e ordena Sua Magestade que este (até segunda ordem) exercite a obrigação de Lente da Aula do referido Regimento, vencendo além do seus soldos o que vencem os outros Lentes das Aulas dos Regimentos deste Reino.”

No entanto, em Portugal, o ensino militar não agradava, muito ao Rei. A observação demonstrara que os Lentes, de uma maneira geral, só tinham duas preocupações: uma a de se aferrarem às “especulações” que antecedentemente haviam estudado, querendo persuadir aos alunos que só elas eram boas e que tudo o que surgia de novo eram “invenções de estrangeiros” sem nenhuma utilidade prática e outra a de quererem utilizar para o ensino livros que não os mandados adotar pelo Rei.

⁽³⁾ *Bernard Forest de Belidor* — Sábio engenheiro francês; faleceu em Paris em 1761. Professor da Escola de La Fere. Publicou inúmeras obras, consideradas de alto valor: “Sumário de um Curso de Architectura militar, civil e hidráulica (1720)”; “Curso de Matemáticas (1720)”; “A ciência dos engenheiros na direção dos trabalhos de fortificação e de architectura civil (1729-1749)”; “O Bombardeiro francês ou o Novo método de lançar bombas com precisão (1731); “Architectura hidráulica”; etc.

Este descontentamento vem acarretar mais um grande adiantamento para o ensino militar entre nós. Procurando o Rei evitar de algum modo que aquí se repetisse o que ocorria em Portugal, promove a uniformização do ensino e a obrigatoriedade dos Lentes em cumprirem fielmente o programa, de antemão traçado.

E uma ordem severa vem ter às mãos do Vice-Rei, ainda por intermédio do Conde de Oeiras:

“Manda El Rei Nosso Senhor que V. Exa. no Seu Real Nome declare á todos os officiaes do dito Regimento nos termos mais significantes e mais positivos que Sua Magestade não quer absolutamente nem por uma parte que esse Regimento de Artilhara tenha outra formatura, outros exercicios, outras manobras, outra forma de serviço, senão em tudo e por tudo os mesmos que se praticam nos mais Regimentos de Artilharia deste Reino; nem por outra parte quer que na Aula desse se ditem ou estudem outras doutrinas, se façam outros ou se leia por outros livros que não sejam os do referido *Bellidoro* e dos mais Autores que foram prescritos nas Instruções particulares ordenadas por Sua Magestade para as referidas Lições e Estudos.....”

Pelo exposto, vemos que estava o ensino militar no Brasil definitivamente firmado e calçado agora em bases sólidas, à cópia do que em Portugal existia.

*
* *

Para a nova organização das tropas vieram do Reino, neste mesmo ano (1767), o Tenente-General João Henrique Böhn e o Brigadeiro Jacques Funck.

Com estes officiaes desembarcam no Rio de Janeiro, aumentando a guarnição da Cidade, os Regimentos lusitanos de Bragança, de Elvas ou de Moura e de Extremóz ou Chichorro, os quais algum tempo depois se distinguiram nos campos do Sul, para onde seguiram a pelear.

O Regimento de Bragança abrigou-se na rua dos Quartéis da Armada, nas cercanias do Arsenal de Marinha. O Regimento de Extremóz ficou nas casas da ordem beneditina na rua do Arco de São Bento, hoje São Bento, e o de Moura acantonou em casas próximas à Casa do Trem, dando nome ao sítio, largo de Moura. Este último assistiu formado ao suplicio de Tiradentes.

Nota — Nos primórdios da Cidade a tropa buscava alojamento nas casas particulares.

II

OS PRIMEIROS ENGENHEIROS

A Aula do Regimento de Artilharia é aumentada em 1774 da cadeira de Arquitetura Militar.

E' interessante conhecer a Carta enviada de Portugal ao Marquês do Lavradio, vice-rei em exercício, na qual são dados os informes necessários à êsse fato, da mais alta importância para a história do ensino militar do Brasil e quiçá da nossa história pátria, como veremos mais adiante.

Eis o documento em apêço:

“Ilmo. e Exmo. Snr. A Bórdó desta Náu vae o Capitão de Mineiros de Artilharia do Porto Antonio Joaquim de Oliveira nomeado por Sua Magestade Tenente Coronel e Lente da Aula do Regimento de Artilharia dessa Capital; com a obrigação de ensinar igualmente a Arquitetura Militar a seis Aulistas Praticantes, escolhidos por V. Exa.

E vão da mesma sôrte o Ajudante do Regimento de Artilharia de Lagos José Pereira Pinto nomeado Sargento mór; E o Cadete do mesmo Regimento Caetano Pimentel, nomeado Ajudante e Substituto do Lente da Aula: Tudo na fôrma da Promoção remetida a V. Exa. pelo Galeão N. Snra. da Gloria.

Estes officiais vão Comandando o Destacamento de Artilharia da Guarnição da Náu, durante a viagem: E logo que chegarem V. Exa. os mandará suprir por outros, para que eles possam ir exercitar os empregos a que vão destinados.

Ao Tenente Coronel Antonio Joaquim de Oliveira se entregaram os instrumentos matematicos que constam da relação junta; Quatorze Jogos do *Novo Curso de Matematicas de Belidor*: E um volume da *La Science de Ingenieurs* do mesmo *Belidor*: Não sendo possivel presentemente remeter as mais Obras, que o Regulamento manda ensinar, por se não acharem prontas; mas irão com a maior brevidade. E assim o que vae, como o que depois fôr, mandará V. Exa. pôr em boa arrecadação, distribuindo sómente o que se fizer preciso, para os Exercicios, pratica e ensino do Regimento e dos Praticantes Aulistas.

Deus Guarde a V. Exa. Palácio de N. Snra. da Ajuda em 18 de Setembro de 1774. “Martinho de Mello e Castro.”

O material constante da relação junta, dita acima e trazido pelo referido Tenente-Coronel para uso dos alunos, foi o seguinte:

“Estojo Matematicos.

Quadrantes de Latão com suas caixas de madeira.

Tres circulos dimensorios com suas Caixas de madeira.

Planxetas de madeira com alidades de Latão.

Bussolas com Caixas de madeira.

Niveis de ar, com suas Caixas de madeira.

Niveis de madeira para nivelar as Plataformas com suas Régoas de madeira.”

Com o acréscimo do estudo da Arquitetura, a aula primitiva do Regimento passa a denominar-se “Aula Militar”, sem, no entanto, perder aquela característica de pertencer ao Regimento de Artilharia, porém agora com uma dupla finalidade: o preparo dos artilheiros e o preparo efetivo de oficiais técnicos em engenharia militar que constituirão de futuro o Corpo de Engenheiros, de gloriosa tradição por relevantes serviços, como o provam as magníficas obras ainda hoje de pé existentes no interior do país.

Vem, pois, a ser aquela Carta de 18 de Setembro de 1774 o marco inicial da formação de Engenheiros Militares no Brasil.

Recebida que foi aquela real determinação, tratou o vice-rei de nomear os Aulistas o que fez, conferindo a todos a graduação do posto de Alferes com o respectivo sôlido, enquanto frequentassem a dita Aula.

Dêstes primeiros Aulistas passou o vice-rei, em 1776, à Alferes de Infantaria com exercício de Engenheiros a Alexandre Elói Porteli e a Antônio de Souza, empregando-os sob as ordens do Sargento mor Engenheiro Francisco João Roscio e dispensou a José Corrêa para ficar às ordens do Marechal Jacques Funck com quem fez tôda a campanha do Rio Grande.

De 28 de Fevereiro de 1782, achamos uma exposição feita pelo vice-rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza à rainha D. Maria I, na qual diz, referindo-se à Aula Militar:

...“que sendo aquele estabelecimento dirigido para crear Officiaes para o exercicio de Engenheiros, de que está muito falta esta Capital, e que são muito necessarios para as diferentes obras de Fortificação de que devem encarregar-se, quererá S. Magestade aproveitar os que forem mais habéis, dando-lhes o adeantamento que fôr Servida, para tambem dar logar a outros, que se lhes sigam nos Estudos daquela Aula.”

A mesma exposição cita ainda a promoção à Segundo Tenente da Companhia de Bombeiros do Regimento de Bragança, destacado no Brasil, do Oficial Inferior Antônio Rodrigues Montezinho, do mesmo Regimento, como prêmio de ter sido, dentre os Aulistas, o que melhor classificação obteve nos exames, demonstrando “muita capacidade e ciência.”

Ainda sobre o mesmo Antônio Rodrigues Montezinho consta o seguinte:

...“com tenção de expor a V. Exa., como agora o faço, que, sendo o dito Tenente igualmente inteligente em ambas as Profissões, me parece muito mais util para o Serviço de Sua Magestade que seja empregado no exercício de Engenheiro, em que, presentemente, ha mais necessidade de Officiaes e menos disposição na maior parte dos atuaes Aulistas.”

Em resposta à essa exposição ordenou S. Magestade, em Carta datada de 22 de Junho do mesmo ano, que passasse Antônio Rodrigues Montezinho para o Corpo de Engenheiros em pôsto correspondente ao que tinha, Segundo Tenente de Artilharia.

III

A PRIMEIRA ACADEMIA

No vice-reinado de D. Luiz de Castro, 2.^o Conde de Resende, o ensino militar sofre uña remodelação radical, sendo estabelecidas as bases para a transformação da Aula Militar do Regimento de Artilharia na “Real Academia da Artilharia, Fortificação e Desenho da Cidade do Rio de Janeiro.”

A Carta de 21 de Dezembro de 1792, do Conde de Resende à D. Martinho de Melo e Castro, na qual lhe envia os Estatutos da Academia, diz também do ato da sua inauguração:

“Remeto á V. Exa. os Estatutos da nova Aula Militar que no dia 17 do presente mês, por ser o dos Anos de Sua Magestade, mandei abrir nesta Cidade, á qual assisti com um grande numero de officiaes e concurso de muitas pessoas, que além dos matriculados, a quem com antecedencia havia prevenido e feito avisar para assistirem a este ato, poderão aproveitar-se dos Estudos da mesma Aula.”

Pelos Estatutos da Academia, o plano de ensino da mesma comprehendia o Curso Matemático e os Exercícios Práticos.

No curso Matemático, compreendendo seis anos, estudava-se: nos 1.º e 2.º anos o Curso Matemático de Belidor; no 3.º a teoria de Artilharia, das Minas e Contra-Minas e a sua aplicação ao ataque e defesa das Praças, seguindo-se a doutrina de Sam Remy, na conformidade do Plano dos Regimentos de Artilharia ou (o que era o mesmo) pela Artilharia de Le Blond; no 4.º a Fortificação regular, o ataque e defesa das Praças e os princípios fundamentais de qualquer fortificação; no 5.º a Fortificação irregular, a Fortificação efetiva e a Fortificação de Campanha, no que se seguia a doutrina do Curso de Antoni; no 6.º e último ano, a Arquitetura civil e o Corte das pedras e madeiras, o Orçamento dos edificios e tudo o que era relativo ao conhecimento dos materiais que entram na sua composição, os melhores métodos para a construção dos caminhos e calçadas, a Hidráulica e as demais partes que lhe são análogas, como a Arquitetura das pontes, canais, portos, diques e comportas.

Durante os cinco primeiros anos, o ensino era ministrado por um só lente que era o lente do Regimento de Artilharia da guarnição da cidade.

O último ano também contava só com um lente que era nomeado pelo rei de Portugal, podendo ser por indicação do vice-rei do Brasil.

Cada um dos lentes tinha dois substitutos (primeiro e segundo) para os substituir nos seus impedimentos e também para os ajudar nos exercícios práticos, nas lições expeculativas e de Desenho.

No curso prático, os lentes eram obrigados a sair ao campo com seus discípulos, sempre que o estado do tempo o permitia.

O ensino prático era assim dividido: no 2.º ano — o uso dos instrumentos pertencentes à Geometria prática: faziam medir distâncias inacessíveis, nivelar terrenos e tirar diversas plantas e tudo quanto se podia praticar das matérias que até então tivessem sido explicadas; no 3.º ano — o manejo das bôcas de fogo usadas na Artilharia: faziam construir bateria e exercitavam os discípulos em tudo o que fôsse suscetível de praticar-se; no 4.º — a delinear sôbre o terreno qualquer fortificação regular e a delinear também sôbre o mesmo terreno as principais obras do ataque e da defesa das Praças; no 5.º — a formar sôbre o terreno alguma obra de fortificação de Campanha, a Castramentação e tudo que pudesse ser praticado relativamente às matérias estudadas. No 6.º ano, o lente era previamente encarregado de uma obra qualquer, correspondente às matérias que tivesse explicado e, na construção da mesma, exercitava os seus discípulos.

No fim de cada ano letivo, procedia-se à passagem de ano, prestando os alunos um exame, pelo qual se verificava os que se achavam aptos. Esses exames, dos quais eram passadas certidões, efe-

tuavam-se em presença do respectivo lente e de seu substituto. O processo usado era o do ponto tirado 24 horas antes da arguição.

“Haverão diversos vasos que o Lente proverá de Sórtes, nas quais estejam notadas em cada uma delas uma das principais proposições de cada livro do Curso de Belidor, das quais o examinado tirará uma de cada um dos livros do dito curso para ser perguntado por ela. O dito Lente proverá também um Vaso de Sórtes em que estejam notadas em cada uma delas uma das proposições fundamentais da Artilharia, das quais o examinado tirará tres Sórtes para ser perguntado por elas; igualmente das aplicações do 4.º, 5.º e 6.º anos haverão, de cada uma delas, Vasos com Sórtes das suas principais proposições, das quais o examinado também tirará tres para ser perguntado por elas, dando-se a todos vinte e quatro horas, desde que tirarem as Sórtes até serem perguntados.”

Independente dêsses exames de passagem de ano havia ainda o exame que se procedia aos candidatos ao Curso Militar. Neste os candidatos deviam provar que conheciam as quatro espécies de Aritmética Ordinária, ficando ainda obrigados a mostrar, durante a aplicação dos primeiros três anos (perante o primeiro lente) que entendiam suficientemente a Língua Francesa.

Aos que se destinavam à Infantaria ou à Cavalaria bastava que fôsem aprovados até o décimo livro do Curso de Matemáticas de Belidor para poderem passar ao estudo do 3.º ano; aos que se candidatavam à “profissão” de Engenheiros se exigia mostrassem, por exames, saber a doutrina correspondente ao 1.º ano (pelo menos) e que tivessem “uma constituição robusta, sem defeito algum na vista ou tremura de mãos.”

Os alunos de Infantaria e de Cavalaria completavam no fim do 3.º ano o tempo das suas aplicações; os de Artilharia no fim do 5.º e os que se destinavam à Engenheiros no fim do 6.º.

Os dias consagrados às aulas eram as segundas, quartas e sextas-feiras, pela manhã, por espaço de duas horas, findas as quais os lentes exercitavam os alunos por espaço de uma hora e um quarto no desenho da doutrina correspondente ao ano.

As férias eram três: uma desde 21 de Dezembro até 6 de Janeiro, outra na Semana Santa e Semana da Páscoa e a última na Semana da festa do Espírito Santo.

Os discipulos partidistas, candidatos à Engenheiros, depois dos 6 anos de aplicação, passavam a servir um ano no Regimento de Artilharia, como Primeiros Tenentes, agregados a alguma das Compa-

nhas graduadas; depois, consoante as mostras de dedicação ao trabalho e de cumprimento de suas obrigações eram propostos, pelos lentes, para Ajudantes Engenheiros, ao vice-rei que por sua vez pedia a sua promoção ao Rei de Portugal.

Os que se destinavam à Infantaria, à Cavalaria ou à Artilharia eram atendidos, conforme as suas aplicações, e não pelas antiguidades; eram propostos pelos respectivos chefes, segundo as certidões dos seus exames que se juntavam às propostas.

Do exposto se depreende que, com a criação da Academia, o ensino passa a visar a formação de oficiais de tôdas as armas (o que não se dava antes), que se dá o devido valor ao merecimento intelectual e plena liberdade ao aluno na escolha da sua arma, seguindo aquela para a qual se sinta com maior pendor e jeito.

Instalou-se a Academia na Casa do Trem de Artilharia, situada junto ao quartel do Regimento de Artilharia, na Ponta do Calabouço.

Escritos da época assim nos descrevem o local:

“Na frente da Igreja da Misericórdia ha um pequeno largo em cujo lado esquerdo desemboca uma ladeira que desce do Collegio e logo em pouca distancia dela começa a rua chamada da Misericórdia, a qual se prolonga pela fralda do monte do Castelo até o beco do Cotovelo e daqui até á frente da Cadeia, comunicando com o largo do Moura e praia de D. Manoel. Aí está o Trem. Por detraz do Trem ficam a prisão do Calabouço e o Quartel da Artilharia.”

Foi seu primeiro lente o Coronel Antônio Joaquim de Oliveira, lente da Aula do Regimento de Artilharia desde 1774. Oficial de grande preparo e de muito experiência no magisterio, escolheu para seus auxiliares ao Capitão de Artilharia José de Oliveira Barboza e ao Partidista do número Antônio Lopes de Barros, primeiro e segundo substitutos respectivamente, os quais já “sabiam o Curso Matemático, de Artilharia, Fortificação e Desenho.”

Foi Secretário da Academia o Capitão do 2.º Regimento Domingos Francisco Ramos que também era aluno e ainda estudando o 1.º livro do Curso Matemático.

Ao Secretário competia registrar as matrículas em um livro e os resultados dos exames de cada um dos alunos em outro, para que se pudessem extrair certidões, quando necessárias. Tinha ainda à seu cargo a Biblioteca, as plantas, os mapas do Depósito e os projetos militares.

De uma carta, datada de 25 de Setembro de 1793, do Conde de Rezende à D. Martinho de Melo e Castro, colhemos a seguinte referência ao Coronel Antônio Joaquim de Oliveira:

“O Coronel deste mesmo Regimento e Lente da Aula que estabeleci nesta Cidade, tem dado grandes provas do seu talento e da sua atividade, porque em pouco tempo tem remido o mesmo Regimento e encaminhado aos deveres um corpo que para ser bom deve ser científico.”

No seu primeiro ano de existência, em 1793, cursavam a Academia cêrca de 73 alunos, entre oficiais, oficiais inferiores e soldados dos Regimentos da Praça do Rio de Janeiro, partidistas do número e particulares.

Não é demais citar aquí os nomes dêstes 73 primeiros alunos que foram por assim dizer os seus fundadores:

Do Regimento de Artilharia

Capitães	— Anastácio Corrêa Vasques. Manoel Francisco dos Santos.
Ajudante	— João José Nunes Carneiro.
Primeiros tenentes	— Joaquim do Vale Silva. José dos Reis de Oliveira. Francisco Rodrigues da Silva. José de Souza Castro. Antônio José Pinto. Francisco de Oliveira Cunha.
Segundos tenentes	— Euzébio Francisco Pereira. Francisco de Paulo Cardozo. Francisco Manoel da Silveira e Melo. José Lopes da Costa. Manoel Álvares da Cruz. Vicente Ferreira Pires.
Sargentos	— Francisco Álvares da Cunha. José Gomes da Fonseca. Manoel Borges do Nascimento. José Monteiro Pimenta. Anacleto Rodrigues.
Furriéis	— José Pinto Cardozo. João Antônio d'Ávila. Joaquim Pereira Nobre. Antônio de Oliveira Pago. Francisco Xavier de Faria. João Vieira Borges. Inácio da Cruz Falcão. João Barboza Pinto. Feliciano José de Souza. Alexandre Joaquim Grampé.

Cabos

- Antônio Ferreira da Silva.
- Manoel Álvares da Silva.
- Joaquim de Oliveira Souza.
- José Freire Sardinha.
- Francisco Peixoto da Silva.
- Joaquim Francisco de Souza.
- Inácio Henrique.
- Joaquim dos Reis.
- João Pereira de Araújo.
- Joaquim José Pereira do Lago.
- João José de Souza.
- Manoel Luiz da Silva.
- Joaquim Ferreira.
- Francisco Pires.
- José Pereira Corrêa.
- Luiz da Costa Muniz.
- José Vaz Figueira.
- Francisco Desidério.
- Inácio Antônio.
- João José de Meireles.
- João José de Moraes.
- João José do Nascimento.
- José Francisco da Cunha.

Cadetes

- Francisco de Paula de Almeida.
- Luiz Manoel Pereira.

Soldado

- Luiz Pereira de Oliveira.

Do Regimento de Bragança

Cadete

- Antônio Félix Cabral.

Soldado

- José da Silva Pinto.

Do Regimento de Moura

Alferes

- João Bernardo de Car....

Cabo

- Félix da Silva Borges.

Cadete

- Luiz Manoel da Silva.

Soldado

- Antônio Carlos Corrêa.

Do 1.º Regimento

Tenente

- Luiz Carlos da Costa.

Do 2.º Regimento

Capitão	— Domingos Francisco Ramos.
Porta-Bandeira	— José Inocêncio de Souza.
Soldado	— Francisco Manoel Bormundo.

Partidistas do número

(Com a graduação Luiz Antônio de Oliveira Bulhões.

de Alferes)	— Aureliano de Souza e Oliveira.
	Inácio Cardoso Machado.
	José Aniceto Rangel.
	Francisco Antônio da Silva Bittencourt.

Particulares

José de Oliveira Paes.
Teotônio Pinto de Figueirôa.

*

* *

O Coronel Antônio Joaquim de Oliveira permaneceu na função de primeiro lente da Academia até o ano de 1795, quando foi afastado por motivo de moléstia e por se lhe tornar pesado o encargo, substituindo-o o Capitão José de Oliveira Barbosa que exercia a função de seu primeiro substituto.

Este Capitão desde algum tempo que vinha arcando com todos os encargos do ensino, visto como o Coronel já bastante doente quase não lhe dava assistência.

A 17 de Julho escrevia o Conde de Resende:

“...não obstante ter recaído todo o peso deste importante serviço no mencionado Capitão, como substituto, pelas molestias que padece o referido Coronel, o qual não só por esse motivo como pelas obrigações que deve cumprir a respeito do Corpo que comanda que lhe não deixam tempo desembaraçado para assistir aos estudos nos dias destinados, assentei deveria ficar desobrigado do exercício de Lente a que não pode acodir, quando seriamente atenda ao Serviço do seu Regimento...”

Com a data de 23 de Outubro, ainda dêste ano, é proposta ao Rei a promoção do Capitão José de Oliveira Barboza ao posto de Tenente-Coronel, agregado ao Regimento de Artilharia. E' a seguinte a informação prestada sobre este official pelo vice-rei Conde de Resende:

“Capitão de Bombeiros — José de Oliveira Barboza — que o era de Artilheiros por comissão desde 13 de Maio de 1789. Tem 20 anos e 8 meses de serviço. Este official é um dos mais habéis do Corpo em que serve e actualmente está empregado no lugar de substituto da Aula Militar, a qual a maior parte do tempo depois dessa nomeação tem sido regida por elle, porque tendo o Coronel com as obrigações de Chefe do Regimento, também o justo embaraço de molestias habituais que o opprimem e inhabilitam grande parte do ano, cujos embaraços inda que involuntariamente fariam um grande atraso aos Discipulos, quando não fosse substituida a sua Cadeira por um Official de tanto merecimento; me parece tão digno de premio que sem o menor escrupulo, não só o proponho para Tenente Coronel agregado ao mesmo Corpo, declarado Lente de propriedade, recebendo o Ordenado desse emprego que indevidamente até agora tem pertencido ao Coronel actual; mas até suplico reverentemente a V. Exa. queira favorecer esta minha pretensão, da qual nunca me poderei arrepender, tendo esperanças tão bem fundadas das vantagens que resultarão ao Serviço de S. Magestade animando a um Official que por todos os caminhos proprios da sua profissão pôde ser util.” (Doc. da Sec. Hist. do Arqu. Nac. — Coleção 68; vol. 12).

Esta promoção, no entanto, só vem a ser concedida em 1798, três anos depois, a-pesar-de ter sido por várias vezes lembrada.

Em 1796 este Capitão exerce o cargo de Secretário do Governador do Rio de Janeiro de 4 de Junho de 1796 a 16 de Junho de 1797 — sem entretanto interromper os seus trabalhos na Academia.

Do ano de 1797 achamos um officio do Conde de Resende, numerado 21, em que lembra a proposta feita a 23 de Outubro de 1795 quanto

“a promoção de José de Oliveira Barboza, Capitão de Bombeiros do Regimento de Artilharia, para o posto de Tenente Coronel agregado ao mesmo Regimento, com o exercício de Lente da Aula e o ordenado de 20\$000 por mês.

e insiste pedindo seja tornada efetiva.

Em Abril de 1803 chega às mãos do vice-rei, D. Fernando José de Portugal, um Decreto Real, de 31 de Janeiro, em que nomeia Governador da Ilha das Cobras ao Coronel Antônio Joaquim de Oliveira e promove ao pôsto de Coronel o Tenente-Coronel José de

Oliveira Barbosa, assumindo este o Comando do Regimento de Artilharia que na mesma data, por força do Decreto, se vagara.

Não pára aí, porém, a carreira deste brilhante oficial que muito trabalhou para o progresso do ensino militar entre nós.

O primeiro decreto coletivo assinado pelo Príncipe Regente D. João, aqui no Brasil, aos 13 de Maio de 1808, eleva-o ao posto de Brigadeiro Graduado dos Reais Exércitos, não o destituindo, porém, do comando do Regimento e nem lhe tirando aquela ocupação de Primeiro Lente da Academia.

A 12 de Junho de 1809 é nomeado, por escolha especial de D. João, para Governador e Capitão General do Reino de Angola, na África. Só então deixa o Regimento de Artilharia em que labutara durante os 34 anos já decorridos de sua vida militar, dos quais 17 como Lente, e onde firmara, através os seus ensinamentos na Aula Militar e a sua conduta na administração, o grande conceito em que era tido.

Serviços notáveis lembram a administração de José de Oliveira Barboza naquela parte do Continente negro: deu início à canalização das águas do rio Coanza, para abastecer de água potável a capital Loanda; estabeleceu nas planícies do rio Dande uma coudelaria para suprir a falta de cavalos que havia em Angola; mandou para o Rio de Janeiro, em diversas ocasiões, sementes de várias plantas úteis e, melhor que todos, deve-se à sua iniciativa o ter sido a África Meridional atravessada pela primeira vez, de lado a lado, de oceano a oceano, ligando-se Angola e Moçambique através florestas virgens e desbravando-se assim o interior africano.

Diz o Dr. Melo Moraes, referindo-se a José de Oliveira Barboza, em artigo publicado no "O Brasil Histórico", número de 19 de Fevereiro de 1882:

... "No seu governo, conforme li nas Memórias publicadas em Paris, em 1825, por João Carlos de Castelo Branco e Torres, ajudante de ordens de seu pai, o Governador e Capitão General de Angola Luiz da Mota Feo e Torres, foi o Marechal José de Oliveira Barboza, o primeiro que conseguiu a comunicação, pelo interior da Africa, com a costa oriental, porque mandando um preto feirante, official de Henrique Dias, com ordem de atravessar o sertão, fosse a Moçambique e de lá voltasse pelo mesmo caminho á Loanda, trazendo do Governador daquela Capitania cartas em resposta ás que nessa mesma ocasião lhe escrevia José de Oliveira Barboza.

Não juntara porem a esta descoberta os conhecimentos geograficos, pela ignorancia de quem praticara a viagem." ...

Foi ainda Chefe do Corpo de Polícia da Côrte, em 1821, Ministro da Guerra do Império, no Ministério que vigorou durante quatro tormentosos dias, entre 10 e 14 de Novembro de 1823, Barão do Passeio Público, Visconde do Rio Comprido, Conselheiro de Guerra, Tenente General do Exército.

O decreto imperial de 12 de Novembro de 1823 que dissolveu a Assembléia Constituinte e Legislativa do Brasil, foi por êle referendado, como Ministro da Guerra e por Clemente Ferreira França, depois Marquês de Nazaré, como Ministro da Justiça.

Faleceu no Rio de Janeiro aos 2 de Maio de 1844 com 90 anos de idade e quase 70 de bons serviços ao Brasil.

Entrara para o exército como Cadete aos 25 de Janeiro de 1775.

Faz juz à nossa admiração.

IV

O DESDOBRAMENTO DA ACADEMIA

O ano de 1795 assiste ao desdobramento da Academia da Artilharia.

É criada neste ano uma nova Academia Militar especialmente destinada ao preparo dos oficiais da arma de Infantaria.

Quando da instituição da "Real Academia da Artilharia Fortificação e Desenho", o Conde de Resende determinara que os oficiais e cadetes de Infantaria a frequentassem, assistindo às aulas de Geometria e de Fortificação. A observação porém demonstrou, passado pouco tempo, a não adaptação dos Infantes àquele meio, sendo diminuto o proveito colhido pelos mesmos que se escusavam de fazer a aplicação conveniente, seja pelos assuntos tratados na referida aula serem mais próprios aos oficiais de Artilharia, seja pelo pouco tempo que lhes restava, satisfazendo às obrigações do serviço diário dos Regimentos.

Procurando então solucionar esta situação, crítica para os Infantes e atendendo às razões expostas que não deixavam de merecer alguma consideração, resolveu o Conde de Resende a separação definitiva dos cursos, criando para os Infantes uma Academia, só a êles particular.

Para a nova Academia foram elaborados os seguintes Estatutos, os quais a 26 de Novembro foram enviados ao Reino para a devida aprovação:

"Estatutos da Nova Academia de Aritmetica, Geometria Pratica, Fortificação, Desenho e Lingua Francêsa, erigida para os Officiaes de Infantaria na Cidade do Rio de Janeiro. Ano de 1795.

1.º) *Do tempo de Estudo, e suas divisões.*

Sendo objeto desta Academia a instrução dos Officiaes, e Cadetes, que pela maior parte se acham sem os princípios necessários para servirem de base a lição dos Autores e a acertada execução das diferentes operações militares; e nesta disposição, em que devem ser considerados, lhes pareceria sumamente arduo o estudo, que se prescreve aos Alunos da Aula Militar do Regimento de Artilharia, se lhes ensinará nos primeiros seis menses o Tratado de Artilharia, de Bezout; nos seis meses seguintes aprenderão Geometria Pratica, extraída do Curso de Belidor, findos os quaes se devem aplicar ao estudo de fortificação, explicando-se por um metodo pratico os Elementos de Fortificação por Le Blond. Nesses dezoito meses ensinar-se-a juntamente o Desenho pelo Tratado de Buchotte, e a Lingua Francesa.

2.º) *Do Diretor.*

O Diretor destas diferentes classes que se devem considerar como outras tantas Brigadas deverá ir muitas vezes à Academia, para vigiar não só sobre a applicação e fervor dos Discipulos, mas tambem sobre o zêlo e cuidado dos Lentes, observando se elles se conformam nas suas Lições ao metodo dos Autores nomeados, e se as traduções e Extratos que devem fazer, são fieis, e ordenadas com clareza, e boa digestão. Todos os Lentes lhe darão imparcial conta dos progressos, ou descuidos dos seus Discipulos, assim como das faltas, que não se legalizarem, para que o mesmo Diretor todas as semanas dê uma relação circunstanciada a esse respeito.

3.º) *Dos lentes.*

Cada uma das mencionadas Materias será ensinada por um Lente particular que explicará o Autor já citado, conformando-se á capacidade dos Discipulos, para omitir aquellas demonstrações que não puderem comprehender ao principio, e contentando-se de que os menos habeis saibam as definições e construções de todas as figuras de Geometria e Fortificação. Os Lentes darão parte ao Diretor como fica dito no Art. 2.º, de tudo o que disser respeito aos seus Dicipulos, e todas as providencias serão requeridas por via do mesmo Diretor, á quem ficam subordinados. Quando qualquer dos Lentes tiver impedimento se nomeará outra pessoa para substituir o seu logar.

4.º) *Dos Discipulos.*

Todos os Officiaes de Infantaria, e Cadetes serão sem a menor condescendencia obrigados a frequentar a Academia, quando se achem desembaraçados das Obrigações do Serviço, não valendo de desculpa a idade de alguns, porque a assistencia destes servirá de animar aos outros. Os que não estiverem em taes circumstancias serão matriculados, e farão exame de Aritmetica, ou para seguirem este estudo, ou para frequentarem a Aula de Geometria. Os Discipulos, que agora são dispensados de todo o serviço, no fim de seis meses depois da sua entrada, devem ser examinados para o fim de serem excluidos do numero dos mesmos dispensados se não derem prova do seu adiantamento, ou puderem passar ao estudo de outra materia, exceto quando alguns quizerem antecipar o tempo do seu exame, porque nesse caso deverá o Diretor admitir.

5.º) *Dos dias letivos e feriados.*

Para as Lições desta Academia se destinam os dias de 3.^a feira, 5.^a e Sabado de manhã, principiando no tempo de Verão das 7 horas ás 10, e de Inverno das 8 ás 11 horas. Este tempo será distribuido da maneira seguinte: Os Lentes de Aritmetica, Geometria e Fortificação, devem tomar as Lições das 7 horas até ás 8 e meia, no fim de cujo tempo o Mestre de Francês explicará esta Lingua por espaço de meia hora á todos os Discipulos das diferentes classes; e finalmente o Mestre de Desenho os exercitará por tempo de uma hora. Os dias feriados principiarão de 21 de Dezembro até 6 de Janeiro, de Domingo de Ramos até os Prazeres, e do Domingo do Espirito Santo até o da Trindade.

6.º) *Dos Exercícios Praticos.*

Os Lentes de Geometria e Fortificação devem exercitar todos os anos sobre o terreno aos seus Discipulos na pratica e delineação daquelas figuras e Obras que occorrem mais frequentemente nas ocasiões do serviço, fazendo-lhes conhecer o uso dos Instrumentos e o modo de se servirem das estacas, piques e cordéis. O Mestre do Desenho ensinará semelhantemente o modo de representar as diversas configurações do terreno e de tirar as plantas militares.

7.º) *Dos Exames.*

Além do Exame prescrito logo que os Discipulos sejam admitidos, se farão exames todos os seis meses como fica determinado no Art. 4.º. Estes exames serão feitos publicamente, presidindo o Diretor, e sendo Examinadores os tres Lentes de Aritmetica, Geometria e Fortificação, os quais darão o seu voto ao Diretor, que decidirá pela pluralidade dos mesmos votos. Quando os Discipulos forem examinados no fim dos seis meses, tirarão sôrtres vinte e quatro horas, antes de serem perguntados, não sendo isso bastante para que não respondam á tudo quanto se lhes inquirir respectivo ao que lhe fôr indicado pelas sôrtres.

8.º) *Do Secretario.*

O Official que tiver este emprego deverá fazer as matriculas em um Livro que haverá para esse fim, e lançará em outro os exames de todos os Discipulos para que se possam extrair certidões, quando se julgue conveniente, precedendo o meu Despacho. Estes Livros serão rubricados pelo Diretor. O mesmo Secretario, terá a seu cargo a Biblioteca, Plantas e Projetos Militares, que, devem constar por um inventario. Haverá mais um Porteiro cuja obrigação será a de cuidar no asseio da casa e na Limpeza dos Instrumentos e moveis que nela existem.

Rio de Janeiro de Novembro de 1795.

(Documento da Sec. Hist. do Arqu. Nacional — Col. 68; vol. 12)"

Anexa aos Estatutos é enviada também uma relação dos livros necessários ao uso dos alunos. Para que se avalie do grau de adiantamento dos officiaes da época, pelo estudo a que eram obrigados, transcrevemos abaixo aquella relação:

“Alguns jogos do Curso de Aritmetica de Bezout;
Alguns jogos do Curso Belidor ;
As obras de Le Blond;
A Fortificação de Antoni;
Ataque e defeza das Praças por Vauban;
Tratado de Desenho por Buchotte;
Engenheiro de Campanha por Clairac;
Arquitetura Militar;
Elementos de Tatica;
Ensaio de Tatica;

Arte da Guerra por Frederico 2º;
Geografia de Busching;
Historia de Portugal por La Clede;
Historia da India por L'Affitan;
Dicionario Militar Historico;
Dicionario Francês e Português por Manoel de Souza."

*
* *

Em carta à D. Luiz Pinto de Souza, datada de 21 de Fevereiro de 1796, na qual o assunto tratado é a criação da nova Academia, o Conde de Resende diz:

"Quanto ás ciencias julguei que seria por agora bastante a Aritmetica de Bezout, a Geometria de Belidor, a Fortificação, o Desenho e a Lingua Francêsa; omitindose porém nestas ciencias aquilo que elas tem de mais abstracto, em atenção á falta de luzes e de principios que tinha a maior parte dos discipulos. Determinei mais que cada uma das referidas faculdades fosse ensinada por um Lente particular escolhendo para este Ministerio a um Capitão e tres Tenentes que eram Partidistas da Aula da Artilharia e que estavam preteridos, tendo feito muitos progressos na Geometria, Fortificação e Desenho..."

E ainda na mesma carta, porém mais adiante:

"Para facilitar os meios de adquirirem estes os conhecimentos inseparaveis dos que se querem distinguir na Profissão Militar, dispensei de todo o Serviço da Praça a um certo numero de officiaes em cada Regimento, com a obrigação de serem examinados no fim de 6 meses para se lhes continuar a mesma graça se derem provas do seu adiantamento, ou para serem excluidos e entrarem outros a gozar da mesma izenção. Os outros officiaes que não foram dispensados do Serviço tambem são obrigados a ir á Academia, porem não estão sujeitos ás mesmas condições."

Foram nomeados, para Director da Academia o Tenente-Coronel Joaquim Xavier Curado e para Lentes os seguintes officiaes: Capitão de Auxiliares José Caetano de Araujo para Mestre de Francês; Capitão Albino dos Santos Pereira para Geometria e Tenentes Francisco Antônio da Silva Bittencourt, Antônio Lopes de Barros e Aureliano de Souza e Oliveira para Aritmetica, Fortificação e Desenho respectivamente.

Dêstes, os três últimos têm os seus nomes entre os fundadores da Academia da Artilharia, sendo que o segundo como segundo substituto do Lente da mesma e o Capitão Albino dos Santos Pereira entre os que a cursaram em 1794.

A "Academia de Aritmetica, Geometria Pratica, Fortificação, Desenho e Lingua Francesa para Officiaes de Infantaria", como era mencionada nos documentos officiaes, iniciou os seus trabalhos nos últimos dias de Dezembro de 1795, inaugurando-se com um corpo discente de cêrca de 16 alunos, todos matriculados na primeira quinzena dêsse mês e, figurando entre êles os dois filhos do Conde de Rezende.

Foram os seguintes os fundadores da nova Academia:

Sargento Mor	— Conde de Rezende D. Luiz Benedito de Castro
Capitães	— D. José Benedito de Castro Luiz Carlos da Costa
Tenentes	— Luiz de Seixas Souto Maior Antônio da Costa Barros
Alferes	— João Nunes Cordeiro Luiz Gomes da Cruz João Manoel da Fonseca e Silva Francisco de Lima da Silva Inácio José Gomes Francisco de Sales Gameiro Antônio Carlos Corrêa Lemos
Cadetes	— João Caetano de Araujo Luiz Vieira de Andrade Francisco Manoel Dormundo
Porta Bandeira	— Luiz Manoel Feliciano Kely

Nos primeiros tempos de sua existência os resultados apresentados pela Academia foram de molde a satisfazer ao vice-rei; em 1796 são enviados à Portugal alguns trabalhos executados pelos alunos, principalmente de Desenho, a-fim-

“de dar uma noção do estado atual em que se acham a este respeito e do que para o futuro se poderá esperar.”

Porém com o correr do tempo foi sendo notado algum desinteresse da parte dos alunos pelos trabalhos, assim como uma diminuição assustadora na frequência, servindo-se uns da escusa por motivo de doença, outros pelas obrigações do serviço e ainda outros não apresentando nenhuma justificativa que satisfizesse.

Não atinando qual fôsse a causa direta desta espécie de desercão que se operava entre os alunos baixou o Conde de Resende, aos 20 de Junho de 1797 a seguinte Ordem, depois enviada a Portugal e integralmente aprovada pelo Rei a 28 de Dezembro do ano seguinte:

“Todo o Estudante, seja qual fôr a sua graduação, que faltar nos dias de Estatuto à Aula, não qualificando as causas que tem para o fazer, e que sendo advertido e convencido do seu delito se não corrigir, o suspendo do exercicio do seu Posto, e o prenderei em uma Fortaleza, não lhes assistindo senão com metade do Soldo da sua Patente; pois como S. Magestade despense para a conservação do seu Exercito imensas somas estas se inutilizam quando se empregam em pessoas inhabeis e até prejudicialissimas porque abandonando-se ao dominio dos seus vicios não podem jamais sujeitar-se as regras da virtude, do valor, do patriotismo e da ciencia.”

Neste mesmo ano de 1797 os três Tenentes lentes são graduados nos postos de Capitães, sem os respectivos soldos, como prêmio pelos serviços prestados e para animá-los no exercicio de suas funções.

No ano seguinte são confirmados nos postos de Capitães, assim como também é confirmado o Capitão Albino dos Santos Pereira, até então graduado.

Sobre êste último achamos a informação seguinte dada pelo Conde de Rezende, quando em cumprimento de uma missão foi o mesmo Capitão Albino dos Santos Pereira a Portugal, a 4 de Junho de 1800:

“Este official tem uma perfeita noticia das forças militares deste Estado e pelo seu prestimo tem applicado os seus conhecimentos á pratica, não só de Tatica Elementar, como também á Sublime, demarcando Campos de Exercito não só para ensaios de Guerra de Montanhas, mas até para ataque e defesa. É lente de Geometria na Aula instituida no ano de 1795. Tem bastantes luzes de Fortificação de Campanha, que já tem construido, assim como conhece perfeitamente a regular, e na frente da Tropa tem tanto acôrdo e natureza, que eu abonaria sempre a boa escolha das suas Evoluções. As suas qualidades são proprias de um homem de bem que tem a honra de se achar empregado no Real Serviço.”

(Doc. da Sec. Hist. do Arq. Nacional — Col. 68; vol. 16.)

Nota — Em anexo apresentamos a transcrição de interessante documento, datado de 31 de Dezembro de 1798, existente no Arquivo Histórico Militar, de Lisboa e que nos veio ás mãos por especial gentileza do Snr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, ilustre official do Exército português e muito digno Director daquele citado Arquivo.

Versa o documento sobre informações prestadas pelos Lentes sobre os alunos da Academia.

V

SOB A REGÊNCIA

Em 1807, D. João que governava o Reino em nome de sua mãe D. Maria I, fugindo ao exército francês, invasor, deixa Portugal transferindo a sua Corte para o Brasil.

Inaugura o estabelecimento da sua Corte no Brasil aos 27 de Janeiro de 1808 já na Baía onde primeiramente se instala.

Pela Carta Régia de 28 do mesmo mês e ano, isto é, do dia seguinte àquele e dirigida ao Conde da Ponte, Governador da Capitania da Baía, franquando os portos do Brasil ao comércio de tôdas as nações amigas, desliga inteiramente a Colônia da sujeição em que esta se achava para com a Metrópole nos mínimos negócios, promovendo a liberdade de comércio e de relações com os povos estrangeiros. Dá origem êsse ato a um progresso rápido e imenso da Colônia e que veio depois culminar com a emancipação definitiva.

O Decreto de 7 de Abril cria o Arquivo Real Militar, destinando-o à guarda e conservação de todos os mapas e plantas das fortalezas, baterias e artefactos de guerra já existentes no Brasil. É instalado de início em uma das salas da Academia Militar, aproveitando-se para a sua organização os armários nela existentes.

...sou outrossim servido que o mesmo se fórne logo em uma das salas que ora servem de Aula Militar e que os armarios que ali estão fiquem servindo ao mesmo fim, sendo tambem o Porteiro das Aulas Porteiro do Arquivo com a gratificação que lhe mando dar”.

Futuramente, quando criada a Academia Real Militar, o Diretor do Arquivo será obrigatoriamente um dos seus diretores.

No referente ao ensino militar, neste período de franca remodelação, o primeiro ano observado é a Decisão de 5 de Maio, mandando estabelecer a Real Academia de Guardas-Marinha no Convento de São Bento, situado ao lado do Arsenal de Marinha que é, na mesma época, mandado reorganizar, tendo mais amplo desenvolvimento. (4)

(4) O Estado recebeu terreno para a construção dêste Arsenal da generosidade da ordem beneditina no Rio de Janeiro (Abril de 1696). Começado pelo vice-rei Conde da Cunha, em 1764. O próprio fundador mandou aí construir uma nau, a “D. Sebastião”, a qual causou admiração aos povos por ser de madeiras escolhidas, de várias côres, obra de perfeição no gênero. Esta nau, de 74 canhões, foi primeiro conhecida pelo nome de “Serpente”, talvez pelo variegado de côres. Com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, o Arsenal de Marinha recebeu considerável desenvolvimento. A Real Academia de Marinha foi alojada nos armazéns dos frades de São Bento, em área hoje do Arsenal de Marinha. (Publicações do Arquivo Nacional — vol. XX.).

A Academia Real da Marinha foi criada em Lisboa em 1779; seguiu-se-lhe a Companhia dos Guardas-Marinha em 1782.

Em 1800 ninguém podia ser admitido na Companhia como Guarda-Marinha senão no fim dos três anos do Curso da Academia e ainda se tivesse o fôro de fidalgo ou se tivesse sido Aspirante à Guarda-Marinha, o que só podiam obter os filhos de Capitão de Mar e Guerra, Chefe de Divisão, Coronel ou Brigadeiro. Os Guardas-Marinha eram considerados como Alferes e os Aspirantes como Primeiros-Cadetes.

Por ocasião da vinda da Côrte para o Brasil era ainda a Academia regida pelo Decreto de 1º de Abril de 1796, sendo o seu Curso assim dividido, em três anos, segundo as matérias estudadas: 1º ano — Aritmética, Geometria, Trigonometria e Aparelho; 2º ano — Princípios de Álgebra até equações do 3º grau inclusive, primeiras aplicações delas à Aritmética, Geometria, Secções Cônicas, Mecânica com sua aplicação immediata ao Aparelho e à manobra, Desenho de marinhas e rudimentos sôbre a construção de navios; 3º ano — Trigonometria esférica, Navegação teórica e prática, rudimentos de Tática Naval, continuação do Desenho, rudimentos de Artilharia e exercícios de fogo, Tática militar e Artilharia prática.

A Companhia dos Guardas-Marinha, o seu Comandante e os Lentes da Academia, acompanharam o Príncipe Regente em sua vinda para o Brasil.

Comandava então a Companhia, sendo portanto o Diretor da Academia, o Chefe de Divisão José Maria Dantas Pereira que exercia este cargo desde 1800.

Chegando ao Rio de Janeiro, a 22 de Março de 1808, foi o mesmo Chefe de Divisão José Maria Dantas Pereira encarregado pelo Príncipe e pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, João Rodrigues de Sá e Menezes, Visconde de Anadia, de "procurar casa onde se pudesse estabelecer as aulas e a Academia".

Escolhida para tal a Casa do Convento de São Bento, nela se instala a Academia, cumprindo a decisão já citada atrás e cujo teor é o seguinte:

"O Príncipe Regente Nosso Senhor houve por bem destinar as hospedarias dos Religiosos Beneditinos para nelas se estabelecer a Real Academia dos Guardas-Marinha; pelo que ordena o mesmo Senhor de Vm. proceda logo a encomendar os armarios, bancos e cadeiras que forem necessarios para esse fim, mandando fazer tudo por ajuste, de que dará parte a esta Secretaria de Estado para que se mande entregar a Vm. o valor da importancia. Ao dito Abade do Convento de S. Bento escrevo agora participando-lhe esta real determinação de Sua Alteza Real,

afim de que desocupe e entregue as referidas hospedarias, para que Vm. as possa ocupar e fazer os convenientes melhoramentos.

Deus Guarde a Vm. — Paço em 5 de Maio de 1808.
Visconde de Anadia."

Destinada a educar e a ensinar aos jovens que se dedicavam à vida do mar, continha a "Real Academia dos Guardas-Marinhas" uma Biblioteca com o fim de facilitar a instrução dos alunos.

Foi Secretário da Companhia da Real Academia João Henrique de Paiva, nomeado por Decreto de 13 de Maio de 1808, o qual tinha também a seu cargo a direção da Biblioteca.

Este mesmo Decreto cria ainda na Marinha o posto de Almirante General, sendo nele investido o Infante D. Pedro Carlos, sobrinho do Príncipe D. João. Uma das atribuições inerentes à esse posto era a de ser Inspetor da Academia.

O Chefe de Divisão José Maria Dantas Pereira continuou à frente do estabelecimento até 1817, quando foi substituído pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Maria Teles. Por ocasião da Independência era a Academia ainda dirigida por este último oficial.

No ano de 1812 uma Decisão Régia, datada de 16 de Dezembro, tornou obrigatório o exame de Desenho para se julgar completo o Curso da Academia.

*
* *

Na parte relativa ao Exército, este período remodela novamente o ensino.

Inicialmente são criadas, na Academia Militar, as cadeiras de Língua Inglesa (30 de Maio de 1809), sendo nomeado para seu primeiro lente a Eduardo Thomaz Cohill, com a graduação de 2º Tenente de Artilharia e de Química, para as aulas militares de Artilharia e Engenharia (6 de Julho de 1810), sendo primeiro lente o Dr. Daniel Gardner.

Em 1810, o Príncipe D. João resolveu dar nova organização ao ensino militar, criando, pela "Carta de Lei", de 4 de Dezembro, a Academia Real Militar que centralizou o ensino, ao qual deu outras finalidades. Esta Academia vem a ser, a meu ver, a origem da atual Escola Militar do Brasil.

Criada no intuito de preparar a classe militar para todos os seus misteres e de habilitar os oficiais do exército com a parte teórica e prática das armas científicas, a Engenharia e a Artilharia, foi inaugurada por D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, Ministro e Secretário de Estado da Guerra e, conforme os dizeres da Carta de Lei, abaixo transcrita, Inspetor Geral da mesma Academia.

“D. João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e Algarves, etc. Faço saber a todos que essa carta virem, que tendo consideração ao muito que interessa ao meu real serviço, ao bem publico dos meus vassallos, e a defesa e segurança dos meus vastos dominios, que se estabeleça no Brasil e na minha actual Côrte e Cidade do Rio de Janeiro, um curso regular das Ciencias exatas e de observação, assim como de todas aquellas que são applicações das mesmas aos estudos militares e praticos que formam a ciencia militar em todos os seus dificeis e interessantes ramos, de maneira que dos mesmos cursos de estudos se formem habéis Officiaes de Artilharia, Engenharia, e ainda mesmo Officiaes da classe de Engenheiros geografos e topografos, que possam tambem ter o util emprego de dirigir objetos administrativos de minas, de caminhos, portos, canais, pontes, fontes e calçadas: hei por bem que na minha actual Côrte e Cidade do Rio de Janeiro se estabeleça uma Academia Real Militar para um curso completo de ciencias mathematicas, de ciencias de observações, quaes a fisica, quimica, mineralogia, metallurgia e historia natural, que comprehenderá o reino vegetal e animal, e das ciencias militares em toda a sua extensão, tanto de tatica como de fortificação, e artilharia, na fórma que mando especificar; havendo uma Inspeção Geral, que pertencerá ao Ministro e Secretario de Estado da Guerra, e immediatamente debaixo das suas ordens á Junta Militar que mando crear para dirigir o mesmo estabelecimento, que sou servido ordenar na fórma dos seguintes estatutos:...”

Determinavam os estatutos a divisão do ensino em sete anos, para os quais havia 11 lentes e 5 substitutos.

Aritmética, Álgebra, Geometria retilínea e primeiras noções da esférica eram estudadas no 1º ano onde só havia um lente; entravam no 2º as applicações da Álgebra e da Geometria, levando-as até ao Cálculo diferencial e integral, Geometria Descritiva e Desenho; havia dois lentes, sendo que um para Geometria Descritiva e Desenho. Mecânica e Hidrodinâmica formavam o 3º ano que um único lente dirigia. No 4º dois lentes ensinavam: um Trigonometria esférica, princípios de Astronomia e Física e outro que era o mesmo do 2º ano, Desenho.

No 5º ano iniciava-se o estudo das matérias exclusivamente militares. Um lente ensinava tática, estratégia, castramentação, fortificação de campanha e reconhecimento dos terrenos; um segundo lecionava Química. No 6º ano completava-se o estudo da fortificação

e estudava-se mais a Arquitetura civil e a Mineralogia, havendo para esta última um lente especial. No 7º dois lentes ensinavam: o primeiro a Artilharia teórica e prática, Minas e Geometria subterrânea e o segundo a História Natural nos dois reinos animal e vegetal.

Os lentes eram obrigados, pelos estatutos, a formar compêndios das matérias que ensinavam, sendo estes calcados nas melhores obras existentes sobre o assunto.

Na parte prática do curso, os lentes eram obrigados a sair ao campo com seus discípulos para os exercitar na prática do que nas aulas teóricas lhes ensinavam.

Os estatutos da Academia rezavam ainda, cogitando de um 8º ano:

“Logo que se possa formar uma Biblioteca científica e militar, haverá um lente de Historia Militar que servirá de Bibliotecario e que no 8º ano explicará a historia militar de todos os povos, os progressos que na mesma faz cada nação, dando uma idéa dos maiores generais nacionais e estrangeiros.”

A Junta Militar que dirigiria os destinos da Academia devia compor-se de 5 membros, sendo presidente um Tenente-General tirado do Corpo de Artilharia ou do Corpo de Engenharia e os 4 restantes, deputados, Officiais de patente igual ou superior à de Coronel.

Todos deviam cooperar nos trabalhos da Academia. Assim: pertencia ao presidente a direção dos estudos de Mineralogia, Química e Física; a um dos Deputados cabia a direção e assistência aos trabalhos Geodésicos; à outro o traçado de algum polígono militar que se construía no campo para mostrar aos alunos o ataque e a defesa das Praças; à outro o reconhecimento do terreno e as manobras táticas realizadas no campo; ao último competia o exercício e disciplina das aulas e de toda a Academia, vigiando particularmente sobre a fiel observância dos estatutos.

Obrigatoriamente pertencia ser o Diretor do Arquivo Real Militar o Deputado da Junta Militar que era encarregado da direção e assistência aos trabalhos Geodésicos.

Os candidatos à Academia pediriam a sua admissão à Junta Militar que mandava então se procedesse à um exame do que sabiam em Aritmética. Deviam ter menos de 15 anos de idade e se dividiam em duas classes: a dos voluntários e a dos obrigados.

A classe dos obrigados devia fazer, durante o curso, o serviço militar em um Regimento de Artilharia.

No fim do 4º ano os alunos escolheriam a arma em que queriam servir e a Junta Militar propunha-os, levando em consideração o talento, o gosto e a aplicação de cada um.

Ao curso completo só seriam obrigados os que se candidatassem à oficiais Engenheiros e de Artilharia; aos de Infantaria e Cavalaria bastava que fizessem o primeiro ano do Curso Matemático e o primeiro ano do Curso Militar (5º do curso geral) para poderem ser adiantados do posto de Alferes aos sucessivos postos.

O ano letivo da Academia teria início a 1º de Abril e terminaria na véspera de Natal; o mês de Janeiro, sendo destinado aos exames.

Com o fim de incentivar os estudos foram instituídos três partidos ou premios para os três alunos que mais se distinguissem em cada ano do curso, excetuando-se o primeiro. Consistiam esses premios em 20 moedas de ouro, do valor de 4\$800 cada uma, para o primeiro classificado, 15 moedas do mesmo valor para o segundo e 10 para o terceiro.

Para o estabelecimento do arquivo e das Aulas da Academia, gabinetes de Física, Química, História Natural e Mineralogia, foi destinado o edifício da Igreja de São Sebastião, Sé do Rio de Janeiro, ordenando o Príncipe, por Decreto de 22 de Janeiro de 1811

“que se executasse para tal o plano apresentado pelo Brigadeiro João Manoel da Silva, Inspetor dos Engenheiros, procedendo aos reparos e acomodações necessarias...”

No mês seguinte, Fevereiro, iniciaram-se as obras, sendo encarregado de dirigí-las o Sargento-mor Engenheiro Isidoro Xavier de Brito. A este official, que desde 20 de Junho de 1808 era encarregado de uma das repartições do Arquivo Real Militar, ainda foram afetas as seguintes obras militares: em 1812 a construção do quartel de Artilharia e a conclusão das obras que se faziam no Hospital Militar e em 1813 a construção do quartel do 3º Regimento de Infantaria.

Inaugurou-se a Academia Real Militar aos 23 de Abril de 1811, na Casa do Trem, passando no ano seguinte para o edifício que lhe era destinado, no Largo de São Francisco, onde hoje se acha instalada a Escola Politécnica.

Coube a sua direção primeiramente ao Tenente General Carlos Antônio Napion, nomeado desde princípios de 1810 pelo Conde de Linhares para proceder à reorganização do ensino militar.

“Havendo Determinado na Minha Carta de Lei de quatro de Dezembro do ano proximo passado pela qual Fui Servido Crêar nesta Côrte uma Academia Real Militar, que nela haveria uma Junta a cujo cargo estivesse a direção deste importante Estabelecimento, composta da maneira que declara a mesma Carta de Lei; Sou ora Servido Nomear para Presidente da dita Junta ao Tenente General Inspetor Geral de Artilharia Carlos Antonio Na-

pion; Para Primeiro Deputado na conformidade ali declarada ao Brigadeiro João Manoel da Silva, Diretor do meu Real Arquivo Militar; e para Segundo Deputado ao Coronel do Real Corpo de Engenheiros Manoel Jacinto Nogueira da Gama; e Determino que não obstante não Nomear Eu por ora os outros Deputados de que deve compôr-se a Junta, haja ela de reunir-se desde logo e ter as suas Sessões e exercicio que lhe compete pela sobredita Carta de Lei da sua Instituição: O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e expêssa nesta conformidade as ordens necessarias.

Palacio do Rio de Janeiro, em 11 de Março de 1811.
Com a rubrica do Principe Regente."

Por morte de Napion, em 1815, succedeu-lhe o Tenente General Francisco de Borja Garção Stochler, Barão da Vila da Praia, conceituado matemático e literato que viera para o Brasil na comitiva real e aquí faleceu em 1829.

Da Junta Militar fizeram parte os seguintes officiaes (deputados): Brigadeiro Graduado João Manoel da Silva, Inspetor do Real Corpo de Engenheiros e Diretor do Arquivo Real Militar; Brigadeiro, Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Visconde e Marquês de Baependi que era ainda Inspetor das Aulas; Marechal Joaquim de Oliveira Álvares, nomeado a 28 de Setembro de 1820 e Brigadeiro Joaquim Norberto Xavier de Brito, Comandante do Corpo de Engenheiros e Diretor do Arquivo Militar, nomeado a 14 de Abril de 1821.

O quadro de professores foi constituído dos lentes que já lecionavam nas Aulas Militares da Infantaria e da Artilharia e de alguns mais, nomeados depois da criação da Academia. Compôs-se inicialmente de 11 lentes e 3 substitutos.

Com pequenas informações biográficas dos que nos foi possível identificar, assim apresentamos, respeitando a ordem natural das matérias ministradas no Curso, os componentes do primeiro corpo docente que teve a Academia:

— *Antônio José do Amaral*, 2º tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 1.º ano onde ensinava Aritmética, Álgebra, Geometria retilínea e primeiras noções da esférica.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1782, filho de José Francisco do Amaral. Estudou em Portugal onde se bacharelou em matemáticas pela Universidade de Coimbra. Ingressando no Exército, iniciou sua carreira militar na arma de Artilharia.

Aos 19 de Abril de 1811 foi promovido ao posto de 1º Tenente com a graduação de Capitão, posto em que se manteve durante o tempo em que lecionou na Academia.

Era tão respeitado pela sua probidade que, a-pesar-de suas idéias republicanas, foi indicado, depois da abdicação de D. Pedro I, para tutor de um filho, o que recusou.

Estava na Europa, quando se promulgou a Constituição brasileira que jurou por procuração.

Deputado, em 1830, pelo Rio de Janeiro, fez opposição ao governo de D. Pedro I, apoiando na Câmara o partido dos moderados.

Na terceira legislatura recusou ser deputado, vivendo desde então muito retirado. Colaborou em diversos jornais brasileiros tais como o "Indicador Militar", a "Astréa" e, antes da independência, fez parte da comissão encarregada de organizar os compêndios para a Academia Real Militar.

Faleceu em 1848.

— *André Pinto Duarte*, 1º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 2º ano onde ensinava Aplicações da Álgebra e da Geometria, levando-as até ao Cálculo diferencial e integral.

— *José Vitorino dos Santos e Souza*, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 2º ano onde lecionava Geometria Descritiva. Tinha ainda o encargo de reger qualquer das cadeiras de Matemática nos impedimentos dos respectivos lentes.

No posto de 2º Tenente lecionou na Academia por mais de um ano, visto como a sua promoção a 1º Tenente tem a data de 25 de Setembro de 1812.

É autor de uma "Geometria e Mecânica das artes, dos ofícios e das belas artes", publicada em 1832, no Rio de Janeiro.

— *José Saturnino da Costa Pereira*, 1º Tenente do Real Corpo de Engenheiros e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Lente do 3º ano. Lecionava Mecânica e Hidrodinâmica.

Nasceu na Colônia do Sacramento, em 1773 e faleceu no Rio de Janeiro em 1852.

Estudou em Portugal onde se bacharelou em Matemática pela Universidade de Coimbra. Regressando ao Brasil foi nomeado lente da Academia Real militar e membro da Junta diretora da Imprensa Nacional. No Rio de Janeiro foi o correspondente do "Correio Brasiliense", jornal que seu irmão editava em Londres.

Aos 19 de Abril de 1811 foi elevado ao posto de Capitão, gradação que teve enquanto lecionou.

Proclamada a independência foi eleito Senador pela província de Mato-Grosso. Ocupou a pasta da Guerra, em 1837, ao tempo da regência do padre Diogo Antônio Feijó. Foi ainda Senador do Império.

José Saturnino teve a glória de ser o que, dos lentes da novel Academia, primeiro apresentou o compêndio a que, para uso dos alunos, eram obrigados os lentes.

É interessante o transcrevermos aqui os dizeres do frontespício dessa primeira obra que, especialmente para seu uso, teve a Academia Real Militar:

“Tratado elementar de Mecanica

por *Mr. Francœur.*

Por ordem de Sua Alteza Real, traduzido em Português e aumentado de doutrinas extraídas das Obras de Prony, Bossut, Marie etc.: para uso dos Alunos da Real Academia Militar desta Corte por José Saturnino da Costa Pereira, Cavaleiro na Ordem de Cristo, Bacharel formado em Matematica, Capitão do Real Corpo de Engenheiros, e Lente do terceiro ano da mesma Academia.

Rio de Janeiro

Na Impressão Régia — 1812

Por ordem de Sua Alteza Real.”

Escreveu ainda:

“Indagações do sólido de máximo volume entre todos os de igual superfície”; “Dicionário topográfico do Império do Brasil”; “História geral dos animais classificados segundo o sistema de Cuvier” (4 volumes); “Elementos de Astronomia e Geodésia, precedidos da Trigonometria esférica”, redigidos para uso da Escola Militar (1845); “Elementos de Mecânica”; “Aplicação da Álgebra à Geometria”; “Elementos de Cálculo diferencial e de Cálculo integral”; “Apontamentos para a formação de um roteiro das costas do Brasil”; e outras mais.

— *Manoel Ferreira de Araujo Guimarães*, Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 4º ano onde ensinava Trigonometria esférica, Geografia e princípios de Astronomia.

Nasceu no Estado da Baía a 5 de Março de 1777. Contando cerca de 14 anos embarcou para Portugal onde em Lisboa continuou seus estudos, matriculando-se a 1º de Outubro de 1798 no 1º ano da Academia Real da Marinha.

Por decreto de 19 de Junho de 1801, tendo concluído o curso da Academia, premiado em primeiro lugar em todos os estudos, foi nomeado Lente Substituto da mesma Academia com a patente de 1.º Tenente da Armada.

Por ocasião da transladação da cõrte portugueza para o Brasil para aquí veio, sendo, logo após a chegada, a 5 de Novembro de 1808, transferido para o Exército e promovido ao pôsto de Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Criada a Academia Real Militar foi designado para um dos seus lentes, tal como se vê do seguinte decreto do Príncipe Regente.

“Por justos motivos Sou Servido Determinar que Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, Capitão do Real Corpo de Engenheiros e Lente da Academia Real dos Guarda Marinhas, passe para Lente de Geografia e Astronomia do 4º ano da Academia Real Militar, continuando a receber o mesmo ordenado de 400\$000 que até aqui recebia como Lente da dita Academia dos Guarda Marinhas: O Conselho Militar o tenha assim entendido
Palacio do Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1811.”

No exercício de Lente conservou-se até 21 de Abril de 1821, quando obteve a sua jubilação por contar 20 anos ininterruptos de magistério; tinha por essa época o pôsto de Coronel graduado a que fôra elevado a 13 de Maio de 1819.

Conquanto em disponibilidade não parou aí a atividade dêsse grande educador. A 5 de Março de 1823 foi nomeado Deputado da Junta de direção da Academia Real Militar e logo depois, em Junho do mesmo ano, foi eleito Deputado à Assembléia Constituinte pela provincia da Baía. No desempenho dêste cargo foi elevado ao pôsto de Coronel, a 12 de Outubro de 1823.

Reformou-se, já no pôsto de Brigadeiro Graduado, pelo Decreto de 24 de Dezembro de 1830, contando apenas 53 anos de idade.

Ativo ao extremo, porém, mesmo na Baía, onde fixara residência após a reforma, os seus serviços foram aproveitados como Lente da Cadeira de Geometria e Mecânica que funcionava anexa ao Arsenal de Marinha.

Militar de grande atividade e illustração, escreveu e traduziu diversas obras de matemática e colaborou em diversos periódicos da Imprensa, sendo que, por ocasião de sua morte, era um dos redtores do “O Patriota”.

Faleceu a 24 de Outubro de 1838.

Tinha as condecorações de S. Bento de Aviz e da Ordem do Cruzeiro.

— *Luiz Antônio Barradas*, Capitão do Real Corpo de Engenheiros. Lente do 4.º ano onde ensinava Física.

— *João José de Souza*, Capitão do Real Corpo de Engenheiros. Lente do 4.º ano onde lecionava Desenho e Gravura. Era ainda o lente da mesma disciplina também ministrada no 2.º ano.

— *João de Souza Pacheco Leitão*, Sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 5.º ano onde explicava a Tática, a Estratégia, a Castrametação, a Fortificação de Campanha e o Reconhecimento dos terrenos.

Português de nascimento, veio para o Brasil acompanhando a família real e aqui, em virtude dos seus reconhecidos conhecimentos militares, foi nomeado para Lente da Academia Real Militar, por despacho de 11 de Março de 1811. Escritor notável, deixou diversas obras, sendo que algumas traduções. Dentre elas destacam-se: “Reflexões militares sobre a campanha dos franceses em Portugal”; “Arte Militar e de Fortificação”, traduzida de Guide Vernon; “O Brasil e a Constituição de Portugal”; “Exposição das despesas e estado do farol da ilha Rosa” e os poemas “Genieida”, “A restauração da liberdade” e “Natureza”.

Faleceu em Lisboa, para onde retornara depois de reformado, em 1855.

— *Daniel Gardner*, Doutor em medicina.

Lente do 5.º ano onde tinha a seu cargo a cadeira de Química.

Leccionava desde 6 de Julho de 1810 nas aulas militares da Artilharia e da Engenharia que, com o nome de Academia Militar, funcionavam no Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro.

Criada a Academia Real Militar que centralizava em uma só Academia todo o ensino militar teórico então existente, foi aproveitado como Lente de Química, mesma cadeira que já lecionava e da qual já tinha a propriedade.

— *Francisco Cordeiro da Silva Tôrres*, Sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 6.º ano onde tinha a seu cargo o complemento do estudo da Fortificação e o ensino da Arquitetura Civil.

Nasceu em Portugal a 24 de Fevereiro de 1775.

Veio para o Brasil em 1809, sendo então 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros. Promovido a Capitão em 24 de Junho de 1809 e a Sargento-mor na mesma data do seguinte ano de 1810, foi, por decreto de 11 de Março de 1811, nomeado lente da Academia Real Militar.

Não obstante êsse encargo que desempenhou com rara proficiência, ao mesmo tempo que o exercia, desempenhava-se de outras comissões, para as quais a sua atividade e o seu saber eram solicitados.

Assim, foi encarregado do encanamento das águas que inundavam a Real Quinta da Boa Vista, futura residência imperial e da direção das obras hidráulicas da Real Fazenda de Santa Cruz.

Dirigiu ainda os trabalhos do encanamento das águas do rio Maracanã, a construção do Chafariz do Campo de Santana, o cais da

praça do Comércio, as obras do canal da Pavuna e do rio Guandú e outros trabalhos de engenharia.

Em 15 de Junho de 1828, já Brigadeiro graduado, tendo atingido ao generalato a 12 de Outubro de 1826, foi nomeado Ministro da Guerra, cargo de que foi exonerado a pedido 10 dias depois.

Solicitou reforma do serviço ativo do exército em 1833, a qual lhe foi concedida no posto de Marechal de Campo.

Era Conselheiro de Estado, Grande dignatário da Ordem da Rosa e Viador das princesas, tendo sido agraciado pelo imperador com o título de Visconde de Jerumirim.

Faleceu no Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1856.

— *Manoel da Costa Pinto*, Sargento-mor de Artilharia.

Lente do 7.^o ano onde ensinava Artilharia teórica e prática, Minas e Geometria subterrânea.

Nasceu em Lisboa a 27 de Agosto de 1780.

No posto de Capitão veio para o Brasil, em 1809, nomeado para lente da Aula Militar que funcianava no Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro com a designação de Academia Militar.

Nesse mesmo ano, por um decreto, em o qual eram salientadas a sua aptidão e inteligência reveladas no decurso de sua vida militar, foi incumbido da composição de um “Tratado de Artilharia teórica e prática”, pelo qual deveria ser moldado o ensino na mesma Academia.

Em Dezembro de 1810 tendo o ensino militar sofrido uma remodelação com a criação da Academia Real Militar, foi nomeado, já no posto de Sargento-mor, para Lente da mesma cadeira que tinha no Regimento de Artilharia.

Oficial de grande mérito e profundo conhecedor de tudo que dizia respeito à sua profissão, atingiu ao generalato aos 42 anos de idade, quando foi graduado no posto de Brigadeiro, a 18 de Março, de 1822. Outras promoções ainda obteve, atingindo à maior, Tenente General, a 12 de Setembro de 1837.

Durante sua vida militar, além da função de Lente, desempenhou as seguintes comissões: em 1817 fez parte da expedição que partiu do Rio de Janeiro contra os rebeldes de Pernambuco; foi nomeado Inspetor de Artilharia a 22 de Abril de 1821; Quartel-mestre General da Côrte e província do Rio de Janeiro a 6 de Novembro de 1822; Deputado da Junta de direção da Academia Real Militar a 5 de Março de 1823; Deputado-intendente da Junta de fazenda dos Arsenais do Exército, Fábricas e Fundições a 3 de Setembro de 1826 e Presidente da província do Maranhão a 24 de Dezembro de 1827.

Reformou-se, por doente, em 1842, sendo então transferido para a 3.^a classe do Exército.

Faleceu no Rio de Janeiro a 3 de Março de 1852.

— *José da Costa e Azevedo*, Frade franciscano.

Lente do 7.º ano onde ensinava a História Natural nos dois reinos animal e vegetal e, depois, também lente do 6.º ano onde ensinava Mineralogia.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1763. Iniciou seus estudos no Rio de Janeiro, completando-os porém em Lisboa, onde frequentou o Colégio dos Nobres e depois em Coimbra em cuja Universidade esteve matriculado.

Sentindo grande vocação para o clero, envergou o burel de franciscano, conquistando no Convento de sua ordem uma cadeira de Lente de Teologia que pouco tempo ocupou.

Convidado para, em Lisboa, reger uma cadeira de Filosofia para aí foi, sendo logo depois aceito sócio correspondente da Academia Real de Ciências.

A convite do Bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, veio para o Brasil ocupar o cargo de Diretor do Seminário de Olinda e ser o regente das cadeiras de Filosofia e Retórica, no mesmo estabelecimento (1800).

Criando-se, no Rio de Janeiro, a Academia Real Militar e achando-se nela vaga a cadeira de História Natural, 2.ª do 7.º ano do curso, foi o seu nome lembrado posteriormente nomeado.

Como lente da Academia o seu desempenho foi de tão grande valor, que, em 1818, foi também nomeado para lente proprietário da cadeira de Mineralogia, assunto ministrado no 6.º ano.

“Crêa na Academia Real Militar nesta Côrte um Gabinete de produtos de Mineralogia e Historia Natural. Tendo em contemplação os bons serviços que me tem prestado Frei José da Costa e Azevedo no lugar de lente da cadeira de Historia Natural na Academia Real Militar desta Côrte, de que tem a propriedade, e convindo ao meu real serviço que êle passe para a Cadeira de Mineralogia na mesma Academia, sou servido nomea-lo lente proprietario desta Cadeira com o ordenado correspondente; havendo, outrossim, por bem conceder-lhe a administração e inspeção do Gabinete dos produtos de Mineralogia e Historia Natural que hei por bem crêar na mesma Academia, à qual servirá com a gratificação anual de 150\$000 por este cargo, alem do ordenado de sua cadeira.

(Decreto de 22 de Janeiro de 1818).

Ainda nesse ano de 1818 os seus serviços foram novamente solicitados para ser o Diretor do Museu Real (depois Museu Nacional), mandado organizar por D. João VI, a 6 de Junho de 1818.

Tendo sido nomeado nesse mesmo dia, coube a frei José da Costa e Azevedo ser o primeiro Diretor do nosso atual Museu Nacional.

No desempenho dos cargos de professor da Academia e de Diretor do Museu, faleceu a 7 de Novembro de 1822, sendo sepultado na Igreja de São Pedro.

— *Tomaz Barbarino da Cunha*, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Primeiro Substituto dos Lentes dos 1.º e 2.º anos do curso.

Nessa comissão permaneceu na Academia Real Militar somente por espaço de tempo de um ano, pois que dêle achamos outra nomeação, datada de 28 de Fevereiro de 1812. Diz ela:

“Hei por bem nomear a Tomaz Barbarino da Cunha, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros, para Lente da Cadeira de Geometria da cidade de Pernambuco, vaga pela passagem de Joaquim Inacio de Lima para Lente da Real Academia da Marinha desta Côrte.”

— *Vasco José de Paiva*, Tenente Coronel. Segundo Substituto dos Lentes dos 1.º e 2.º anos do curso.

— *Roberto Ferreira da Silva*, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Substituto do Lente de Desenho e Gravura. Nasceu em Lisboa entre os dois últimos quartéis do século XVIII. Aprendeu e estudou Desenho e Pintura em Lisboa, tendo sido por alguns anos pintor de carros ao serviço da Casa Cadaval. Ingressando depois no Exército, veio para o Brasil onde foi nomeado para Substituto e auxiliar do Lente efetivo de Desenho e Gravura da Academia Real Militar.

Em 1822 jurou e accitou a constituição do Império, tornando-se então brasileiro.

Faleceu em 1840, tendo deixado as funções de lente em 1826.

Escreveu: “Elementos de desenho e pintura e regras gerais de perspectiva” (1817), obra de que foi tirada 2.ª edição em 1841.

*
* *

Da inauguração da Academia até ao ano de 1822, marco da nossa independência, a única alteração havida, nesta parte do ensino, foi a criação de um gabinete de Mineralogia e História Natural, aos 22 de Janeiro de 1818, de que já falamos, quando tratamos do Frei José da Costa e Azevedo.

Dentre os alunos que no período de 1811 a 1822 cursaram a Academia Real Militar, atingiram ao Generalato do Exército Brasileiro os seguintes:

Firmino Herculano de Moraes Ancora.
João Carlos Pardal.
João Paulo dos Santos Barreto.
José Maria da Silva Bittencourt.
Manoel da Fonseca Lima e Silva (Barão de Suruí) — todos matriculados em 1811, portanto na 1.^a turma.
Luiz da França Pinto Garcez — matriculado em 1813.
Henrique Marques de Oliveira Lisboa — matriculado em 1814.
Jerônimo Francisco Coelho.
Solidônio José Antônio Pereira do Lago — matriculados em 1816.
Luiz Alves de Lima e Silva (Barão, Conde, Marquês e Duque de Caxias) — matriculado em 1818;
José Mariano de Matos — matriculado em 1819.
Lopo de Almeida Henriques Botelho de Melo.
Miguel de Frias e Vasconcelos.
Pedro de Alcântara Bellegarde — matriculados em 1820.
Luiz Manoel de Lima e Silva — matriculado em 1822.

O ENSINO MILITAR NAS CAPITANIAS

Temos abordado até agora este assunto, cuidando-o tão somente na parte relativa à Capitania do Rio de Janeiro, ponto central da administração depois de 1763 e onde êle mais se desenvolveu.

Entretanto, durante o período colonial, o ensino militar foi também motivo de grande cuidado, por parte do governo português, em outras Capitanias, destacando-se sobretudo, dentre todas, as de Pernambuco e Baía, para o que muito contribuiu o bom senso de alguns de seus governadores.

Citamos no início deste trabalho a Carta Régia de 7 de Outubro de 705, pela qual era ordenado fôsse levado o ensino militar

“a todas as partes em que, havendo Capitão Engenheiro ou Sargento-mór, houvessem pessoas que quizessem aprender a Engenheiros”.

Conquanto representasse esta Carta, como que uma ordem taxativa, não foi ela executada em nenhuma Capitania, a exceção da do Rio de Janeiro onde desde 1698, como vimos, havia preocupação constante naquele sentido.

Outra Carta Régia, datada de 6 de Março de 1713, mandava

“aos comandantes de armas que nos seus dominios promovessem o estudo das ciencias militares”.

Também, como a primeira, esta não foi prontamente satisfeita. Contudo a semente fôra lançada; caíra em terreno estéril mas não morrera, ficava a espera de quem a transplantasse a um terreno propício onde fecundasse.

E isso se deu nas Capitanias de Pernambuco e Baía em épocas diferentes porém próximas.

Da Capitania da Baía temos notícia de uma Aula de Fortificação e Artilharia mandada criar pelo então Governador e Capitão General D. Manoel da Cunha Menezes, depois Conde de Lumiar.

Inaugurada no ano de 1774, na cidade do Salvador, capital da Capitania, esta Aula teve porém curta duração; os Governadores que se seguiram ao já citado dela se descuidando.

Em Pernambuco o ensino foi mais sólido, tendo iniciado em 1788. D. Tomaz José de Melo, Governador e Capitão General da Capitania promove neste ano, na cidade de Recife, a criação de uma Aula Militar que funcionou segundo os Estatutos abaixo.

“Atendendo o quanto importante e indispensavel é no corpo militar hajam pessoas que possam desempenhar os postos que S. Magestade lhes confia, mando que se estabeleça nesta Praça do Recife de Pernambuco uma Academia Militar, em que se ensinem aquellas partes mais essenciais do Curso Matematico de Belidor e Bezout, que necessario seja para qualquer ação do real serviço; nestes termos ordeno se observem os parágrafos seguintes:

I — Dos discipulos e condições que devem ter para serem admitidos aos estudos.

Os lentes da aula admitirão para seus discipulos só aquellos sujeitos que pelo exame que lhes mandarei fazer, se acharem previamente exercitados e expeditos na pratica das quatro regras, fundamentais da Aritmetica, quer sejam militares ou paisanos, na mesma fórmula praticada Real Academia de Marinha estabelecida na cidade de Lisboa. Todas as pessoas que quizerem estudar, farão uma petição para serem admitidos, devendo declarar pais, patria e estudos e os militares ajuntarão de mais ao requerimento a licença de seu chefe ou comandante.

II — Do tempo e hora das lições.

O tempo de cada lição durará hora e meia, cada dia, e será repartido em duas partes iguais, uma para que os estudantes repitam a lição antecedente e outra para que

o lente explique a lição immediata. As lições principiarão ás 7 horas e durarão até ás 8 e meia. Os dias de suêto serão as quinta-feiras de todas as semanas, exceto quando houverem dias santos, feriados ou aqueles em que costuma haver beija-mão nesta Capitania. As férias principiarão em 8 de Dezembro e acabarão em 7 de Março.

III — *Dos exercicios semanarios.*

Nos dias de sabado haverá exercicio literario e o assunto dele será o que houver sido no decurso da semana, para o que haverá dois defendentes e quatro arguentes nomeados pelo lente.

IV — *Dos exercicios no campo.*

Quando os estudantes se acharem prontos e aptos para o exercicio do campo, me representará o lente, para que eu lhe determine a occasião em que deve pôr em practica o fruto dos estudos, a que com tanto cuidado e desvelo se tem applicado.

V — *Dos exames.*

No fim de todos os anos far-se-á exame por ponto tirado 24 horas antes, o qual constará de algumas proposições das lições que nos anos se tiverem explicado. O lente será o presidente dos ditos exames e os examinadores serão os que se determinar.

VI — *Das isenções.*

Todos os estudantes, sendo militares, serão isentos do serviço ordinario na mesma fórma que o são os da Universidade de Coimbra e da Real Academia de Marinha de Lisboa.

Os estudantes que mais se distinguirem nos exames terão a minha protecção por preferencia a todos os outros que não tenham dado estas provas; assim como nas propostas que se fizerem espero que não hajam de propor outros enquanto os houver destes que se tenham applicado a estes estudos, por isto ser muito necessario ao serviço de Sua Magestade.

VII — *De algumas disposições.*

O lente notará todas as faltas e no dia de sabado uma falta será reputada por duas, e nas informações que me houver de dar me fará explicação delas. Os estudantes devem indefectivelmente achar-se nas aulas ás horas prescritas, e se entrarem tres minutos depois de principiada a lição será notado como se faltasse; e o mesmo se fará áqueles que saírem antes de acabada a lição; guardando sempre um rigoroso e profundo silencio enquanto estiverem na aula, exceto quando forem perguntados.

Para com seu lente se comportarão com obediencia e respeito e para com os seus condiscipulos com aquella civilidade que nos ensina a boa moral; e os que se portarem diversamente o lente os advirtirá, ou exclui-los-á, dando-me parte primeiramente, sem que novamente possam entrar sem minha ordem.

Recomendo a todos em geral que, como bons e fieis vassalos, empreguem todo o esforço, actividadee diligencia, uns para desempenhar o seu cargo e outros para conseguir o importante fim a que se tem destinado.

Pelo que ordeno se cumpra na fórma acima declarada estes estatutos e que se observam na dita aula.

Recife de Pernambuco, 1 de Março de 1788.

(Ass.) *D. Tomaz José de Melo.*" (5)

A-pesar-de baseada, como acabamos de ver, em alicerces sólidos, teve curta duração esta Academia.

Em 1795 é criada, por ordem do Governo português, na mesma cidade de Recife uma Aula de Geometria, funcionando no Regimento de Artilharia e sob a direcção do Capitão de Infantaria Antônio Francisco Bastos, substituido em 1808, naquela direcção, por Joaquim Inácio Lima.

Esta Aula é aumentada, em 1809, da cadeira de Cálculo integral, Mecânica e Hidrodinâmica, sendo nomeado para ella, por Carta Régia de 7 de Março, o mesmo Antônio Francisco Bastos, agora com a patente de Sargento-mor de Infantaria e com o ordenado de 500\$000 anuais.

Capitão de Infantaria Dr. Antônio Francisco Bastos,

(5) Revista Militar — Volume correspondente ao anno de 1903. Estudo sobre a Organização do Exército Brasileiro pelo então Capitão Melchisedech de Albuquerque Lima.

Diz a Carta Régia acima citada:

“...houve por bem ordenar agora que o dito Antonio Francisco Bastos fosse exercer aí com a patente de Sargento-mór de Infantaria a cadeira de calculo integral, Mecânica e Hidrodinâmica que mando estabelecer, com o ordenado de 500\$000 annuaes, devendo ele regular com o outro lente Joaquim Inacio Lima o curso matematico dos estudantes de Artilharia e Engenharia dessa Capitania.”

Datada de 28 de Fevereiro de 1812, achamos a nomeação que se segue, pela qual vemos não ter passado Joaquim Inácio de Lima mais que 3 annos como lente da Aula, bem como a sua substituição por um official, vindo da Côrte, onde era lente da Academia Real Militar.

“Hei por bem nomear a Thomaz Barbarino da Cunha, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros, para Lente da Cadeira de Geometria da cidade de Pernambuco, vaga pela passagem de Joaquim Inacio de Lima para Lente da Real Academia da Marinha desta Côrte.

(Doc. do Arq. da Secretaria da Guerra; livro 40 — Leis e Decreto).

ANEXOS

Estatutos de Real Academia da Artilharia, Fortificação e Desenho, da Cidade do Rio de Janeiro.

Mapa dos Nomes, Idades, e Observações dos Alunos da Nova Academia Militar, estabelecida pelo Ilmo. e Exmo. Snr. Conde de Rezende, Vice-Rei do Estado, em 28 de Novembro de 1795, em que se mostram as informações dos seus respectivos Lentes.

ESTATUTOS DA REAL ACADEMIA DA ARTILHARIA, FORTIFICAÇÃO E DESENHO, DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

1.º) *Do tempo do Curso Matematico e suas divisões.*

Como o objeto desta Academia é a instrução dos discípulos que forem admitidos à classe, será dividido o Curso Matematico da mesma em Seis anos. Nos primeiros dois anos se ensinará o Curso de Belidor. No terceiro ano se ensinará a teoria de Artilharia, das Minas e Contra-minas, e a sua aplicação ao ataque e defesa das Praças, o que se fará pela doutrina de Sam Remy, na conformidade do Plano dos Regimentos de Artilharia, ou (o que é o mesmo) pela Artilharia de le Blond. No quarto ano se ensinará a Fortificação regular, o ataque e defesa das Praças e os princípios fundamentais de qualquer fortificação. No quinto ano se ensinará a Fortificação irregular, a Fortificação efetiva e a Fortificação de Campanha, no que se seguirá a doutrina do Curso de Antoni, cuja instrução dos ditos cinco anos será dada pelo Lente do Regimento de Artilharia desta cidade.

2.º)

Para a instrução do sexto ano nomearei outro Lente, o qual será obrigado a ensinar a Arquitetura Civil, o Corte das pedras e madeiras, o Orçamento dos Edifícios, e tudo o mais que fôr relativo ao conhecimento dos materiais que entram na sua composição, como também explicará os melhores metodos, que hoje se praticam nas construções dos Caminhos e Calçadas.

No mesmo ano se ensinará igualmente a Hidraulica e as mais partes que lhe são analogas, como a Arquitetura das pontes, Canais, portos, diques e comportas; bem entendido que os militares de Infantaria e Cavalaria

completarão no fim do terceiro ano o tempo das suas applicações; os de Artilharia no fim do quinto ano e os que quizerem seguir a profissão de Engenheiros, e para esse fim tenham sido providos em algum dos Seis Partidos da dita Aula, só completarão o tempo da sua applicação no fim do Sexto ano.

3.º) *Dos Substitutos e das suas obrigações.*

Cada um dos referidos Lentes terá primeiro e segundo Substituto não só para suprirem os seus impedimentos, mas tambem para os ajudar nos exercicios praticos e ainda nas Lições expeculativas e de desenho.

4.º) *Dos exercicios praticos*

Os lentes serão obrigados a sair ao campo com os seus discipulos quando as estações o permitirem para os exercitará na pratica. No 2.º ano se ensinará o uso dos instrumentos pertencentes á Geometria pratica; fará medir distancias inacessíveis, nivelar terrenos, e tirar diversas plantas, e tudo quanto puder praticar-se das matérias que tiver explicado.

No 3.º ano se ensinará o manejo das bocas de fogo que se usam na Artilharia; fará construir bateria e exercitará os discipulos em tudo que fôr suceptivel de praticar-se.

No 4.º ano se ensinará a delinear sobre o terreno qualquer fortificação regular, e se delineará tambem sobre o mesmo terreno as principais obras do ataque e defesa das Praças.

No 5.º ano se formará sobre o terreno alguma obra de fortificação de Campanha, assim como ensinará a Castrametação e tudo quanto puder praticar-se relativamente as materias que tiver tratado. O Lente do 6.º ano, sendo encarregado de alguma obra das materias que tiver explicado, poderá exercitar-se na pratica dela os seus discipulos.

5.º) *Dos exames.*

Todos os discipulos do 2.º ano farão exames, pelos quais se qualifiquem para poder entrar na doutrina do 3.º ano e os do 3.º e mais anos farão tambem exames para se verificar se estão aptos para entrarem na doutri-

na do ano que se lhe segue. Cujos exames e todos os mais que se fizerem para se lhes passar certidões, para em consequencia delas serem propostos, para acesso, serão feitos na presença do respectivo lente e seu substituto na forma seguinte: Haverão diversos vasos que o Lente proverá de Sórtes, nas quais estejam notadas em cada uma delas uma das principais proposições de cada livro do Curso de Belidor, das quais o examinado tirará uma de cada um dos livros do dito curso para ser perguntado por ela. O dito Lente proverá também um Vaso de Sórtes em que estejam notadas em cada uma delas uma das proposições fundamentais da Artilharia, das quais o examinado tirará tres sórtes para ser perguntado por elas e igualmente das explicações do 4.^o, 5.^o e 6.^o ano haverão de cada uma delas Vasos com Sórtes das suas principais proposições, das quais o examinado também tirará tres para ser perguntado por elas, dando-se a todos, vinte e quatro horas, desde que tirarem a Sortes até serem perguntadas.

6.^o) *Da admissão dos discipulos e das qualidades que devem ter.*

Os discipulos que pretenderem ser admitidos ao Curso Militar, o não serão sem primeiramente mostrarem por exame que sabem as quatro especies de Aritmetica Ordinaria e serão obrigados a mostrar durante a applicação dos primeiros tres anos (perante o primeiro lente) que entendem suficientemente a Lingua Francesa; e aqueles militares que se destinam ao Serviço de Infantaria e Cavalaria bastará que sejam aprovados até o decimo livro do Curso de Belidor, para poderem passar ao estudo do 3.^o ano; porem os discipulos que aspirarem a ser promovidos nos Partidos da dita Aula para seguirem a profissão de Engenheiros, serão obrigados a mostrar por exames que sabem a doutrina correspondente ao primeiro ano (ao menos) e que tenha uma constituição robusta, sem defeito algum na vista ou tremura de mãos.

7.^o) *Dos dias e horas das Lições e tempos de férias.*

Os dias letivos serão nas 2.^a, 4.^a e 6.^a de manhã por espaço de duas horas pelo que respeita as lições especulativas; depois de que cada um dos respectivos lentes exercitará os seus discipulos por espaço de uma hora e um quarto no desenho da doutrina correspondente áquele ano;

e as férias, uma será desde 21 de Dezembro ate 6 de Janeiro; outra na Semana Santa e Semana da Pascoa; e a outra na Semana da Festa do Espirito Santo.

8.º) *Do serviço que devem fazer os discipulos que occupam o partido e se destinam para officiais Engenheiros.*

Os ditos discipulos Partidistas depois de 6 anos de applicação, passarão a servir um ano no Regimento de Artilharia como Primeiros Tenentes agregados a alguma das Companhias graduadas, e tendo mostrado cumprirem com as suas obrigações no dito Corpo, e tambem sendo aprovados nos exames das applicações dos 6 anos me serão propostos pelos Lentes em Ajudantes Engenheiros para eu os propor a S. Magde.

9.º)

Os discipulos que se destinarem a servir na Infantaria ou Cavalaria, serão distintamente atendidos conforme sua applicação, assim como tambem os que servirem na Artilharia preferirão pela applicação e não pela antiguidade (na conformidade do que dispoem os Estatutos de 2 de Janeiro de 1790 e do que determina o Plano dos Regimentos de Artilharia) os quais serão propostos pelos seus chefes conforme as certidões dos seus exames que ajuntarão as ditas propostas; e os officiais inferiores e soldados de um e outro Serviço serão promovidos em consequencia das ditas certidões.

Haverá nesta Academia um Secretario o qual terá a obrigação de fazer as matriculas e assentos e de passar as Certidões do costume, como tambem de cuidar do arranjo e ordem da Biblioteca Militar, e na conservação das Plantas e Mapas do Deposito. No Arquivo da Academia haverá um Livro onde conste circunstanciadamente o merecimento de cada um dos discipulos, e as Certidões que o Secretario deve passar em consequencia de um despacho do respectivo Lente, constarão somente da frequencia, ou approvação dos discipulos, e só quando eu mandar informar os Lentes sobre a applicação de qualquer discipulo, estes me farão constar tudo quanto se contiver nos seus assentos. Os ditos Livros serão rubricados pelos respectivos Lentes.

No dito Arquivo se devem guardar não só os desenhos que fizerem os discipulos mas tambem todas as Plantas, Cartas e projetos militares que devem resultar das diligencias de que forem incumbidos os Officiaes Engenheiros.

Do Porteiro e Guardas.

Haverá tambem nesta Academia um Porteiro e dois guardas que serão do Regimento de Artilharia, os quais terão obrigação de cuidar do asscio das Aulas, e no arranjo, e limpeza dos modelos, e instrumentos que lhes serão entregues por um inventario e servirão nos Exercicios praticos em tudo o que lhes fôr ordenado pelos Lentes ou Secretario.

Em tudo o mais que não fica especificado nestes Estatutos, os Lentes se devem reger pelas Ordens, immediatas que receberem de mim a quem recorrerão para lhes dar as providencias que julgarem necessarias.

Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1792.

Com a rubrica de S. Exa. o Ilmo. e Exmo. Senhor Conde de Rezende.

(Doc. da Sec. Hist. do Arquivo Nacional — Coleção de Memorias — vol. 12).

Mappa dos Nomes, Idades, e Observações dos Alumnos da Nova Academia Militar, estabelecida pelo Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conde de Rezende, Vice-Rei do Estado, em 28 de Novembro de 1795, em que se mostram as informaçoes dos seus respectivos Lentes.

Sargento Mór o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conde de Rezende D. Luiz Benedicto de Castro. 21 a.^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795, dia em q. fez exame de Arithmetica, e passou p.^a a Geometria. Observa o Lente desta Faculdade. Que a acabou com muita percepção, como sempre o mostrou nos Exames publicos, q. tem feito, como tambem nos Exercicios praticos sobre o terreno; e antes q. passe p.^a a Fortificação, vai continuando à acabar o Curso de Mathematica, p.^a adquirir maiores conhecimentos, e já se acha no fim do 3.^o Tomo de Bellidor; tem m.^{ta} habilidade, e m.^{to} merecim.^{to} Observa o Lente de Desenho, q. nesta parte tem mostrado m.^{to} boa applicação e genio, com hua certeza de mão, arraz rara, e se sujeita com m.^{ta} paciencia à copiar qualquer densenho; e tem todo o me-

recimento. Observa o M.^e da Lingua Franceza, tendo frequentado a Academia efectivamente, tem adquirido aquelles progressos reconhecidos em tres exames publicos, q. fez esta Academia. Tem hua bellissima penetração, e m.^{ta} viveza p.^a as sciencias, e com estes talentos da natureza, e mais algua practica, virá adquirir hua completa intelligencia desta Lingua, em que se está aperfeiçoando no fallar e nas versoens Portuguezas. Igualm.^{te} eu confesso, e o tenho dito m.^{tas} vezes, ter o Ex.^{mo} Snr. talentos naturaes, e ser m.^{to} apto p.^a qualquer applicação.

Capitão o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D. Jozé Benedicto de Castro. 18 a.^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795; foi examinado d'Arithmetica, em 28 de Junho de 1796, e passou p.^a a *Geometria aonde, observa o Lente, tem dado provas bast.^{es} da sua intelligencia*, não só em ter já acabado este estudo, como tambem nos exames publicos, que tem feito; acha-se prezentem.^{te} no 3.^o Tomo de Bellidor, pertendendo acabar o curso de Mathematica, p.^a seguir a Fortificação: he m.^{to} seguro nas suas demonstraçoens, tem genio estudioso, e he inegavel a sua applicação.

Observa o Lente de Desenho, que tem applicação e paciencia, e mostra que poderá fazer grandes progressos, se não deixar de continuar; entendendo m.^{to} bem todas as diferentes configuraçoens.

Observa o M.^e da Lingua Franceza, q. tem tido progressos, e feito tres Exames, posto q. em fallar este idioma, não persuada, por se ter facilitado pouco na practica, pelo receio q. tem de errar: Na versão Portugueza vai com vantagem de progresso, ajudado d'applicação, e talntos, q. possui pela propried.^e do seu genio p.^a os estudos: com mais algum tempo ficará com a intelligencia necessr.^a da Lingua Franceza. Conformo-me com os Lentes, e affirmo que este Ex.^{mo} Snr. dá esperanças de m.^{to} aproveitamento pela sua habilidade.

Alumnos d'Aula d'Arithmetica

Cadete Jozé Manoel de Moraes. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 12 a.^s Entrou para a Aula em 16 de 7br.^o dt 1797. Diz o Lente d'Arithmetica que tem applicação, e intelligencia. O do Desenho: não tem feito algua applicação ao Desenho, por estar na escrita aperfeiçoando a letra. Diz o M.^e de Francez: tem tido adiantam.^{to} na traducção; principia a estudar Grammatica p.^a fallar: tem propenção p.^a se adiantar. Diz o M.^e da escrita: está adiantado, escreve m.^{to} certo, e poderá ficar melhor. Eu estou conforme com a expozição dos Lentes.

Cadete Francisvo Alves Pereira. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 17 a.^s Entrou p.^a a Aula em 11 de 8br.^o de

1797. Diz o Lente d'Arithmetica: hé sem applicação, nem esperanças della. Diz o do Desenho: tem mostrado querer alienar-se desta Arte, pela diminuta applicação que faz, e carece de continuas correções, p.^a q. continue. Diz o M.^e de Francez; não tem tido adiantamento algum, porque não tem alguma applicação, nem dá esperança de a ter, pois não passa de ler, e m.^{to} mal o Francez. Diz o M.^e de escripta: está pouco adiantado, por sua omissão, sem embargo de ter talentos naturaes. Pelo que respeita a mim, tenho-o sempre achado com negação para semelhantes applicações.

Cadete Francisco Ornellas Barreto. Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 22 a.^s Entrou p.^a a Aula em 21 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: tem pouca intelligencia, e applicação. Diz o do Desenho: tem tido pouca applicação; porém se quizer esforçar-se em adquirir paciencia, não lhe faltará genio e habilidade. Diz o M.^e de Francez: acha-se nas mesmas circumstancias q. o precedente, e tem demais a inhabilidade da pronuncia. Conformo-me com os Lentes.

Cadete Manoel Pimenta de S. Paio. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 22 a.^s Entrou p.^a a Aula em 4 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: tem applicação e intelligencia. Diz o do Desenho: tem diminuto genio p.^a se fazer admirar; porém faz continua applicação às lições, que se lhe entrega, e dá esperanças. Diz a M.^e de Francez: não tem tido proveito algum desta Aula, de sorte q. nem sabe ainda ler o Francez: não dá esperanças de melhoramento. Nada tenho q. dizer sobre o expellido.

Cadete Albino Marianno dos Santos. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 9 a.^s Entrou para a Aula em 5 de Dez.^{bro} de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: hé m.^{to} applicado e intelligente. Diz o do Desenho: tem tido pouca applicação a esta Arte, por estar na escrita, p.^a aperfeiçoar a letra; porém dá esperanças para o futuro. Diz o M.^e de Francez: tem tido progresso louvavel, e felizes disposições para se adiantar se conservar a sisudez, e applicação que tem: está em principios de traducção. Diz o M.^e da Escri-ta: tem bom principio, e poderá aproveitar-se se continuar da mesma forma em que vai. Conformo-me com o mesmo.

P. Bandr.^a Jozé Joaquim da Rosa. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 17 a.^s Entrou para a Aula em 17 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: tem applicação, e intelligencia. Diz o do Desenho: tem diminuta applicação, escaços talentos, e carece de continuas correções p.^a haver de se adiantar. Diz o M.^e de Francez: não tem tido adiantamento algum, pois apenas lê mal o Francez: não tem tido adiantamento algum, pois apenas lê mal o Fran-

cez: não persuade genio que dê esperanças. Diz o M.^e de escrita: não dá alguma esperança de se adiantar, nem o está prezentem.^{to} Eu nada tenho que dizer á vista do referido.

Cabo de Esquadra Joaquim Gomes Pereira. Primeiro Regimento de Infateria do Rio de Janeiro. 13 a.^s Entrou para a Aula em 11 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: nenhuma applicação tem. Diz o do Desenho: não tem feito alguma applicação, por estar na escrita. Diz o do Francez: não tem tirado proveito algum, pois que nem os dithongos tem comprehendido: porém tendo applicação virá adquirilo. Diz o M.^e de escrita: está muito pouco adiantado por omisão sua, e poderá adiantar-se se se corrigir. Eu refiro-me ao expellido.

Soldado Jozé da Cunha. Primeiro Regimento de Infanteria do Rio de Janeiro. 15 a.^s Entrou para a Aula em 6 de Dez.^{bro} de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: principia. Diz o do Desenho: não tem alguma applicação por moderno. Diz o do Francez: principia a estudar. Diz o da escrita: não tem havido tempo de se julgar da sua applicação. Eu digo o mesmo.

Alferes João Nunes Cordeiro. Segundo Regimento de Infanteria do Rio de Janeiro. 26 a.^s Entrou para a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795. Diz o Lente d'Arithmetica: hé sem applicação pelas suas molestias. Diz o do Desenho: tem tido mui pouca applicação, por cauza de molestias que alega; se bem que não lhe falta habilidade. Diz o M.^e de Francez: não tem tido outro aproveitamento mais do q. o ler, e mal: não tem tido applicação alguma, nem persuade genio de se instruir. Por mim, acho-o com inhabilidade, seja qual fôr a cauza.

Cadete Jozé Telles Moniz. Segundo Regimento de Infanteria do Rio de Janeiro. 17 a.^s Entrou p.^a a Aula em 16 de 7br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: tem pouca applicação, e a muito tempo doente. Diz o do Desenho: tem tido grande omissão; porém não lhe faltão talentos naturaes, querendo applicar-se sériam.^{te} Diz o do Francez: tem hum anno de auzencia d'Aula, e o pouco tempo que a cultivou, me dá poucas idéias da informação, que lhe compete. Diz o M.^e da escrita: pouco adiantam.^{to} tem tido, pelas grandes faltas que tem feito, e pouco mais poderá adiantar-se. Digo eu que o pouco tempo, que esteve na Aula, e o m.^{to} a q. está doente, não deixa fazer idéa delle.

Alferes Luiz Gomes da Cruz. Terceiro Regimento de Infanteria do Rio de Janeiro. 29 a.^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795. Diz o Lente de Arithmetica: pouco adiantado pelas suas molestias. Diz o do Desenho: não tem tido alguma applicação, p.^r cauza

de repetidas molestias. Diz o M.^e do Francez: Não se tem querido dar ao estudo desta Lingua. Devo dizer q. este Offi^{al} pelas suas graves molestias, no decurso de 3 an.^s poucos mezes tem hido a Aula; e p.^r isso não se pode fazer juizo da sua habilidade.

Cadete Ignacio Nascentes Pinto. Esquadrão da Cavallaria. 14 a.^s
Entrou p.^a a Aula em 16 de 7br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: hé muito applicado e inteligente. Diz o do Desenho: tem genio e talentos naturaes p.^a esta Profissão; porém a diminuta applicação, que tem feito, obsta os seus progressos. Diz o M.^e de Francez: acha-se em principio de tradução, promete progressos se continuar com mais applicação, pois q. tem seriedade e genio à propozito. Diz o M.^e da escrita: está pouco adiantado na escrita por omissão sua, mas dá esperanças. Eu refiro-me ao dizer dos Lentes.

Cadete Pedro Dias Paes Leme. Esquadrão de Cavallaria. 22 a.^s
Entrou p.^a a Aula em 11 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: tem alguma intelligencia e applicação. Diz o do Desenho: nota-se-lhe alguma omissão, acompanhada de escaços talentos, com tudo, insistindo em applicar-se poderá hir á vante. Diz o M.^e de Francez: Não tem tido applicação, nem a persuade, pois apenas lê, e mal o Francez. Por mim digo que o pouco q. se entereça nestes estudos não dá esperanças.

Cadete Simão Jozé de Souza Paes. Esquadrão da Cavallaria. 20 a.^s
Entrou para a Aula em 11 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: pouco adiantado por falta de principios. Diz o do Desenho: não mostra alguns talentos, nem applicação, e já mais poderá ser perfeito, tendo hua mão pezadissima p.^a desenho. Diz o M.^e de Francez: este Alumno decizivam.^{te} persuade o não ter talentos adequados para estudos, de sorte que a sua ineptidão hé invencível até para comprehender os dithongos da Lingua. Por mim digo q. a ineptidão apontada pelos Lentes, com o pouco q. elle se entereça nestes estudos, não dá esperanças.

Cadete Jozé Joaquim Pereira. Esquadrão de Cavallaria. 15 a.^s
Entrou p.^a a Aula em 12 de Julho de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: pouco adiantado por falta de principios. O do Desenho não falla nelle, por se não ter ainda applicado a esta Arte. Diz o M.^e da Lingua Franceza: acha-se ainda na leitura o q. prova que se não applica como deve, porém como há pouco tempo que frequenta a Aula, não dá ainda idéas decizivas. Diz o M.^e da escrita: tem muito boa letra, hé muito prompto nas suas obrigaçoens, dá boas esperanças de se adiantar. Digo eu que a sisudéz deste Alumno me dá esperanças de que hade vencer alguma inhabilidade, notada pelos Lentes.

Cadete Francisco de Frias e Vasconcelos. Esquadrão de Cavallaria. 13 a.^s Entrou para a Aula em 21 de Maio de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: tem muita agilidade, e alguns principios. O do Desenho não falla nelle, por se não ter ainda applicado a esta Arte. Diz o Mestre da Lingua Franceza: acha-se na leitura, tem viveza, mas nenhuma applicação. Diz o Mestre da escrita: tem boa letra, muita omissão, e dá mostra de tẽr talentos. Eu refiro-me ao dizer dos Lentes.

Tenente Francisco Xavier Pereira de Castro. Cavallaria de Minas. 33 a.^s Entrou p.^a a Aula em 28 de Agosto de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: muita applicação e adiantamento. Diz o do Desenho: tem muita habilidade, e faz com summo disvello hua forte applicação ao Desenho. Diz o M.^e de Francez: tinha alguns limitados conhecimentos de leitura e tradução; porẽm tem-se adiantado nestes dois artigos, e se vai habilitando no fallar e na versão Portugueza, por se applicar com fervor. Eu conformo-me com o dizer dos Lentes: affirmando que este Alumno tem muito merecimento.

Capitão João Jozé de Souza. Milicianos, e Fortalezas. 24 a.^s Entrou p.^a a Aula em 5 de Fevereiro de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: hé applicado, e intelligente. Diz o do Desenho: tem applicação, boa mão, e talentos naturaes, e dá de si boas esperanças, se continuar com igual esforço p.^a o futuro. Diz o M.^e de Francez: tem-se applicado com o progresso: acha-se traduzindo, e dá esperanças de adiantamento. Eu conformo-me com o referido.

Capitão João Jozé da Motta. Milicianos, e Fortalezas. 11 a.^s Entrou p.^a a Aula em 10 de 9br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: muito falta de principios. O do Desenho não falla nelle, por se não ter ainda applicado a esta Arte. Diz o M.^e de Francez: não tem tido ainda applicação alguma, por não ter discernimento pela incapacidade da sua idade. Diz o M.^e da escrita: está pouco adiantado por sua omissão; mas dá esperanças de se adiantar. Eu refiro-me ao dito pelos Lentes.

Tenente Jozé Mauricio de Abreu. Milicianos, e Fortalezas. 24 a.^s Entrou para a Aula em 9 de 8br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: alguma intelligencia e applicação. Diz o do Desenho: nem talentos nem applicação, proprias para esta Profissão, se descobrem neste sujeito; talvez será por falta de vontade. Diz o Mestre da Lingua Franceza: persuade grande negação, para este estudo, em que não tem tido nenhum aproveitamento, nem dá esperanças. Eu conformo-me com os Lentes.

Tenente Pedro Nolasco. Ordenança. 19 a.^s Entrou p.^a a Aula em 10 de 9br.^o de 1797. Diz o Lente d'Arithmetica: alguma intelligen-

cia e applicação. Diz o de Desenho: tem tido alguma omissão na frequência deste estudo, porém mostra ter bastante genio e talentos naturaes. Diz o Mestre de Francez: acha-se na leitura, e não dá esperanças de adiantamento. Eu conformo-me com os Lentes.

Custodio José Barreto. Particulares. 16 a.^s Entrou p.^a a Aula em 27 de Abril de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: muito falto de principios. Diz o do Desenho nada a respeito delle, por se não ter ainda applicado a esta Arte. Diz o M.^e de Francez: acha-se na leitura, e não dá esperanças de adiantamento. Diz o M.^e da escrita: tem bons principios, e já escreve m.^{to} bem, mas tem m.^{ta} omissão, e carece corrigir-se. Eu estou conforme com os Lentes.

Jacinto Rangel e Albuquerque. Particulares. 12 a.^s Entrou para a Aula em 27 de Abril de 1798. Diz o Lente d'Arithmetica: muito falto de principios. O do Desenho não falla nelle; por se não ter ainda applicado a esta Arte. Diz o M.^e de Francez: acha-se na leitura, e não dá esperanças de adiantamento. Diz o M.^e de Francez: acha-se na leitura, e não dá esperanças de adiantamento. Diz o M.^e da escrita: não hé dos mais applicados, pela sua m.^{ta} omissão, mas tem talentos naturaes, e poderá emendar-se. Eu refiro-me aos Mestres.

Alumnos d'Aula de Geometria

Capitão Luiz Carlos da Costa. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 29 a.^s Entrou p.^a a Aula em 1.^o de Dez.^{bro} de 1795, dia em q. fez exame de Arithmetica, e passou p.^a a Geometria, estudo que, diz o Lente desta Faculdade: já o completou, e se acha recordando para seguir a Fortificação; sabe bem os atrasados, e nos exames q. tem feito, tem mostrado a sua intelligencia. Diz o Lente do Desenho: tem genio, applicação, e paciencia, com boa mão, e dá grandes esperanças. Diz o M.^e de Francez: tem seus principios de tradução, e não lhe faltão talentos, quando os q.^a desenvolver com hua applicação mais séria. Eu digo que tem muita habilidade, sugeita-se a todas as instruçoens, e dá muitas esperanças.

Alferes João Manoel da Fonseca e Silva. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 29 .^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795; passou p.^a a Geometria, por exame que fez, em 28 de Junho de 1796. Diz o Lente de Geometria: tem tido pouca applicação, não só por falta de estudo, como por ter estado molesto alguns mezes; não hé falto de habilidade, e conhecimentos, e pode ser bom, se fôr obrigado a estudar. Diz o do Desenho: tem muito genio, e boa mão, e ainda que tem tido alguma omissão, está em estado de fazer

por si grandes progressos se continuar. Diz o M.^o de Francez: a falta de applicação, e as suas molestias tem retido os seus progressos, pois nada mais tem vencido, que o ler e o traduzir mal: tem o talento necessário, com q. pode prosperar, se tiver hua séria applicação. Eu sou do mesmo parecer dos Lentes.

Alferes Francisco de Lima da Silva. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 16 a.^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795. Passou para a Geometria, por exame de Aritmetica feito em 10 de Fevereiro de 1798. Diz o Lente de Geometria: hé bastante falta de percepção, e por esse motivo se acha ainda no principio da Geometria, poderá vir a ser bom, quando tenha mais idade, e socego para pensar melhor no que se lhe ensina. Diz o Lente do Desenho: tem tido alguma omissão por se occupar na escrita em aperfeiçoar a letra; porém não parece ser destituído de habilidade. Diz o M.^o do Francez: dá sempre as suas liçoens de tradução bem sabidas: tem viveza, e propriedade para os estudos; porém muita negligencia em estudar a gramatica. Diz o M.^o da escrita: principiou a aperfeiçoar-se a escrever em o principio do ano de 1797; está alguma coisa adiantado, e poderá ficar escrevendo bem, se se corrigir da sua pouca applicação. Eu digo que este Official me dá muito boas esperanças; pois a alguns mezes tenho experimentado nelle hua consideravel mudança em tudo para melhor.

Cadete João Caetano de Araujo. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 14 a.^s Entrou para a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795: Passou p.^a a Geometria, por exame de Arithmetica feito em 19 de Janeiro de 1797. Diz o Lente de Geometria: tem mostrado habilidade e percepção: tem completado o estudo de Geometria, e achase prezentemente recordando os atrasados para passar para a Fortificação. Diz o Lente do Desenho: tem tido alguma omissão, por ter estado algum tempo fora d'Aula; porém em razão da sua pouca idade, parece dará esperanças. Diz o M.^o de Francez: tem tido pouco adiantamento; traduz mediocrementemente; tão somente promette algumas esperanças, quando a razão o persuadir da utilidade dos seus progressos. Eu refiro-me ao dizer dos Lentes.

P. Bandeira Francisco Carlos Morães. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 14 a.^s Entrou para a Aula em 26 de Janeiro de 1796. Passou para a Geometria, por exame de Aritmetica feito a 17 de Janeiro de 1797. Diz o Lente de Geometria: tem completado o estudo de Geometria com muita boa intelligencia; acha-se recordando o atrasado, para seguir a Fortificação; hé prompto nas suas liçoens, e os seus exames tem sido excellentes. Diz o Lente do Desenho: tem genio e applicação com grande vantagem, mostrando

muita percepção em todas as differentes liçoens de configuração. Diz o Mestre de Francez: os seus progressos forão bem notaveis no principio da sua applicação à esta lingua: com tudo traduz soffrivelmente, e vai-se aperfeiçoando no fallar, e nas versoens Portuguezas, e hé dotado de boa penetração. Eu digo que este sugeito hé dotado de muita penetração e habilidade, e que à vista da sua idade, dá mui grandes esperanças de continuar.

P. Bandeira Luiz Manoel Feliciano Kely. Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 17 a.^a Entrou para a Aula em 10 de Dez.^{bro} de 1795. Passou para a Geometria, por exame de Arithmetica feito a 10 de Fevereiro de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem tido muito pouca applicação, pela omissão que tem tido; ainda não deo hua lição que me satisfizesse; poderá ser melhor se fôr obrigado a estudar. Diz o Lente do Desenho: tem tido pouca applicação, e tem diminuto genio, porém com o tempo não deixará de fazer progressos. Diz o M.^e de Francez: não tem absolutamente aproveitado, e a falta de sua applicação, não dá a conhecer se a opposição do seu adiantamento provém do genio. Diz o Mestre de escrever: principiou a aperfeiçoar-se na escrita em o principio do anno de 1797: está pouco adiantado, não por falta de talentos, mas por pouco caprixo. Por mim o julgo com muita inhabilidade, e q. não faz esforço algum para vencer este defeito, e por esta cauza não dá esperanças.

Tenente Luiz de Seixas Souto Maior. Segundo Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 21 a.^a Entrou para a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795: examinou-se de Arithmetica em 28 de Junho de 1796, e seguindo o estudo de Geometria, diz o Lente da mesma: nelle tem dado provas do seu adiantamento, não só nos seus exames, como em estar recordando o atrazado para passar p.^a a Fortificação; tem intelligencia, e hé effectivo nas suas liçoens. Diz o Lente do Desenho: tem tido algua applicação debaixo de escaços talentos; com tudo poderá adiantar-se se insistir. Diz o M.^e de Francez: tinha unicamente alguns maos principios de leitura, quando entrou n'Aula: achase traduzindo soffrivelmente: tem muito pouco adiantamento na versão Portugueza, e no fallar; porque além de ter pouca applicação, não persuade muito genio para adquirir o que lhe falta deste idioma. Eu vou com os Lentes affirmão porém que tem habilidade, se quizer usar della.

Alferes Ignacio Jozé Gomes. Segundo Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 31 a.^a Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795. Examinou-se de Arithmetica p.^a seguir a Geometria em 28 de Junho de 1796, e diz o Lente de Geografia: tendo tido hum excellente principio de adiantamento, tem a huns tempos tido algua omis-

são, e p.^r esse motivo não está muito adiantado, pois não hé falta de percepção, nem de habilidade. Diz o Lente de Desenho: tem adquirido sufficientes talentos, pela séria applicação, q. tem feito; pelo q. promette largas esperanças. Diz o M.^e de Francez: nesta Academia mostrou os maiores progressos p.^r espaço de huns annos; e degenôu (sic) deste ardor, ficando traduzindo soffrivelm.^{te}, e sem adiantam.^{to} no fallar, por se achar atrazado m.^{to} na Grammatica da Lingua. Eu digo q. este Official não hé dos mais felices em comprehender; porêm tem-se cansado, e o faz prezentemente; posto q. não seja com o ardor do primeiro anno, em q. não tinha pensão algua do serviço, como agora: sempre a meu ver tem merecimento, e dá esperanças.

Cadete Francisco Manuel Dormundo. Segundo Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 17 a.^s Entrou p.^a a Aula em 12 de Dez.^{bro} de 1795, dia em q. por exame de Arithmetica passou para a Geometria. Diz o Lente desta: tem completado os seus estudos, e se acha prompto p.^a seguir o da Fortificação: tem intelligencia e habilidade, como o tem mostrado nos seus exames, e tem m.^{to} merecimento. Diz o do Desenho: tem genio, boa mão, m.^{ta} applicação, e grande paciencia para se occupar nos papeis mais miudos. Diz o M.^e do Francez: sem mais conhecimentos dos que tem adquirido na Academia; achase traduzindo soffrivelmente, e estaria mais aproveitado se tivesse tido do mais applicação porque tem viveza sufficiente. Eu vou com os Lentes, e sou de parecer q. tem merecimento, e dá esperanças.

Tenente Antonio da Costa Barros. Terceiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 23 a.^s Entrou para a Aula em o 1.^o de Dezembro de 1795. Examinou-se da Arithmetica para seguir a Geometria em 28 de Junho de 1796, e neste estudo, diz o Lente desta: podia estar mais adiantado se não estivesse molesto alguns mezes; tem habilidade para os estudos, e huma boa percepção, e sempre sahio approvado nos seus exames. Diz o do Desenho: hé dotado de muito genio, tem tido hua sizuda applicação, acompanhada de boa mão, e muito aceio de obra. Diz o M.^e de Francez: tinha alguns principios de ler, e traduzir o Francez: tem-se adiantado na tradução; e posto q. tenha capacidade p.^a comprehender este estudo, com tudo está atrazado na Gramatica. Refiro-me eu aos Lentes.

Alferes Francisco de Sales Gameiro. Terceiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 14 a.^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795. Passou p.^a a Geometria por exame de Arithmetica feito a 10 de Fevr.^o de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem bast.^e viveza p.^a o estudo, e não hé dos mais atrazados a proporção do tempo; dá esperanças de ser bom p.^{la} sua applicação e percepção. Diz o do De-

senho: não se tem applicado ao Desenho, p.^r estar na escrita p.^a aperfeiçoar em escrever melhor. Diz o M.^e de Francez: lê bem o Francez, e tem bons principios de tradução: nestes artigos, e nos mais q. se vai applicando estaria mais aproveitado se a sua viviza se unisse à aquelle discernimento, q. ainda a sua idade lhe não permite. Diz o M.^e da escrita: principiou a aperfeiçoar-se a escrever em o principio do anno de 1797, tem pouco adiantam.^{to} por omissão sua, e tem talentos naturaes. Eu digo q. dá esperanças p.^a o futuro q.^{do} se applicar com mais sucego.

Cadete Antonio Pereira Pinto. Terceiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 17 a.^s Entrou p.^a a Aula em 8 de Janr.^o de 1797: Passou p.^a a Geometria p.^r exame q. fez de Arithmetica a 10 de Fevr.^o de 1798. Diz o Lente de Geometria: acha-se no principio do 4.^o L.^o de Bellidor; não está mais adiantado, p.^r ter estado doente; tem percepção, e não tem descuidos nas suas liçoens. Diz o do Desenho: Tem bast.^e habilit.^e, genio, certeza de mão, e sufficiente applicação; e hé dos q. promettem grandes progressos. Diz o M.^e de Francez: acha-se traduzindo soffrivelmente, e a sua omissão tem obstado maior progresso, tendo bastante viveza p.^a se instruir neste idioma. Eu refiro-me aos Lentos.

Cadete Francisco de Paula Manso. Terceiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 17 a.^s Entrou p.^a a Aula em 13 de Dez.^{bro} de 1796: Passou p.^a a Geometria por exame q. fez de Arithmetica a 10 de Fevr.^o de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem tido seu adiantamento, hé efectivo nas suas liçoens, e da provas de ser bom, por ser cuidadoso nos seus estudos. Diz o do Desenho: tem tido pouca applicação, ainda q. não deixa de ter propenção, e genio p.^a ser bom Desenhador. Diz o M.^e de Francez: começa a traduzir, e posto q. tenha tido pouco adiantam.^{to}, a sua idade permite esperanças se se applicar com mais seriedade. Diz o da escrita: está pouco applicado, e dá poucas esperanças de ficar melhor.. Eu refiro-me ao dizer dos Lentos.

Cadete Luiz Vieira de Andrade. Terceiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 15 a.^s Entrou p.^a a Aula em o 1.^o de Dez.^{bro} de 1795: Passou p.^a a Geometria p.^r exame de Arithmetica feito a 17 de Janr.^o de 1797. Diz o Lente de Geometria: tem tido pouca applicação, por ter estado a tempos molesto, não deixava de ser habil, e de ter m.^{ta} intelligencia. Diz o do Desenho: tem tido demaziada omissão p.^r cauza de molestia, e ainda p.^r tibieza de genio, assaz vencível. Diz o M.^e de Francez: tem adquirido m.^{to} pouco adiantamento pelas m.^{tas} faltas que tem tido: acha-se em principios de tradução; não deixa de ter talentos, p.^a se instruir. Diz o M.^e da escrita: principiou

a aperfeiçoar-se nella em o principio do anno de 1797, está adiantado, e tem hua boa letra, e dá esperanças de ser ainda melhor. Eu refiro-me ao dizer dos Lentes.

Soldado Carlos Jozé Pereira. Terceiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro. 20 a.^s Entrou p.^a a Aula em 4 de Julho de 1797: passou para a Geometria por exame q. fez de Arithmetica a 10 de Fevr.^o de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem muita applicação, m.^{ta} intelligencia (sic), e não só se tem adiantado, como tambem tem sido sempre effectivo nas liçoens, i tem merecimento. Diz o do Desenho: tem tido alguma applicação, se bem q. diminuta, nelle se descobrem talentos naturaes aptos p.^a esta Arte. Diz o M.^e de Francez: acha-se em principio de tradução: não tem tido adiantam.^{to} competente ao tempo q. tem d'Aula; mas não lhe falta capacidade p.^a se aproveitar quando tiver mais séria applicação. Diz o M.^e da escrita: está escrevendo muito bem, e hé cuidadoso. Eu digo que tem capacidade, e dá esperanças.

Capitão João Carlos Corrêa Lemos. Official de Fortaleza. 19 a.^s a Aula em 6 de Fevr.^o de 1797. Passou para a Geometria por exame que fez de Arithmetica em 10 de Fevr.^o de 1798. Diz o Lente de Geometria: acha-se no principio do 4.^o Livro de Bellidor; nas suas liçoens não mostra maiores conhecimentos, e tem pouca percepção. Diz o do Desenho: tem adquirido avultados talentos, pela séria applicação q. faz, não abuzando do tempo, em que nesta Arte se occupa. Diz o M.^e de Francez: apesar de serem morosos os seus progressos, acha-se traduzindo: falta-lhe mais applicação. Eu digo que posto não tenha feliz cõpreensão, o seu cuidado, e continuação dão muitas esperanças.

Narcizo Xavier de Barros. Particular. 19 a.^s Entrou p.^a a Aula em 8 de 9.^{bro} de 1797: Passou para a Geometria por exame q. fez de Arithmetica a 20 de Agosto de 1798. Diz o Lente de Geometria: Acha-se no 3.^o livro de Bellidor, tem percepção e habilidade, e tem outros principios de estudos, que dão motivo para se esperar d'elle progresso. Diz o do Desenho: tem tido alguma applicação, e vai adquirindo com o uzo sufficientes talentos. Diz o M.^e de Francez: não tem tido applicação alguma, de sorte que nem o ler sabe; e não persuade genio para este estudo. Eu refiro-me ao dizer dos Lentes.

Jozé Joaquim de Govea. Particular. Entrou p.^a a Aula em 16 de 7.^{bro} de 1797: Passou p.^a a Geometria p.^r exame d'Arithmetica q. fez a 10 de Fevr.^o de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem tido m.^{to} adiantamento no pouco tempo q. tem deste estudo; tem hum claro conhecimento nas suas demonstraçoens: hé bastantem.^{te} habil, e instrui-

do; e dá m.^{tas} provas de fazer grandes progressos. Diz o Lente de Desenho: tem mostrado pouca habilidade p.^a esta Profissão, e defeito de applicação séria, ou uzo constante. Diz o M.^e de Francez: tendo bastante intelligencia da lingua; tem-se aperfeiçoado pela frequencia e exercicio que tem tido. Eu digo que este sujeito tem muita habilidade, e outros estudos, que dão boas esperanças p.^a estes.

Justino Xavier Teixeira. Particular. 14 a.^s Entrou para a Aula em 16 de 7.^{bro} de 1797: Passou p., a Geometria por exame q. fez em Arithmetica a 20 de Agosto de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem grande applicação; as suas liçoens são m.^{to} bem demonstradas, e tem hua grande habilidade para o estudo. Diz o do Desenho: mostra sufficientes talentos, e continua applicação para o desenho e se continuar, virá a ser bom desenhador. Diz o M.^e de Francez: principia a traduzir: não tem tido aquella applicação competente, tendo bastante viveza; porém dá esperanças de adiantamento. Diz o M.^e da escrita: tem já hua boa letra, mas por omissão não hé melhor, e tem talentos naturaes. Eu digo que tem muita viveza e habilidade, e que dá boas esperanças.

Antonio Manoel de Moraes. Particular. 18 a.^s Entrou para a Aula em 16 de 7.^{bro} de 1797. Passou para a Geometria por exame que fez de Arithmetica a 20 de Agosto de 1798. Diz o Lente de Geometria: acha-se no principio do 4.^o livro de Bellidor, não hé falta de habilidade, e conhecimentos, para fazer progressos, e se não tiver omissão, hade ser bom. Diz o do Desenho: tem boa mão, genio, e applicação ao desenho, e dá de si boas esperanças. Diz o Mestre de Francez: tendo bastante intelligencia da Lingua; tem-se aperfeiçoado pela frequencia e exercicio que tem tido. Eu digo que este sujeito tem muita habilidade, e outros estudos, que dão boas esperanças para estes.

Custodio Xavier de Barros. Particular. 17 a.^s Entrou para a Aula em 8 de 9.^{bro} de 1797: Passou para a Geometria por exame que fez de Arithmetica a 20 de Agosto de 1798. Diz o Lente de Geometria: tem hua boa percepção, hé bastantemente habil, e tem principios sufficientes de estudo, para se esperar delle progressos. Diz o do Desenho: não tem toda a applicação necessaria, mas não lhe falta habilidade. Diz o M.^e de Francez: não tem tido applicação alguma, de sorte que nem o ler sabe; e não persuade genio para este estudo. Eu refiro-me ao dizer dos Lentes.

Alumno de Fortificação

Alferes Antonio Carlos Corrêa Lemos. Segundo Regimento de Infanteria do Rio de Janeiro. 22 a.^s Entrou para a Aula em o 1.^o de

Dez.^{bro} de 1795: foi logo examinado de Arithmetica, e approvado passou para a Geometria. Sendo tambem approvado no exame que fez de Geometria em 23 de Maio de 1797, passou para a Fortificação. Digo eu, como Lente desta, que se acha em princípio, e pouco adiantamento tem, tanto por ter tido omissoens, como por ter estado doente a maior parte deste tempo: com tudo tem habilidade, e se se applicar sériamente, como deve, pode-se esperar d'elle aproveitamento. Diz o Lente de Desenho: tem muito genio e habilidade, e ainda que tenha tido alguma omissão, dá esperanças de grandes vantagens. Diz o M.^e de Francez: entrou nesta Academia sem conhecimento algum do idioma: tem-se adiantado na tradução, principia a verter o Portuguez, e a fallar com muito pouco adiantamento pela falta de applicação devida.

Rio de Janeiro 31 de Dezembro de 1798.

Antonio Lopes de Barros

Cap.^m Lente de Fort.^{am}, e encarregado da direcção d'Academia.

Aspectos econômicos da velha Porto Alegre

Olinto Sanmartin

A cidade de hoje, com seu complexo econômico e social perfeitamente evolvido, induz a evocações sentimentais, buscando seu passado distante, suas iniciais incipientes, elementos claudicantes de há duzentos anos com que iria se formar um organismo composto e capaz a um desenvolvimento racional e constante. O que então se operava no seio grupal dos primeiros trabalhadores e povoadores, era, apenas, o interesse de pequenas migalhas para o nutrimento indispensável às exigências biológicas. E quando o agrupamento humano cresceu e tomou formas de organização, logo se estabeleceu o fato econômico, as determinantes de um governo com suas leis e diretrizes e o instante operacional foi tomando o colorido jurídico indispensável.

Se quiséssemos ser perfeitamente exigentes no registro dos atos e fatos econômicos da época primitiva, poderíamos assinalá-los antes mesmo da sua designação como ponto a ser povoado. Apenas rigor de designar o primeiro movimento de sabor econômico atribuído ao povoador Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos com o primeiro gesto de ocupação e, posteriormente, efetivação de posse da sesmaria verificada a 5 de Novembro de 1740. Depois dêsse ato e subsequente povoamento temos a colonização dos ilhéus processada 12 anos mais tarde ao tráfego antigo dos lagunenses.

A escola clássica francesa, o fisiocratismo liberal triunfante encontrou ótimo ambiente em nossas regiões fertilíssimas, apesar dos impedimentos fiscais que a Corte Portuguesa estabelecia a certas expansões comerciais da riquíssima colônia.

Com a chegada dos açorianos que povoaram as margens do Guaíba na parte Sul onde hoje se distendem as ruas Gal. Pantaleão Teles e Demétrio Ribeiro, o núcleo tomava ritmo, a população se multiplicava, a riqueza das colheitas representava capital que logo se trasladava em sentido especulativo.

Trabalho sem grande técnica de artesanatos, já que o problema se processava como colonização. Nos antigos tempos de Porto Alegre adolescente e pura entre colinas suaves, campos e coxilhas sonolentas, não havia nenhuma necessidade da ação técnica.

Os colonizadores eram homens trabalhadores afeitos aos labores da terra e sua maior glória consistia na prodigalidade das fartas colheitas. O trigo foi a grande produção e toda a capitania sentiu a plethora do grão maravilhoso. Em 1778 a colheita foi opulenta atingindo a 220.299 alqueires. Em 1787 houve declínio, com 106.791 alqueires apenas, mas esse índice de-prêssa subiu havendo até sobra para exportação. Em 1805 vendia-se trigo e a quantidade exportada foi de 136.820 alqueires, em 1813 de 342.087. De 1803 a 1820 em nenhum ano faltou trigo para exportar e sua média anual era de 200.000 alqueires. Depois da independência veio a transição, perdendo a riqueza agrícola sua preponderância que passou ao fomento pastoril, desaparecendo por completo o trigo. Decorridos 20 anos voltou a ser ensaiada a cultura com novas sementes, mas sem grande sucesso, embora afastado o mal da *ferrugem*.

E' interessante saber-se que toda a zona ocupada em nossos dias pelas ruas da Independência, Duque de Caxias e Marechal Floriano foram zonas fertilíssimas onde o trigo formava alourado panorama de verdura. Viamão produziu muito trigo e assim as margens do Jacuí.

Em 1740, há 2 séculos, isto é, 3 anos após a ação destemerosa do Brigadeiro José da Silva Paes, segundo se lê no Boletim de Vereanças do Senado e Câmara de Curitiba, a Câmara do Rio Grande do Sul recebia do Paraná 70 alqueires de sementes de trigo. Era o início, a primeira etapa experimental da preciosa gramínea. Essa era a maior riqueza da época. Todos se dedicavam ao cultivo do *triticum* que brotava fértil, pois nada mais de grande importância econômica surgiu até os albores do século XIX.

A cana de açúcar foi explorada, a vinha cultivada, o bicho da seda mereceu igualmente o carinho de muitos esforçados trabalhadores, tanto que o governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral estimulou nobremente a indústria resultando disso apreciável cultura da amoreira — *morus alba* —. O desenvolvimento industrial da seda encontrou logo embaraços por medidas de política econômica da metrópole.

Ourtas tentativas de arrancar da terra o melhor quinhão foram feitas. Havia como que uma mística inconciente de amor ao solo generoso, ao mistério que se escondia nas entranhas da terra e que, súbito, aflorava à superfície os rebentos de esperança mediante as carícias da mão do lavrador. A fecundidade surgia na mais alta expressão de triunfo. As hortas abundavam e a fruticultura merecia também cuidado patriarcal. A laranja, o pêssego, o marmelo, o próprio limoeiro desfrutava fama e valia \$320 um pé.

A tecelagem foi habilmente ensaiada, a madeira constituía igualmente rendoso negócio ainda que pouco explorado; as olarias fabricavam tijolos e telhas com regularidade.

No morro de Sant'Ana, muito procurado pelos povoadores, a lavoura produzia bastante, como o milho, a mandioca, a abóbora, a banana.

O núcleo se organizava aos poucos em todos os setores. Em 1754 era nomeado o primeiro médico para Viamão dr. André Machado Soares e em 1790 o dr. Manoel Marques de Sampaio, sucedendo-se daí em diante outros médicos de conformidade com as necessidades da Vila.

A provisão de 1781 determinava o preço das consultas que era de \$160 réis no povoado e \$320 réis por légua, quando se tratasse de chamados para o interior, do que resultava a obrigação de uma segunda visita e no não cumprimento era estipulada a multa de 6\$000. O zelo pelo bem público formava um corolário de leis fixadas que eram observadas rigorosamente. Com a plantação intensificada de cereais, surgiram outras elementares culturas. Pequenas indústrias de calçados que eram vendidos a preços admiráveis. Em 1771 a Câmara de Viamão regulamentava a venda dessa manufatura. Calçado para criança até 10 anos custava \$640 réis o par. Botas com fivelas, botões com canhão forrado de marroquim eram vendidos a 7\$200. Chinelos de marroquim para homens, 1\$600 réis; sapatos para meninas até 10 anos 4\$800 réis, ditas de tapêto 4\$720 réis. A venda de terrenos nesse ano era de \$200 a \$440 réis o palmo, segundo a área, isso para terrenos centrais. O preço pouco justificava a falta de compradores.

As multas previstas em lei não faltavam e em edital da mesma Câmara encontramos que por falta de licenças de ofício, um carpinteiro fôra condenado a \$600 réis de multa, e um alfaiate a \$400 réis. Este último mais feliz, sem dúvida, com pitoresca diferença de \$200 réis, que, na época, representava um alto valor aquisitivo. O Comércio do trigo era regulado e nenhuma exportação podia ser feita sem a guia competente. Aos contraventores a lei estabelecia a multa de 6\$000 e 30 dias de prisão.

Na mesma época era proibida a venda do leite a \$040 réis, e sim a \$020 réis. Novo edital apareceu em 1768 obrigando a venda do pão com o peso de libra e meia — pouco menos de 700 gramas — a 2 vinténs e com o peso de 3/4 de libra, 1 vintém.

O imposto para matança de gado era de \$240 réis por cabeça. A primeira ata de vereança com a transferência de Viamão para Porto Alegre, foi lavrada a 6 de Setembro de 1773 e nela aparece o aluguel da casa onde funcionara a Câmara o qual era de 2\$500 por mês. Com casas tão baratas os casamentos não deveriam faltar, pois nenhum homem poderia vacilar em construir seu lar. A verdade histó-

rica no entanto, não confirma tal previsão e o próprio amor era tão barato que não valia nada.

Entre as cogitações dos problemas embrionários surgia o de caráter social e econômico que se estruturava com os enjeitados que proliferavam assustadoramente e que logicamente exigiam verbas especiais para sua manutenção. Isso afinal vinha de encontro aos interesses da colônia que era o povoamento do solo mas para a irregularidade com que isso se fazia não temos notícias de nenhuma multa capaz de refrescar o ardor amoroso dos povoadores.

O fato de um vereador se recusar a tomar posse do cargo por considerar exíguo o ordenado, ilustra bem o panorama econômico do tempo. De 12\$000 por ano passou a ganhar 20\$000 e o porteiro 12\$000 “para que ambos, com maior zelo, servissem suas ocupações”.

A 12 de Fevereiro de 1772 houve prestação de contas por parte do juiz ordinário; José Leite de Oliveira e oficiais da Câmara tomaram a prestação de contas do procurador Francisco Luiz Coelho, relativa ao exercício de 1771. A receita foi de 967\$020 e a despesa de 530\$238, sendo entregue o saldo de 436\$728 ao novo procurador André Machado Soares. Adorável essa cifra com que se desenvolvia e dava os primeiros passos a opulenta cidade de hoje.

No governo do atrabiliário José Marcilino de Figueiredo (Manoel Jorge Gomes de Sepúlveda) em 1780, foi mandado construir uma fonte pública confiada ao arquiteto Joaquim José Vieira pelo preço ajustado de 25\$600, do que resultou lamentáveis dissabores entre o governador e a Câmara visto cada órgão ordenar e impor estilo diferente. Tudo consequência do tempo, da fraca população que tolerava as mais exóticas ofensas dos poderes constituídos.

O desenvolvimento demográfico processou-se lentamente, durante longos decênios. A população da Capitania de São Pedro do Sul, em 1822 era de 106.000 almas. Os próprios índios aldeados que se elevavam ao número de 9.000 incorporados ao ritmo civilizador da Província decresceu enormemente com as incursões castelhanas na região missioneira. Ainda nesse tempo o número de escravos subia a 20.000, cifra que se avolumou progressivamente até alcançar em 1872, 88.000 almas. A população negra entre libertos e escravos era de 149.000. Com as correntes emigratórias alemã e italiana, sem falar da açoriana primitiva, veio dar novo clima ao panorama étnico e suas derivadas econômicas. Sob este aspecto poderíamos demonstrar o progresso etnográfico nesses dois últimos séculos.

Em 1742, dois anos depois de iniciada a colonização da hoje cidade de Porto Alegre, possuía já um núcleo de 400 habitantes, compreendida a zona suburbana. Quarenta anos depois, subia a 1.500; em 1807 6.000 habitantes; em 1846, 14.000; em 1889, ano da República, 48.000; no fim do século, 74.000; no ano do primeiro cente-

nário da Independência, 204.000 e, em 1940, 275.678 almas povoam Porto Alegre. (*) É fácil ver como foi lenta a progressão no primeiro século, pois que, em uma centúria de existência conseguiu reunir 14.000 almas, enquanto que no século seguinte passou de 14.000 para 275.678 habitantes, e, ainda maior foi o salto nestes últimos 20 anos, visto que em 1920 o número de habitantes era de 170 mil. Isso até faz pensar na teoria de Maltus com seu imenso engenho aritmético e geométrico. Não devemos esquecer que os fenômenos econômicos possuem irradiações muitas vezes imperceptíveis. A indústria e o comércio, atraem, fascinam, representam máquinas onde o trabalho se processa e vai formando trama de progresso e de riqueza. Daí a atração do trabalhador, do técnico, do artifice especializado. Logo que Porto Alegre se tornou um centro de alto poder econômico, o homem encontrou ocupação, fixidez e serenamente foi formando a teia da riqueza, do escambo, do intercâmbio especulativo.

A manifestação dos serviços rurais e agrícolas da província se impuseram. O intercâmbio deslumbrou-se em sementeiras fartas pelo braço do colono.

A 11 de Dezembro de 1810 era criada a Vila de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, a-pesar-do alvará de 23 de Agosto de 1809, onde lhe era dada já essa prerrogativa conquistada com seu progresso. Foram nomeadas as autoridades, reunidos a nobreza e povo, tabelião, escrivão, inquisidor, distribuidor, vereadores, procuradores, alcaide, almotacés, erguendo-se o pelourinho para 2 dias mais ser lavrado o auto de demarcação de limites jurisdicionais onde foram determinadas a Freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia e Freguesia do Senhor Bom Jesús do Triunfo, tôdas submetidas à jurisdição da Vila de Porto Alegre.

No auto de posse e juramento do escrivão da Câmara de 13 de Dezembro de 1810, há a despesa regulamentar formando um total de \$460 réis.

Os materiais de construção eram baratos e a mão de obra igualmente. A ponte da Azenha foi mandada construir em 1802 cuja conta foi arrolada na Câmara a 12 de Fevereiro de 1803 sendo seu valor de 1:027\$700 réis, custeada pelos moradores que por ela transitavam, legítimo pedágio dos nossos tempos.

A cal, procedente de Rio Pardo, custava \$320 por alqueire e o frete de 430 alqueires de Rio Pardo a Porto Alegre pagou 34\$400.

(*) — O aumento em 20 anos poderia ter sido maior si não fôsse, em 1926, a desanexação, formando novo Município, das zonas de Pedras Brancas (Guafba), Mariana Pimentel e Barra do Ribeiro, com um total de 21.306 hab. em 1940.

A cal vinha de diversas procedências e seu preço oscilava entre \$320 a \$400 réis o alqueire. A pedra custava \$400 réis por carro, a areia \$240, o tijolo 10\$000 o milheiro, o trabalho de uma junta de bois valia \$720 réis diário. Na construção da ponte da Azenha, os carretos para transporte de materiais eram pagos a razão de \$320 réis cada um e 3 negros que trabalhavam em atêrro, ganhavam cada um \$240 réis por dia. Tábuas de louro a 9\$000 a dúzia; baldes para esgotamento de águas, \$640 réis por peça; carpinteiros a \$800 réis por dia.

De 1809 a 1815 as adjudicações por execução judicial bem demonstram a fraqueza econômica da época. Casas de sobrado por ... 1:820\$000. Casa e um pedaço de campo por 1:080\$000; uma chácara por 74\$000; 2 terrenos em pagamento de dívida por 306\$760. E como estas uma série de valores sem valor. Depois os escravos que valiam segundo a idade e capacidade. Encontramos em inventários, diversos escravos arrematados desde 38\$900 — o mais barato da lista, — até 231\$000. A mercadoria negra era ótima aquisição que trafegava e diminuía a cotação com o tempo.

A escravatura tinha seus reflexos na praça comercial. Em 1810 o valor do escravo no continente americano, segundo refere Manoel Antonio de Magalhães, valia o dôbro de há 25 anos antes. Havia o hábito da venda a crédito que só era feita uma vez que igual valor fôsse comprado a vista. Assim o agricultor comprando 5 escravos a dinheiro, recebia mais 5 a prazo de um ano. Com o contrabando na fronteira o artigo foi rareando e seu preço subindo.

A venda a vista em tôdas as operações de especulação intermediativa, o comprador obtinha vantagens acentuadas. Uma vez trocada por outros produtos valia 1\$200 e a dinheiro \$900 réis. Anualmente a matança de gado na capitania, para suprir os açougues, era de 30 mil cabeças.

Em Porto Alegre, conforme contam as crônicas do tempo, a renda que davam os 1.200 fogos existentes com 6 mil almas era entre 6 e 7 mil cruzados. A freguesia do Rio Grande de São Pedro era a que maior rendimento dava com suas 9 mil almas.

No campo religioso, também da época, era curioso o que se observava nos limiares das paróquias. O serviço espiritual tinha muito a desejar e o maior cuidado era a colheita não de almas mas de dinheiro. Refere-se o caso de um sapateiro que não estando legalmente casado com sua mulher e estando ela se abeirando da morte quis confessar-se e casar-se. O casamento, no entanto, só foi permitido depois de ter pago a quantia de 51\$200. Para as chamadas *desobrigas* religiosas bastava pagar \$160 réis por pessoa, para gozar a êsse benefício.

Os abusos das sesmarias também eram grandes. O pouco critério com que era feita a distribuição de sesmarias formava latifun-

diários, pois em uma só família havia a tomada de diversas sesmarias, uma a cada membro da família, às vezes em nome de recém-nascidos. Ainda na época, sem contar com tráfego dos lagunenses, reflexos vivos da fase primitiva quando a Colônia do Sacramento convidava ao tráfego litorâneo, havia o comércio da cana de açúcar, do algodão, da aguardente, do arroz, da castanha, da oliveira, do anil, gesso, ocre, cal e outros produtos.

O movimento marítimo que descarregava no continente alcançava a uma média de 235 embarcações. Em 1807 a importação foi de ... 1:217\$000 e a exportação de 1:109\$000. Excelente equilíbrio o que há um século e meio se observava.

Porto Alegre era o espelho do que se operava no interior e com a capitania crescia também a vila rústica quietamente debruçada sobre a margem do Guaíba caudaloso. Trabalhava-se muito, tanto pedreiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, alfaiates, latoeiros, barbeiros, farmacêuticos, como também atividades de fisionomia industrial, chapeleiros, ourives, tintureiros, seringueiros e até mesmo músicos.

Os templos religiosos da cidade têm sua história e tiveram seus embates econômicos. A Igreja do Rosário foi concluída no ano de 1827 e seu custo foi de 11:697\$200, verdadeira pechincha, como diríamos nos nossos dias de alta sistemática de tudo que suporta um preço. A mão de obra dos pedreiros foi de 1:592\$100; a de carpinteiros 1:240\$970; pintor 42\$260; serventes 1:562\$400. Os materiais gozavam da mesma vantagem do pouco preço. O consumo de pedra alcançou 275\$960; tijolos 2:269\$400; cal 719\$360; madeiras 1:118\$900; ferragem em geral 487\$870 réis. Belo e convidativo para se viver em tão agradável mercado com rendas do nosso século.

Em plena Assembléia Nacional de 1835, pleiteavam os representantes do povo redução de taxas de exportação sendo 20% sobre couros vacuns na exportação nacional, 10% sobre o charque destinado ao estrangeiro.

Aos poucos tudo tomou seu ritmo evolutivo, notadamente, com os produtos do interior que Porto Alegre era crivo e escoadouro da riqueza que circulava. Em 1822, Francisco Xavier Ferreira, membro do Governo Provisório, em representação oficial, dizia: "O charque é um dos gêneros de maior exportação da Província; os estrangeiros vinham em grande número de embarcações buscá-lo para a sua compra e traziam dinheiro, sal, etc. Nunca a Província floresceu tanto como nos poucos anos que durou êsse comércio, o qual acabou logo pelo grande imposto de \$660 réis que se pôs em cada arroba de carne que se exportasse em navio estrangeiro..."

Em pauta da Alfândega e Consulado da cidade de Rio Grande e Vila de São José do Norte de 11 de Maio de 1840, o preço do charque era de 1\$500 por arroba; couro de terneiro, \$320; de novillo,

4\$000; de vaca, 3\$000; erva-mate, 2\$000 por arroba; lã, 4\$200 por arroba; farinha de mandioca, 2\$000 por alqueire; aguardente, 75\$000 por pipa; tábuas de cedro, 30\$000 por dúzia e mais uma série de produtos. No exercício do ano de 1857 - 58, a receita da Câmara de Porto Alegre era de 28:019\$970 e a despesa de 70:303\$065, muito diferente daquele exercício de 1771. O Governo da cidade trabalhava e o "déficit" de 42:283\$095 bem demonstrara a febril atividade. As rendas principais provinham de aluguéis de prédios municipais, taxas sobre passagens dos rios, multas e, por fim, impostos que alcançavam a 20:291\$670. A maior despesa das obras públicas teve sua origem com o paredão e atêrro no lado oeste da Alfândega que atingiu a 14:291\$680.

Em 1833 foi esboçado um movimento por parte de alguns capitalistas para a fundação de um teatro municipal e que viria a ser o nosso famoso S. Pedro. A Sociedade compunha-se de 12 capitalistas, contando cada uma com 10 ações de 100\$000, do que resultara um total de 12:000\$000. A proposta foi encaminhada e aceita pelo Presidente da Província que a 6 de Dezembro de 1847 baixou decreto criando uma verba suplementar de 16:000\$000 para conclusão das obras, mais tarde elevada para 53:000\$000. Em 1830 o preço de uma localidade para espetáculo em casa particular, por falta de teatro, custava \$640 réis, segundo anúncio da época.

Nesse tempo o sôlido mensal do exército, por decreto de 25 de Março de 1825, era o seguinte: Marechal do Exército 200\$000; Tte. Gen. de 140\$000 a 200\$000; Marechal de Campo 110\$000; Brigadeiro 80\$000; Coronel 70\$000; Tte. Cel. 60\$000; Major 50\$000; Capitão 30\$000; Tenente 25\$000; Alferes 22\$000. O soldado raso ganhava \$90 por dia e o anspeçada \$095 réis. O cabo subia a \$100 réis diários e o furriel \$120. O que mais ganhava do quadro das praças era o porta estandarte que percebia \$380 réis, enquanto que o 1.º sargento recebia apenas \$200 réis por dia. No quadro dos oficiais existiam ainda as gratificações mensais, as rações de etapa e mais as cavalgadas a razão de \$240 réis cada uma a que tinham direito os oficiais em serviço direto de comando.

Eram estes os vencimentos do exército imperial no ano de 1825.

Em 1862, para abrir uma estrada do Morro do Cristal à Cavalhada foi feito orçamento, inclusive a desapropriação do terreno, ao preço de \$040 réis por braça. A plantação de espinho à margem dos valos paralelos a estrada, custava \$200 réis a braça e as estivas de tarumã, cambará ou ipê, 200\$000 por estiva.

A 3 de Março de 1863 Estácio da Cunha Bitencourt e o francês Emílio Gemgembre requeriam à Câmara licença para estabelecerem uma linha de bondes da "Várzea, junto a grade da Praça Independência até a Praça do Menino Deus" e ainda obtiveram a concessão, por

8 anos, de um terreno situado na Várzea, com 80 palmos de frente e fundo para nele ser edificada a estação dos bondes, mas que não teve grande êxito. As chamadas *maxambombas* não corresponderam a expectativa pública. Só em 1872 é que foi constituída a Cia. Carris de Ferro Porto Alegreense com o capital de 600:000\$000. Decorridos 20 anos surgiu nova empresa de transportes coletivos. O preço de suas passagens, considerando as distâncias percorridas, não corresponderam ao clima econômico da época. Os preços variavam, segundo a distância, e eram de \$200 réis, \$220 e \$300 réis. A nova empresa cobrava \$200 e \$100 réis. O aluguel de 1 bonde para uma viagem custava 15\$000 e mais 5\$000 para espera de 1 hora no fim da viagem.

Não tanto como o bonde, a água oferecia suas vantagens e o seu valor era de \$266 réis o metro cúbico e o aluguel do hidrômetro \$600 réis. Por tal preço era fácil ter em casa seus banhos recomendados pela higiene.

A vida social nesse mesmo período não era cara. Em 1854 a Beneficência Portuguesa pagava à Santa Casa \$500 réis diários para cada enfermo tratado em quarto particular. A mensalidade de sócio era de \$500 réis e 10\$000 a jóia.

O ritmo econômico manteve-se por largos decênios e a oscilação que sofreu no decurso de um século e meio foi insignificante, acompanhou com fidelidade a lenta evolução da capitania e consequentemente da cidade. Antes de chegar a 1900, onde tudo indicava uma marcha célere para o progresso e o desenvolvimento definitivo, o ângulo econômico continuava apático, sem grandes revoluções de alto padrão de vida, ótimo com suas relatividades correlatas. Se \$120 réis eram suficientes para a aquisição de um café bem temperado com pão, com açúcar e manteiga, os ordenados eram também minguados. Dificilmente iam além de 100\$000 mensais, chegando o mínimo a .. 20\$000 e assim era a manutenção de uma família.

Para atender as necessidades fundamentais de nutrimento, o produto se tornava fácil diante do valor aquisitivo da moeda. Uma dúzia de ovos custava \$160 réis; batata \$060 réis; carne \$160 réis por quilo; arroz \$300 réis; açúcar \$240 réis; banha \$180 réis; uma galinha bem nutrida \$400 réis; sabão \$120 réis; querosene 3\$000 a lata; charque \$200 réis e para uma moradia pequena, sem grandes vaidades, sem *parquet* e sem mármore e portas de embuia, pagava-se 20\$000 mensais.

Os carros de praça cobravam 4\$000 para um passeio de uma hora. A iluminação pública era feita a gás e querosene nos pontos principais da cidade e era hábito dos habitantes dos subúrbios usarem suas lanternas de bico de vela. Belo quadro colonial, quase romântico e saudoso desses velhos tempos afastados. A iluminação a gás foi inaugurada a 4 de Novembro de 1874 e a rede se estendia para 500 combustores.

Os subúrbios que não gozavam dessa clara delícia do gás, até 1897 se serviram do lampião a querosene. A municipalidade entregava o serviço a particulares tanto que os 272 lampiões então existentes eram locados pela municipalidade a 1\$000 mensal cada um.

A primeira fase imigratória começa em 1824 e vai até 1836. O sistema adotado foi o da pequena propriedade, sem mesmo qualquer ensaio ao da parceria empregado em São Paulo.

Nos primeiros tempos cada colono recebia \$160 réis diários para 4 anos mais tarde ganhar \$200 réis diários no 1.º ano e \$100 réis no segundo ou apenas \$080 réis no segundo ano sendo ligado a família, além das ferramentas necessárias ao cultivo da terra.

A obra era do governo central e das colônias, e assim se caracterizou a primeira fase. A segunda fase foi até 1845 completamente debilitada pela revolução civil.

Surge a terceira fase que vai de 1845 até 1854 quando tudo começa a se desenvolver alcançando a 14.000 o número de colonos com uma produção de 1.200:000\$000 e 600:000\$000 de exportação. A quarta fase tem seu início com a lei de 3 de Novembro de 1854 em que se caracteriza a imigração contratada e onde aparece o colono como pequeno proprietário. Poucos anos depois toma vulto a imigração espontânea. Em 1850 a população colonial era já de 20.000 alcançando em 1873 a 40.000. Em 1874 com a imigração italiana se iniciou a quinta fase colonial. O governo central era quem propriamente dirigia a colonização procurando distribuir as terras por vendas fáceis. Por fim surge a última fase pela lei de Janeiro de 1894 em que a colonização passa à cargo do Estado.

O grande movimento de braços estrangeiros estava em declínio pela inconstância das leis que regularizavam a colonização. As despesas do Governo Central montavam a mil contos anuais o que não podia fazer o Estado que contava para isso com exíguas subvenções. Os nossos campos também se povoavam de bovinos, equinos, ovinos e suínos. A revolução de 35 dizimou as riquezas dos campos Riograndenses e só depois do decênio épico foi retomando o ritmo antigo. Os derivados animais e seus produtos constituíram uma fonte inicial de forte prosperidade. A primeira charqueada foi instalada em 1780 pelo cearense José Pinto Martins, em Pelotas. Daí surgiram outras congêneres e enormes interesses entrelaçaram-se nesse comércio de carne seca.

Em 1882 a exportação de charque atingiu a 797:000\$000 e em 1842 a 1.092:000\$000 para em 1847 alcançar a alta soma de 6.445\$000\$000.

O imposto pago em 1845 foi de 135:853\$270. Em 1893 a exportação alcançou a 12.353:000\$000 para já em 1919 chegar a 47.130:000\$000.

Em nosso século, então teve início a indústria da carne congelada e em conserva a-pesar-da lei n.º 510, de 7 de Novembro de 1862, que facilitava a incorporação de sociedades com o fim de industrializar a carne como se fazia no Prata. A indústria e mineração também veio dar impulso ao progresso geral da Província. A hulha foi verificada em 1810 e 1811 por Esshevege nas proximidades de Rio Pardo e que logo tomou incremento. A indústria extrativa teve assim sua inicial admirável e a madeira foi saindo das florestas para os mercados da Capitania. A erva-mate logrou alcançar em 1822 a 200.000 arrobas exportadas. A indústria fabril surgiu igualmente e todo êsse complexo de trabalho, de atividade, formava a imagem de uma grandeza que se esboçava dia a dia.

Tal era a função da terra a par da indústria do charque, dos grandes criadores, ruralistas que fomentavam o comércio que viria influir sôbre o destino econômico da Capital. As Colônias produziam bastante. São Leopoldo, por exemplo, exportava em 1842, 247.543\$800 para em 1859 alcançar mil contos. Produzia milho, batatas, cevada, feijão, farinha, manteiga, banha, cera, fumo, cerveja, vinho, graxa, queijo, ovos, galinhas, barrigueiras, estribos de ferro, lombilhos, etc. Como São Leopoldo outros muitos núcleos se extasiavam diante do trabalho promissor. E, logicamente, para melhor intensificar o comércio fez-se necessária a abertura de estradas.

Em 1845, a despesa com obras públicas foi de 68 contos de réis e no ano seguinte, já alcançava 179 contos de réis. A lei número 21, de 1846, dava poder para a abertura da estrada de Mundo Novo. Em 1872 foi entregue ao trânsito público a estrada ligando Porto Alegre às fronteiras de Uruguaiana e Missões. Uma luta tremenda se aviva para a conquista dos condutos, de estradas, de caminhos, por onde pudesse circular a riqueza dos produtos e da indústria da incipiente Província. E assim, também foram-se criando as estradas de ferro. A primeira que ligava Porto Alegre a São Leopoldo, visando essencialmente fins econômicos. Pela lei provincial n.º 599, de 10 de janeiro de 1867, estava o Govêrno apto a contratar a construção que coube a John Mac Genity com um contrato e privilégio de 70 anos e mais a garantia de 5% de juros sôbre o capital de 2.600:000\$000. A 26 de novembro de 1871 foram iniciados em São Leopoldo os trabalhos da estrada de ferro e que a 1.º de janeiro de 1876, seria entregue ao público, numa extensão de 33.756 metros. Mais tarde, porém, novas estradas surgiram. Como êsse meio locomotor, tinha ainda Porto Alegre a riqueza fluvial. Os primeiros trabalhos de canalização e balizamento de nossos rios e lagoas só teve início depois da revolução Farroupilha. O rio São Gonçalo foi o primeiro a merecer êsse melhoramento exatamente na junção da lagoa Mirim. Em seguida era tratado o balizamento da lagôa dos Patos e Guaíba bem como

a eliminação dos baixos. As despesas para tais serviços atingiram no exercício de 1845 e 46 a 12:000\$000 e no de 1877 a 462:000\$000 quantia que só foi ultrapassada em 1913 com 1.165:000\$000 e por fim em 1920 com 12:722\$000.

Por sua vez a navegação só se iniciou na Província a 7 de outubro de 1832 sob os auspícios de Domingos José de Almeida e Antonio José Gonçalves Chaves que atendiam seus interesses em Pelotas e Rio Grande.

O primeiro barco a vapor foi o "Liberal" que fazia suas escalas entre Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. Em 1832 êsse barco veio a Porto Alegre e subiu até Rio Pardo. A navegação lacustre naquella época era feita por iates, patachos e escunas.

Para manter o prosseguimento de tudo que se esboçava era mister possuir material humano preparado. A lei n.º 12, de 19 de dezembro de 1837, tratava da criação de um colégio de artes mecânicas, para ensino de moços pobres. Pela lei Provincial de 29 de maio de 1846, consignava uma verba para o ensino de menores nas oficinas do Arsenal de Guerra a exemplo do que nesse sentido fazia o Governo Imperial. Isso pouco satisfazia, pois os artesões nada podiam influir no desenvolvimento da lavoura, e zootécnica. — Em 1864 nova lei foi promulgada nesse sentido, sem resultado, pois nunca chegou a ser instalado nenhum instituto. A tentativa de Taquarí fracassou por falta de auxílio. A Estação Agronômica Experimental, instalada em 1898 nas proximidades de Porto Alegre, veio prestar um grande auxílio à preparação técnica. A criação do Instituto Parobé igualmente despertou energia ao desenvolvimento da riqueza.

A cidade povoada em 1740 foi atingindo plena forma, incorporada ao ciclo dos progressos inevitáveis. O comércio trepidava, havia transações, câmbios, boas reservas de culturas e produtos exportáveis. Os rios ondulavam-se com as embarcações pejadas de mercadorias, com o trabalho acumulado que representava capital, prosperidade completa e alviçareira.

Em 1877, a exportação era feita para Jaguarão, Rio Grande, Pelotas, Santos, Ceará, Baía, Pernambuco, Montevideu, Buenos Aires, Hamburgo, Plymouth e Lisboa. Os produtos exportados eram o couro, erva-mate, polvilho, fumo, cabelo, toucinho, charque, cera, arreios, farinhas de mandioca, de milho e de centeio, aguardente, amendoim, chifres, linhos, azeite, têlhas, rapaduras, melaço, pinhão, vinho, chinelos, milho e outros gêneros de produção da Província.

O que mais compravam a Alemanha e o Uruguai, era fumo e erva-mate, Inglaterra e Portugal, fumo; Baía, graxa e sebo; Pernambuco, farinha de mandioca, milho e arroz; São Paulo, charque, fumo, arreios, cerveja, linguiça, lã e vassouras. Ainda na época, a plantação do limoeiro era enorme. O vereador Francisco Pinto, para maior economia do erário público, propunha que o campo da várzea fôsse

fechado com cerca de espinho. Já nesse tempo a evolução e progresso, o desenvolvimento econômico de Porto Alegre apresentavam formas melhoradas. Fabricavam-se cigarros, chapéus, calçados e havia estabelecimentos, cortumes e metalúrgicas. Fundava-se em 1858 o Banco da Província do Rio Grande do Sul com o capital de 1:000\$000 e que hoje é um dos modelos nacionais entre os institutos de crédito do país. Daí aos nossos dias o complexo econômico formou o caudal de 1940, a mais alta imagem do progresso e da paz, onde se empenha o amor de diversas gerações empenhadas pelo glorioso engrandecimento do Brasil.

Nótulas Bibliográficas

Museu de Entre-Rios — Memórias

E' grande a atividade publicitária do Museu de Entre-Rios — Paraná — Rep. Argentina. Grande e valiosa. São já em grande número as memórias que tem publicado, sobre os mais variados assuntos culturais: paleontologia, arqueologia, botânica, zoologia, história e folclore.

Destas acaba de receber o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul os seguintes:

Notas Arqueológicas — Sobre algumas piezas arqueológicas de San Juan. — II) — Piezas enteras de alforeria del litoral existentes en el Museu de Entre-Rios — por Vitor M. Badano (2 folhetos — 1938 — 1940 — Paraná — Rep. Arg.).

Examina o autor, nestes folhetos, uma cabeça humana (estatueta da região diaguita), um vaso (talvez urna funerária...) e um cabo (empunhadera), provavelmente de algum bastão símbolo de mando ou culto, de pedra, terminado por uma figura humana (?).

No segundo são estudados diversos vasos, pratos, bacias, urnas funerárias, umas lisas, outras decoradas, de argila, de diversas culturas, especialmente guaraní, a qual pertence, segundo o autor a urna decorada que, de certo modo nos recorda a maravilhosa decoração dos nossos indígenas do Marajó.

E' um trabalho de grande interesse e valioso subsídio para o estudo da pre-história americana.

Prospecto de um establecimiento de Educacion para senoritas — Primer escrito de Sarmiento — Reimpresión facsimilar — Introducción de Vitor M. Badano — 1942 — Paraná.

E' curioso esse "Prospecto" no qual o grande Sarmiento demonstra seu grande interesse e cuidado pela causa da educação, especialmente da mulher sempre, naqueles tempos (primeira metade do século passado), relegada a plano secundário em matéria educacional. À mulher bastava saber ler e assinar o nome. Maior cultura era-lhe proibido ter. Sarmiento, sem alarde, insurge-se contra isso e se propõe fundar um establecimiento educacional para senhoritas. Foi, assim, pioneiro da cultura feminina na América o grande Comingos Faustino Sarmiento que bem merece culto especial não só na Argentina, como em toda a América.

O Museu de Entre-Rios reeditando o raríssimo e desconhecido trabalho de Sarmiento, divulga legítimo cimélio americano.

Descripción de Paraná. — 2 — como se construía un Rancho en 1858 — Traduzido por C. Witthaus da Obra de Germán Burmeister. — 1942. — Paraná — Rep. Argentina.

Reproduz este folheto do Museu de Entre-Rios um trecho da obra do Dr. Hermann Burmeister, viajante alemão que percorreu os Estados do Prata de 1857 a 1860 deixando extenso relato — *Reise durch die La Plata Staaten* — etc.

Esta obra, diz o dr. Badano, é pouco conhecida dos leitores de língua espanhola, pois somente fragmentos foram traduzidos. O sr. C. Witthaus, seguindo os que o precederam, também nos dá, apenas, tradução de um fragmento novo: a descrição da cidade de Paraná, capital de Entre-Rios e a descrição de como se construía um rancho em 1858. Embora interessantes e de valor, são, contudo, esses fragmentos demasiado regionais, e obra de verdadeiro valor teria feito o sr. Wittshaus si tivesse traduzido a obra toda que, pela amostra, parece de grande interesse histórico-etnográfico.

Observaciones Meteorologicas registradas en Paraná por el Coronel Espejo en 1856, — por J. R. Baez. — apartado de la "Revista Argentina de Agronomia — 1940 — Marzo.

Trata-se da reprodução de observações meteorológicas, aliás de grande valor, feitas pelo coronel Jerônimo Espejo, em 1856, na cidade de Paraná — Argentina.

A divulgação que o sr. Baez acaba de fazer precedida de pequena introdução, e que o Museu de Entre-Rios distribuiu em separata é de importância para os estudos americanistas quer pelo assunto, quer pela personalidade que firmou as interessantes observações. — *W. Sp.*

Vertebrados Fósseis do Rio Grande do Sul — (Revisão)
— por Carlos de Paula Couto — Porto Alegre — 1943.

Estudioso dos mais sérios e bem intencionados é o sr. Carlos de Paula Couto. E' raro, em nossos dias, encontrar-se quem, tendo er-
rado por si só, com seu próprio estudo, notou ter errado e, com a co-
ragem do verdadeiro homem, volta atrás e faz magnífico estudo de
revisão, estudo que é, por si só um padrão de glória para o autor.

A Paleontologia é uma ciência ingrata por natureza e todo cui-
dado é pouco para fugir a perigosas teorias ou generalizações. E aí
está, justamente, o grande valor do sr. Paula Couto que nunca gene-
raliza e só trabalha com a nobre intenção de estudar e divulgar. —
W. Sp.

Anthropological Papers. — Based principally on studies
of the prehistoric archeology and ethnology of the Gre-
ater Antilles, — by Adolfo de Hostos. — San Juan, Puer-
to Rico — 1941.

Historiador oficial de Porto Rico, o sr. Adolfo de Hostos, com
a autoridade que lhe confere o título apresenta-nos interessantes e bem
documentados estudos sobre a prehistória portorriquenha e das Gran-
des Antilhas.

Nas 211 páginas ilustradas de sua obra fornece-nos elementos
preciosos sobre a cerâmica e mais objetos de uso e culto dos primiti-
vos habitantes, suas culturas e distribuição em Porto Rico e Grandes
Antilhas.

E' curioso notar-se a semelhança que existe entre o material ce-
râmico e lítico estudado pelo sr. Hostos e os encontrados e estudados
por diversos no sul, centro, este, oeste e norte da América do Sul, o
que nos faz crer numa raça única primitiva que se dispersou unindo-
se depois, a outras que aportaram às plagas americanos, formando,
assim, as diferenciais de cultura que distinguem as várias clans. E'
a obra do sr. Hostos trabalho de mérito, digno dos maiores encômios.
— *W. Sp.*

La "Colección" de D. Pedro de Angelis — *Groussac y el "Diario" de D. Diego de Alver. — Assuntos bibliograficos de Teodoro Becu — Talleres Graficos S. A. Casa Jacobo Penser, Ltda. — Buenos Aires — 1941.*

É famosa sob todos os pontos de vista, embora não seja raridade absoluta, a famosa "Coleção de Angelis", tão citada e compulsada pelos modernos historiadores que, ao já feito, preferem os documentos, se não originais, ao menos os publicados, como os de de Angelis.

O trabalho bibliográfico — valiosíssimo e inestimável — que publicou o dr. Teodoro Becu sobre a "Coleção de Angelis" tem, além do mérito bibliográfico propriamente dito, o de dar a conhecer, em suas linhas gerais, um 7.º volume desconhecido quasi — raro em verdade — e que, como os demais é valioso, e, para nós, no Brasil de grande importância, pois que, nesse desconhecido sétimo volume foram inseridos por de Angelis trabalhos de mérito sobre o Rio Grande do Sul, como o *Diário* de Alvear, que começa com o "reconhecimento da Lagoa Mirim — os termos neutrais entre o Chuí e o Taim, e o Rio Grande de S. Pedro", e outros.

Como se vê, a informação bibliográfica do dr. Becu é digna de todo apreço e não seria demais se, agora, se fizesse uma nova edição da obra do benemérito D. Pedro de Angelis, pois tal publicação é, hoje, uma necessidade. Ao dr. Teodoro Becu, cuja capacidade e cultura está acima de qualquer encômio, aqui deixamos a sugestão na esperança de que consiga editor para tão meritória reedição completa. — *W. Sp.*

Bosquejo de uma Introducción al Folklore — *Augusto Raul Cortazar — Tucuman — Argentina — 1942.*

São duas conferências de grande mérito sobre estudos de folclore, sua caracterização, métodos, bibliografia, prática e técnica, realizados pelo professor Augusto Raul Cortazar na Universidade Nacional de Tucuman (Arg.) em 1941.

Definindo *folclore*, diz o dr. Cortazar "que é a ciência que recolhe e estuda as manifestações coletivas, com valor funcional na vida do povo, que as pratica de forma empírica e tradicional".

E, nessa verdade, se baseiam os demais capítulos das duas conferências de incontestável mérito e grande significado, que o professor Augusto Raul Cortazar realizou na Universidade de Tucuman, para gáudio e proveito não só dos que o ouviram mas também dos que, como nós, o estamos lendo neste momento, graças à bela publicação feita pelo Instituto de História, Linguística y Folklore, da referida Universidade de Tucuman. — *W. Sp.*

Alexandre de Gusmão — El Precursor de Monroe y Las Directrices del Tratado de Madrid — *Renato Mendonça* — Editora Cultura — México — 1941.

O Sr. Renato Mendonça é nome que, pelo acurado de seus estudos e ensaios históricos e linguísticos se impôs nos meios intelectuais do Brasil e do estrangeiro, como o prova com a presente publicação feita pelo Instituto Panamericano de Geografia e História, no México.

Aliás, para nós, a presente monografia não encerra novidade, pois que é, apenas, tradução para o espanhol de seu primoroso estudo-tese apresentado, com o título — *Os sete povos das Missões e o Tratado de Madri* — ao III Congresso Sulriograndense de História e Geografia.

O autor evoca a obra do grande Alexandre de Gusmão que qualifica, com inteira justiça, “precursor de Monroe”.

Aliás, as idéias panamericanistas, no Brasil do século XVIII não foram privilégio de Alexandre de Gusmão, pois já antes, se se atentar bem no sentido dos movimentos libertários e independencistas de 1700 aos dias áureos do insigne santista, encontrá-las-emos em 1710, em Pernambuco e antes, até, com Manuel Beckman — o Bequimão — rico proprietário maranhense, e, quiçá, na Baía nos tumultos de 1682 e 1712. E as bandeiras? — Não seriam, também, movimento americanista, do nativo contra o espanhol? — *W. Sp.*

Eduardo de Araujo — Assiz Brasil — Vitor Russomano
— *Castilhos Goycochêa* — Publicações da Academia Riograndense de Letras — Porto Alegre, 1941.

O nosso ilustrado confrade Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa que é sem dúvida uma das mais formosas inteligências do Sul do Brasil, ao tomar posse de membro da Academia Riograndense de Letras, proferiu uma notável peça oratória que acaba de ser divulgada em livro.

Em seu estudo, trata o eminente historiador de 3 figuras empolgantes do nosso cenário intelectual: Eduardo de Araujo, Assiz Brasil e Vitor Russomano. Assiz Brasil, patrono da cadeira que Castilhos Goycochêa ocupa na Academia, mereceu, por isso, uma maior análise sob seus diferentes aspectos.

O saudoso homem público riograndense é estudado como doutrinador, político, diplomata, homem de letras, jornalista, filólogo, parlamentar, estadista, criador de riquezas, enfim, um espírito e uma personalidade sob a aguda análise de uma vigorosa inteligência que é a cerebração de Castilhos Goycochêa. — Não é menor o acerto com que estuda a obra poética de Eduardo de Araujo e a personalidade literá-

ria e política de Vitor Russomano, o valoroso parlamentar e acadêmico prematuramente desaparecido.

Castilhos Goycochêa, sendo contista, historiador, cronista, é também um perfeito biógrafo e psicólogo, tal tem sido a revelação do seu talento em sua copiosa obra literária. — Nesse seu novo trabalho está plenamente confirmada sua fama de heráldico escritor e crítico sereno e desapaixonado. *O. S.*

Santa Catarina no Exército — Henrique Boiteux — 2 volumes — Biblioteca Militar — Rio de Janeiro — 1942.

É uma admirável contribuição à história nacional, o estudo que o almirante Henrique Boiteux acaba de divulgar em seu recente trabalho de patriótica pesquisa. — São dois grossos tomos onde são identificados os mais brilhantes nomes de Santa Catarina que dedicaram sua vida ao serviço militar do Brasil.

A biografia desses vultos que alcançaram altas patentes no serviço ativo do exército, é feita com grande maestria, com enorme interesse histórico notadamente ao delinear a conduta e o perfil moral de cada um. Bem merecem esses vultos catarinenses glorificação de tal natureza magistralmente realizada pela inteligência sempre posta ao serviço de princípios patrióticos e salutares do almirante Henrique Boiteux.

De há muito que os nossos homens de cultura vêm se dedicando a esse trabalho de investigação constante incorporando ao patrimônio da história geral do Brasil, preciosos elementos indispensáveis para uma obra completa de caráter honesto e de expressão fundamentalmente histórica. Com esse novo trabalho do almirante Henrique Boiteux "Santa Catarina no Exército" muito ganharam as letras nacionais — *O. S.*

Aspectos Gerais de Caçapava — Fortunato Pimentel — Tipografia Gundlack — Porto Alegre — 1942.

O sr Fortunato Pimentel está realizando uma excelente obra histórica, uma apreciável contribuição à história geral do Estado merecedora dos mais vivos e calorosos aplausos.

"Aspectos Gerais de Caçapava", seu novo livro, é uma obra que deverá ser manuseada por todos os estudiosos, por todos aqueles que queiram escrever sobre a vida econômica, administrativa, política, particularidades ruralistas, cultura, pecuária e todo o complexo indispensável para o progresso de um rico município.

Um ótimo e honesto trabalho. — *O. S.*

Alguns Aspectos Gerais de Municípios Riograndenses — Fortunato Pimentel — 1942.

O sr. Fortunato Pimentel é infatigável na sua árdua tarefa de pesquisas históricas. Neste trabalho que temos em mão aparece o resultado da sua inteligência sempre posta ao serviço de princípios patrióticos e culturais.

Com a série de estudos, que o autor vem realizando de diversos municípios do Estado, consolida-se e unifica-se em breve tempo uma obra interessante e indispensável ao grau de cultura a que alcançaram nossas instituições de caráter públicas e particulares.

Esperamos que o sr. Fortunato Pimentel continue na sua benemérita e louvável iniciativa intelectual de puro sabor histórico. — O. S.

Campanha da Princesa — Alfredo Valladão — vol. III — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Lt. — São Paulo — 1942.

O sr. Alfredo Valladão que goza de um justo renome como escritor e como historiador, com a "Campanha da Princesa" veio enriquecer mais ainda não só sua vasta bagagem literária como as letras históricas do Brasil. — É um estudo minucioso o que acaba de divulgar o autor, da sua terra natal, em Minas Gerais.

Nada escapou à sua perspicaz inteligência pondo em destaque o progresso cultural em todos os setores da rica região mineira. Nos 24 capítulos de que se compõe a obra, narra e analisa os acontecimentos e iniciativas de maior importância e que mais cooperaram para o engrandecimento da Campanha da Princesa. — Um trabalho sério, completo e meditado com ótima substância documental. — O. S.

Uma pesquisa de Padrão de Vida — Oscar Egídio de Araujo — Departamento de Cultura — 1941.

O estudo que o sr. Oscar Egídio de Araujo acaba de divulgar é de legítimo sabor técnico e muito se recomenda pela clareza da exposição e acerto dos conceitos emitidos. — Não são comuns trabalhos dessa natureza e que se tornam até mesmo indispensáveis para estudos Superiores das nossas universidades.

Belas páginas, instrutivas, orientadoras, merecedoras de todos os aplausos. — O. S.

O Barão de S. Leonardo — Plácido Aderaldo Castelo. — D. E. I. P. — Fortaleza — Ceará — 1942.

É um pequeno estudo biográfico do Coronel cearense Leonardo Marques Brasil, Barão de São Leonardo.

O autor põe em relêvo as qualidades morais e sentimento patriótico do ilustre brasileiro que com tanta retidão viveu 74 anos. — O sr. Plácido Aderaldo Castelo fez uma brilhante síntese dêsse vulto admirado do Ceará onde sua atividade deixou marcos indeléveis de nobreza e de uma perfeita conduta de homem raro e honesto.

Como êste, há muitos vultos por êsse Brasil imenso que merecem ser lembrados, biografados e estudados, incorporando-os assim ao patrimônio moral do país como elementos que honraram velhas gerações que passaram. — O. S.

A alma do Jurista — B. de Siqueira Ferreira — Universidade de São Paulo — 1942.

“A Alma do Jurista” encerra o discurso de paraninfo proferido pelo Prof. B. de Siqueira Ferreira à turma dos bacharelados de 1941 da Universidade de São Paulo.

É uma peça oratória bem urdida, cheia de ensinamentos, de princípios jurídicos e de sentimentos claros na orientação da justiça. Como é fácil compreender-se, êsse trabalho está vazado num estilo apropriado à cerimônia universitária de fim de curso, o que não impede que o autor use de severidade na apreciação do sistema jurídico atual, legislações que não correspondem ao senso histórico e científico das leis substantivas.

Neste mesmo opúsculo vem publicado em apêndice o discurso do bacharelado Mario Romeu de Lucca, orador oficial da turma, belo trabalho de conceitos oportunos. — O. S.

Naturaleza y Vida — Alfred North Whitehead — Buenos Aires — 1941.

O sr. Risieri Frondizi dá-nos uma esplêndida tradução do celebrado filósofo inglês Whitehead tão pouco conhecido na literatura hispano-americana. “Naturaleza y Vida” condensa um trabalho de meditação profunda e admirável. — As conclusões indutivas que o caminho de lógica abre à inteligência do homem, esclarecem invariavelmente uma série de fenômenos quase sempre transcendentais. Basta êste complexo problema do corpo e da alma de que se compõe a vida e o destino tão diversos de cada uma dessas partes e de sua composição orgânica, para apaixonar todos os sábios e criar continuamente novas teorias filosóficas.

Êste tratado que tanto eleva a cultura do seu autor apresenta um tema belo e extremamente palpitante. — O. S.

La libertad, la existencia y el Ser — Miguel Angel Virasoro — Ensayos filosoficos — Buenos Aires — 1942.

Eis uma obra de grande colorido psicológico e filosófico. — O sr. Miguel Angel Virasoro, vazou nesse livro um largo sentimento de subjetivismo humano, discutindo e analisando os mais complexos problemas sobre a liberdade, a existência e o ser.

Pela sutileza dos temas classificou seus admiráveis estudos em meditações. Seu livro atinge exatamente a 12 meditações cada qual desdobrada em capítulos. E' sem dúvida um livro de idéias serenas onde é analisado o conjunto espiritual com os mistérios do ser humano à luz da dialética filosófica.

O autor demonstra uma sólida cultura ao desenvolver seu trabalho de alta responsabilidade temática. — O. S.

Spinoza — León Dujoane — Tomo III — Ensaio filosofico — Buenos Aires — 1942.

O excelente livro que nos apresenta León Dujoane é um ensaio substancioso onde o famoso filósofo aparece vivamente analisado com todo sabor filosófico que impõe sua doutrina.

A clareza de exposição e profundidade dos conceitos que apresenta a obra coloca seu autor em alto conceito entre os escritores de sólida cultura. — Os problemas embora altamente transcendentais são abordados com segurança absoluta. Assim Spinoza é observado à luz dos mais adiantados preceitos filosóficos, esquematicamente, teorias comparadas, seu neoplatonismo, mística e metafísica com a influência exercida sobre o pensamento universal. Uma obra de alta vivacidade cultural. — O. S.

Índice Hemero-Bibliografico de Eugênio Maria de Hostos — 1863 - 1940 — Adolfo de Hostos — San Juan — Puerto Rico — 1940.

É um trabalho rigorosamente bem feito onde está registrado todo o movimento bibliográfico de Eugênio Maria de Hostos, o grande polígrafo da América Central. — Além do trabalho de compilação admiravelmente coordenado, há também o trabalho gráfico recomendável sob todos os aspectos.

Ao ser comemorado o centenário natalício dêsse notável homem de letras, pensador e idealizador, o sr. Adolfo Hostos fez uma obra útil, bela e indispensável ao panorama cultural de Puerto Rico. — O. S.

La poesia de Gaston Figueira — Ema Santandrer Morales — Montevideo — 1942.

“La Poesia de Gastón Figueira” que Ema Santandrer Morales acaba de publicar é um pequeno estudo muito bem lançado e sintetizado, do admirável poeta uruguaio Gastón Figueira.

O poeta é interpretado sob o clima da sua forte beleza, poemas que, fugindo aos princípios clássicos que os carunchados caturras mandam ler para depois imitá-los, não deixam de ter sua poesia pura, melodia à vista da razão e da sensibilidade. A autora sentiu o poeta como a natureza o sentiria, como a arte espontânea o sente: sem artifícios e sem tibiezas — Apenas poeta para ser mais que artista, para ser tudo. — O. S.

El Nord-Este de Entre Rios — Fundacion de Concordia — Cesar B. Perez Colman — Paraná — R. Argentina — 1938.

O livro que nos envia o Museu de Entre Rios é um livro precioso de pura essência histórica. O ilustrado historiador César B. Perez Colman realizou um trabalho concienzoso, altamente instrutivo, amparado em ótima documentação.

Ainda que a história americana do Sul esteja feita em suas linhas gerais, sempre há cousas novas a analisar e a divulgar. No ângulo dos acontecimentos particulares e no desenvolvimento parcial das novas nacionalidades continentais os estudiosos têm muito ainda a fazer. Os arquivos guardam preciosidades nesse sentido.

Os “apontamentos históricos”, como seu autor denomina seu substancial trabalho, são um estudo que merece aplausos e apurada atenção de todos os historiadores. — O. S.

Homenaje al V.º Centenario de la Imprenta — Mayor (R.) Ignacio T. Camps — Buenos Aires — 1940.

Uma pequena mas ótima monografia que trata do 5.º centenário da introdução da imprensa no mundo com o advento Gutenberg no ano de 1440. O trabalho apresenta diversos fac-símiles de jornais, os mais antigos da Província de Entre Rios.

É uma curiosa contribuição ao desenvolvimento histórico da imprensa nesta parte da América. — O. S.

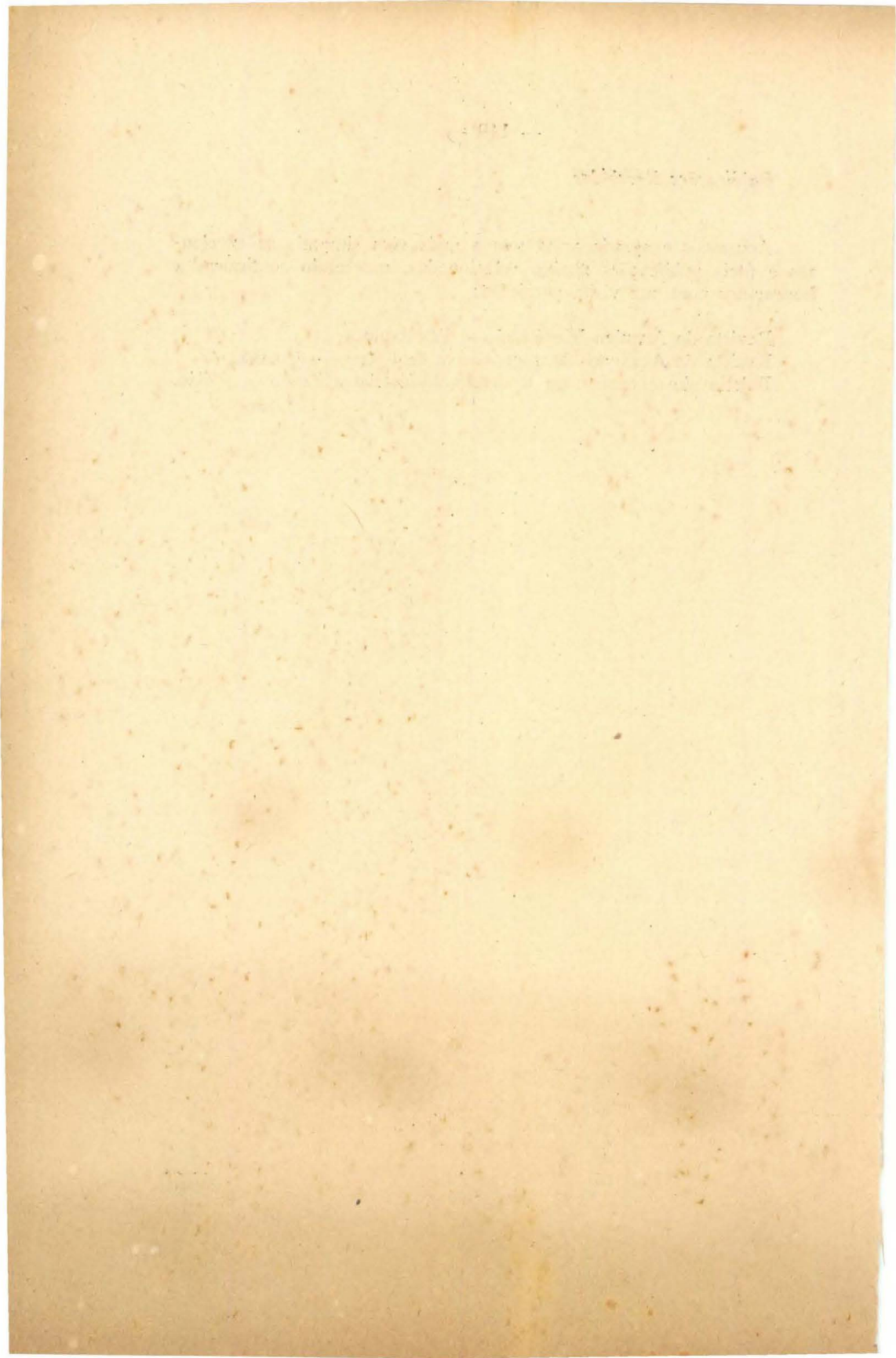
Publicações Recebidas.

Acusamos e agradecemos com a mais viva simpatia as excelentes e úteis publicações abaixo relacionadas, esperando continuem a honrar-nos com sua visita periódica:

Revista do Arquivo Municipal — São Paulo.

Revista da Academia Matogrossense de Letras — Cuiabá.

Boletim do ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — Rio.



**INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL**

DIRETORIA

Presidente — Prof. Otelo Rosa.
Vice-Presidente — Dr. Manoel Duarte.
Secretário perpétuo — Dr. Eduardo Duarte.

2.º *Secretário* — Dr. Jorge Godofredo Felizardo.

Tesoureiro — Prof. Afonso Guerreiro Lima.

Orador — Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Bibliotecário — Dr. Olinto Sanmartin.

COMISSÕES

a) *De Fundos e Orçamento*

- 1—Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
- 2—Cel. Gastão Hasslocher Mazon
- 3—Dr. João Maia
- 4—Dr. Edgar Luiz Schneider

b) *De Estatutos e Redação da Revista*

- 1—Dr. Eduardo Duarte
- 2—Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
- 3—Dr. Jorge Godofredo Felizardo
- 4—Dr. Edgar Luiz Schneider

c) *De História*

- 1—Dr. Darcí Azambuja
- 2—Pad. Luiz Gonzaga Jaeger S. J.
- 3—Mansueto Bernardi
- 4—Dr. Manoel Duarte

d) *De Geografia*

- 1—Prof. Afonso Guerreiro Lima
- 2—Prof. J. A. L. Tupi Caldas
- 3—Prof. Walter Spalding
- 4—Dr. Olinto Sanmartin

e) *De Arqueologia, Etnografia e Paleontologia*

- 1—Prof. J. A. L. Tupi Caldas
- 2—Prof. Angelo Guido
- 3—Carlos de Paula Couto
- 4—.....

f) *De Folklore e Língua dos Indígenas*

- 1—Prof. Angelo Guido
- 2—Cel. Manoel Faria Corrêa
- 3—Cel. Luiz Carlos de Moraes
- 4—Dr. Manoelito de Ornelas

g) *De Admissão de Sócios*

- 1—Dr. Eduardo Duarte.
- 2—Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
- 3—Dr. Jorge Godofredo Felizardo
- 4—Cel. Luiz Carlos de Moraes.

REVISTA

**DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO SUL**

(FUNDADA EM 1909)

• Registrada de acôrdo com as exigências da lei.

• Publicação trimestral

• Órgão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

• Reconhecido de utilidade pública por decreto n.º 4373 de 24 de novembro de 1921.

• Assinatura anual 20\$000
Cada número 6\$000
Números atrasados: preços especiais.

• A Revista não se responsabiliza pelos conceitos emitidos por seus colaboradores.

• Toda a correspondência deverá ser remetida para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

• Solicitamos permuta.